



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

NELSON DIAS DO VALE

O SONHO DE UMA IGREJA MISSIONÁRIA

***REFLEXÃO PASTORAL A PARTIR DO DOCUMENTO DA
APARECIDA E DA EVANGELII GAUDIUM***

Dissertação final

sob orientação de:

Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga

2023

SIGLÁRIO

- AG Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto sobre a atividade missionário da Igreja *Ad Gentes* (7 de Dezembro de 1965).
- AL Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* (19 de Março de 2016).
- CIC *Código de Direito Canónico* (25 de Janeiro de 1983).
- CT João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de Outubro de 1979).
- DA CELAM, V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe *Documento da Aparecida* (13-31 de Maio de 2007).
- DC Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *Diretório para a Catequese* (25 de junho 2020).
- DCE Bento XVI, Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de Dezembro de 2005).
- DP CELAM, III Conferência geral do Episcopado Latino-Americano *Documento de Puebla* (23 de Março de 1979).
- DV Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de Novembro de 1965).
- EG Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de Novembro de 2013)
- EN Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de Dezembro de 1975).
- GS Conc. Ecum. Vaticano II, constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes* (7 de Dezembro de 1965).
- LG Conc. Ecum. Vaticano II. Constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen Gentium* (21 de Novembro de 1964).
- RICA *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos* (6 de Fevereiro de 1972).
- VD Bento XVI, *Verbum Domini* (30 de Setembro 2010).

Resumo

À luz do *Documento da Aparecida* e da *Evangelii Gaudium*, a presente dissertação pretende explorar o paradigma de uma Igreja missionária, como resposta aos desafios dos tempos atuais. Apresenta uma reflexão pastoral que parte da análise de algumas características do mundo moderno e a suas principais consequências na sociedade e na instituição eclesial. Trás à luz a reforma missionária da Igreja que implica um novo agir eclesial, no qual a Igreja se descentraliza de si para ir ao encontro de todos. Alude à centralidade dos pobres no coração da Igreja e à formação de pequenas comunidades de discípulos missionários. Por fim, trata a transformação missionária da comunidade paroquial.

Palavras-chave: *Documento da Aparecida*; *Evangelii Gaudium*; desafios dos tempos atuais; Igreja missionária; centralidade dos pobres; paróquia missionária;

Abstract

In light of the *Aparecida Document* and *Evangelii Gaudium*, this dissertation aims to explore the paradigm of a missionary Church as a response to the challenges of our times. It presents a pastoral reflection that starts from the analysis of some characteristics of the modern world and its main consequences in society and in the ecclesial institution. It brings to light the missionary reform of the Church, which implies a new ecclesial action, in which the Church decentralizes itself to go out to meet everyone. It alludes to the centrality of the poor at the heart of the Church and the formation of small communities of missionary disciples. Finally, it deals with the missionary transformation of the parish community.

Keywords: *Aparecida Document*; *Evangelii Gaudium*; challenges of current times; missionary Church; centrality of the poor; missionary parish;

Índice

SIGLÁRIO.....	2
Resumo	3
Abstract.....	3
Índice.....	4
Introdução.....	6
1. O projeto missionário à luz do <i>Documento da Aparecida</i>.....	9
1.1. A reforma a despontar na América-Latina	9
1.2. Um olhar sobre a realidade	12
1.3. Igreja discípula missionária	16
1.4. Opção preferencial pelos pobres.....	23
1.5. Pequenas comunidades eclesiais de discípulos missionários	27
2. O projeto missionário, a partir da <i>Evangelii Gaudium</i>	31
2.1. Articulação entre <i>Evangelii Gaudium</i> e o <i>Documento da Aparecida</i>	31
2.2. Desafios dos tempos atuais, a partir da <i>Evangelii Gaudium</i>	34
2.3. Evangelização da Igreja evangelizadora.....	36
2.4. Igreja pobre para os pobres.....	45
3. Transformação missionária da comunidade paroquial.....	52
3.1. Âmbito para a escuta da palavra de Deus	52
3.1.1. A Lectio Divina	54
3.1.2. Catequese.....	56
3.1.3. Homilia	57
3.2. Espaço para a formação de discípulos missionários de Jesus Cristo.....	60
3.2.1. Iniciação cristã	61
3.2.2. Catequese permanente	66
3.2.3. Família	70
3.3. Missão.....	75
Conclusão	79

Bibliografia Geral..... 83

Introdução

Qual deverá ser a postura da Igreja (referimo-nos a todos e a todas, dos/as consagrados/as aos/às leigos/as) face aos desafios das mudanças da sociedade contemporânea? Afinal, a ideia de que a Igreja está desatualizada e que não está a conseguir acompanhar as mudanças antropológicas-culturais está muito presente na mentalidade da sociedade atual. Mas temos de nos questionar se realmente a Igreja é incapaz de dar uma resposta aos desafios colocados pelas mudanças sociais.

Efetivamente, a Igreja não vive tempos fáceis. A humanidade atravessa uma profunda transformação, há uma grande difusão do ateísmo, existe um enfraquecimento da fé, assistimos a uma grande crise da prática religiosa institucional e temos uma Igreja sem grande credibilidade e vitalidade. Os tempos que vivemos são extremamente desafiantes e não podemos continuar a agir como se os valores de referência fossem os mesmos das gerações passadas, ignorando as grandes mudanças da atualidade. Por isso, é urgente assimilar todas estas complexas mudanças para assim, a partir delas, encontrarmos novos caminhos para a Igreja.

Para o efeito, o presente trabalho pretende refletir sobre a postura evangelizadora que a Igreja precisa de adotar face aos desafios dos tempos. Tais desafios decorrem do mundo contemporâneo marcado por grandes mudanças que afetam a sociedade e a vida concreta das pessoas, impelindo a Igreja para uma ação renovada.

A motivação para realizar o seguinte texto vem do interesse pela temática da renovação das estruturas eclesiais, da convicção de que a Igreja tem um papel fundamental na sociedade atual e que é possível transmitir a fé e anunciar o Evangelho, apesar de todas as controvérsias. Assim, com este trabalho temos o desejo de compreender quais poderão ser os caminhos do futuro da Igreja, perante todas as mudanças socioculturais que estamos a vivenciar.

Trata-se de um estudo pragmático, no qual, para o alcance do objetivo proposto, teremos como ponto de referência dois grandes documentos: o *Documento da Aparecida* e a *Evangelii Gaudium*. Consideraremos, ainda, os resultados das conferências do episcopado Latino-Americano que antecederam o *Documento da Aparecida*: no Rio de Janeiro, em Medellín, em Puebla e em Santo Domingo. Além disso, temos também como apoio documental um leque alargado de artigos científicos, livros e documentos do magistério, que refletem sobre esta problemática.

No primeiro capítulo, tomaremos como ponto de partida o *Documento da Aparecida*, no qual se repensa a missão da Igreja nas novas circunstâncias do mundo. Começaremos por perceber como este surgiu, abordando o seu contexto, qual o tema que se propõe tratar, os

objetivos que pretende alcançar, como está organizado, a continuidade que estabelece com as restantes conferências do episcopado Latino-Americano, e o motivo pelo qual o mesmo é tão importante para a Igreja na atualidade.

Ainda no primeiro capítulo, refletiremos sobre as transformações da sociedade contemporânea. Neste sentido, identificaremos as grandes alterações ocorridas e também os fatores que provocam essas mudanças e que enfraquecem o dinamismo da evangelização. De seguida, iremos observar em que consiste o caminho de evangelização e renovação eclesial que o *Documento da Aparecida* nos propõe, para dar resposta aos desafios das mudanças da sociedade contemporânea.

No segundo capítulo, teremos como o ponto de referência a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Desde logo, começaremos por apresentar a Exortação Apostólica, evidenciando o tipo de linguagem utilizada, os destinatários, e o modo como está organizada. Além disso, também estabeleceremos os pontos em comum entre esta e o *Documento da Aparecida*.

Posteriormente, atenderemos aos desafios dos tempos atuais, a partir da *Evangelii Gaudium*. Com base no discernimento evangélico que o Papa Francisco faz dos tempos atuais, pretendemos debruçar-nos brevemente sobre alguns aspetos da realidade que podem prejudicar a renovação da Igreja.

Depois, veremos em que consiste o projeto de conversão pastoral, que o Papa Francisco propõe à instituição eclesial, para que ela possa responder aos diversos desafios da atualidade e corresponder à sua vocação e identidade. De tal forma, apontaremos o paradigma de Igreja que o Papa sugere e as implicações do mesmo. No entanto, antes, analisaremos os vários momentos da história da Igreja, identificando os acontecimentos que marcaram a reforma da mesma, com a finalidade de percebermos melhor o projeto de renovação do Papa Francisco. Além do mais, tentaremos compreender qual será o lugar da pobreza na transformação eclesial.

No terceiro capítulo, de uma forma prática, dispor-nos-emos a delinear um projeto de transformação missionária da comunidade paroquial, tendo por base aquilo que Francisco espera de uma paróquia na atualidade. Começaremos por ver como o atual bispo de Roma entende a paróquia, qual deve ser o seu centro, os seus objetivos e que tipo de atividades deve promover, a fim de continuar a transmitir a fé e o Evangelho, num mundo que oferece inúmeras possibilidades de escolhas e, por conseguinte, relega a fé para segundo plano ou então, é simplesmente esquecida.

Concretizando, não há dúvida de que a Igreja precisa de adotar uma nova postura evangelizadora, isto é, tem de passar por uma atualização, encontrando novos meios/métodos e formas de expressar e transmitir a fé, para assim realizar a sua missão: levar o Evangelho a

todos. Portanto, neste estudo, exploraremos o paradigma de uma Igreja missionária como resposta aos desafios do mundo contemporâneo. Veremos que a reforma das estruturas eclesiais só se concretiza na medida em que elas se tornam mais missionárias.

1. O projeto missionário à luz do *Documento da Aparecida*

O *Documento da Aparecida* apresenta-nos como elemento fundamental o conceito de conversão pastoral a partir da ideia de uma Igreja discípula missionária. Consideremos, pois, este documento como ponto de partida deste primeiro capítulo.

Em linhas gerais, sem a pretensão de ser exaustivos, procura-se explorar o projeto de conversão missionária no *Documento da Aparecida*, seguindo também, de muito perto, as conferências que a antecederam: no Rio de Janeiro, em Medellín, em Puebla e em Santo Domingo.

Começaremos por apresentar a Conferência da *Aparecida*, na continuidade das várias conferências do episcopado Latino-Americano. Em segundo lugar, procuraremos dar nota das grandes mudanças que afetam o mundo contemporâneo, destacando as suas principais causas, entre elas: a globalização, o ateísmo, o consumismo e o individualismo. Em terceiro lugar, consideraremos a eventual postura da Igreja face aos desafios do mundo atual, tendo presente a reforma do Concílio Vaticano II. Em quarto lugar, atenderemos à opção preferencial pelos pobres, realidade que atravessa as várias conferências Latino-Americanas. Por último, refletiremos sobre a formação de pequenas comunidades, nas quais estejam espelhadas as primeiras comunidades cristãs.

1.1. A reforma a despontar na América-Latina

Entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, os bispos da América reuniram-se em Aparecida, Brasil, para realizar a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Estiveram presentes 256 participantes: 162 bispos, 81 convidados, 8 observadores e 5 peritos.¹ Tinham como objetivo estimular a «ação evangelizadora da Igreja, chamada a fazer de todos os seus membros discípulos e missionários de Cristo, para que os nossos povos tenham vida n'Ele». (DA 1) A V Conferência Geral surge na continuidade de quatro que a antecederam, no Rio de Janeiro (1955), em Medellín (1968), em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992).

A Conferência no Rio de Janeiro decorreu num contexto agrário e é anterior ao Concílio Vaticano II. O tema central desta conferência foi: «a evangelização como defesa da fé e das vocações e a preparação do clero».² Apresentou um carácter apologético, pois tinha como objetivo defender a fé diante dos protestantes e dos movimentos anticatólicos. Adotou uma postura «de ataque aos erros da modernidade e de defesa do seu lugar primordial na

¹ Cf. Luis Duque, *El camino pastoral de la iglesia en América Latina e el caribe* (Bogotá: Editorial San Pablo, 2010), 53.

² Ney De Souza, «Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007). Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe», *Revista de Cultura Teológica*. 16, n. 64 (2008): 130, <https://doi.org/10.19176/rct.v0i64.15533>.

sociedade».³ Preocupou-se em formar leigos, com a finalidade de dar respostas às ameaças à fé católica e refletiu sobre os seguintes temas: «clero e auxiliares do clero; organização e meios de apostolado; protestantismo e outros movimentos anticatólicos; atividades sociais católicas; missões, indígenas e pessoas de cor; imigração e gente do mar».⁴ Foi nesta Conferência que se criou a CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americano).

A Conferência de Medellín foi aberta por Paulo VI e realizou-se na cidade de Medellín, na Colômbia, entre 24 de agosto e 6 de setembro de 1968, em pleno processo de industrialização. Teve como tema: «A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do concílio». Tratou da aplicação do Concílio Vaticano II, no contexto de pobreza da população latino-americana. Concentrou-se em três grandes temas: promoção humana; evangelização e crescimento na fé; Igreja visível e suas estruturas. Os elementos que mais caracterizam Medellín foram as reflexões sobre a pobreza e a libertação. Logo, adotou o método ver-julgar-agir.⁵ Assim sendo,

Medellín parte da realidade social, fazendo um estudo atento da realidade tanto econômica, política e social quanto eclesial do continente latino americano e caribenho(Ver). O segundo passo consistiu em identificar as interpelações que brotavam da realidade, analisando-as à luz da palavra de Deus, do Vaticano II e do magistério e da experiência de toda a Igreja (Julgar). O terceiro passo foi o de propor pistas de ação pastoral, visando transformar no sentido do reino de Deus e da libertação dos pobres, a realidade atravessada por estruturas de pecado e pelo clamor e esperança dos pequenos (Agir).⁶

A Conferência de Puebla aconteceu no ano 1979, no contexto da nova estratégia do capitalismo. Partiu do tema: «O presente e o futuro da evangelização na América Latina» e afirmou a «necessidade de uma Igreja “comunhão e participação”, num mundo pluricultural».⁷ Fala da perda do “substrato católico”, da evangelização da cultura e da opção pelos jovens. Por sua vez, promoveu o ecumenismo, valorizou a piedade popular, condenou as violências políticas, sobretudo o terror implementado pelas ditaduras militares, apelou a que os leigos se destacassem como bons cristãos na sociedade e denunciou as estruturas geradoras de desigualdades.⁸ Nela esteve presente o Papa João Paulo II.

A conferência de Santo Domingo foi realizada no ano 1992, no período da queda do muro de Berlim. Nela estão presentes três grandes preocupações: «a necessidade de uma nova

³ Agenor Brighenti, «Rumo à V conferência de Aparecida: caminhos de preparação e significado do evento», *Perspectiva Teológica* 39 (2007): 106.

⁴ Souza, «Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007). Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe», 130.

⁵ Cf. Souza, 133.

⁶ Souza, 133.

⁷ Agenor Brighenti, «Documento da aparição o contexto do texto», *Revista eclesiástica Brasileira* 67, n. 268 (2007): 774, <https://doi.org/10.29386/reb.v67i268.1479>.

⁸ Cf. Carlos Galli, «La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de Evangelii Gaudium», *Gregorianum* 96, n. 1 (2015): 37.

evangelização, com novos métodos, novo ardor e em novas expressões; a promoção humana, como encarnação do Evangelho da vida; e a cultura cristã como horizonte da presença da Igreja na sociedade».⁹ Optou pelo método ver-julgar-agir e também contou com a presença do Papa João Paulo II.

A Conferência de *Aparecida* surge num ambiente marcado por diversas coordenadas: a nível sociocultural, pela mudança cultural, pelo individualismo e pelo consumismo; a nível socioeconómico, pela globalização, que tem um lado positivo «como o acesso às novas tecnologias, mercados e finanças»,¹⁰ mas também um negativo, devido ao facto da «globalização concentrar o poder e a riqueza nas mãos da minoria, inclusive o conhecimento e as novas tecnologias»;¹¹ a nível sociopolítico, surge no âmbito de regimes democráticos; a nível ecológico, a situação é caótica, pois «subordina-se a preservação da natureza ao desenrolo económico: (...) a água é tratada pelas empresas como um negócio, ou disputada pelas grandes potências, como o caso da Amazónia».¹²

A V Conferência teve por tema – «Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida»; e, por lema – «Eu sou o caminho a verdade e a vida».¹³ Adotou o método ver-julgar-agir e traçou os seguintes objetivos: impulsionar a ação evangelizadora da Igreja; proteger e alimentar a fé do povo de Deus; repensar a missão da Igreja nas novas circunstâncias da América e de todo mundo; revitalizar o modo de ser católico; e mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários.¹⁴

A reunião, em *Aparecida*, deixou como herança um documento final, composto por três partes, dividido em 10 capítulos, num total de 554 números.

A primeira parte intitula-se «A vida de nossos povos hoje» e é composta por dois capítulos: o capítulo um - «Os discípulos missionários»; e o capítulo dois - «O olhar dos discípulos missionários sobre a realidade».

A segunda parte tem como título «A vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários» e é composta por quatro capítulos. O capítulo três versa sobre «A alegria de ser discípulo missionário para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo»; o capítulo quatro sobre «A vocação dos discípulos missionários à santidade»; o capítulo cinco é dedicado a refletir sobre «A comunhão dos discípulos missionários na Igreja»; o capítulo seis, por fim, sobre «O caminho de formação dos discípulos missionários».

⁹ Brighenti, «Rumo à V conferência de aparecida: caminhos de preparação e significado do evento», 109.

¹⁰ Agenor Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida* (Bogotá: San Pablo, 2008), 10.

¹¹ Brighenti, 10.

¹² Brighenti, 13.

¹³ Brighenti, «Rumo à V conferência de aparecida: caminhos de preparação e significado do evento», 104.

¹⁴ Cf. Duque, *El camino pastoral de la iglesia en América Latina e el caribe*, 55.

A terceira parte intitula-se: «A vida de Jesus Cristo para nossos povos» e é composto por quatro capítulos. O capítulo sete – «A missão dos discípulos a serviço da vida plena»; o capítulo oito – «O reino de Deus e a promoção da dignidade humana»; o capítulo nove – «Família, pessoas e vida» e o capítulo 10 – «Nossos povos e a cultura».

Por fim, neste documento, idealiza-se uma Igreja discípula missionária, na qual se dá ênfase a quatro momentos: experiência pessoal de fé; vivência comunitária; formação bíblico-teológica; compromisso missionário.¹⁵

1.2. Um olhar sobre a realidade

A partir do Concílio Vaticano II, com o discernimento dos sinais dos tempos, constata-se que o mundo contemporâneo é marcado por grandes mudanças que afetam a vida dos povos e que são um grande desafio para a Igreja. Têm a sua origem em vários fatores, entre eles destacam-se a globalização, o ateísmo, o consumismo e o individualismo.

A globalização é um fenómeno «de mudanças radicais caracterizado por uma integração mais estreita entre os países e os povos do mundo».¹⁶ Toca em várias dimensões da sociedade – economia, finanças, política, cultura, comunicação, entre outras. A sua larga expansão acontece com os avanços da «tecnologia e, em especial, da informática, da telemática, da rede de comunicação mundial (Satélites e “Internet”) e do mercado livre».¹⁷ Tem como características fundamentais a imediata comunicação global, aceleradas mudanças, criação de novos paradigmas e um contínuo aceleração destes processos.¹⁸

A globalização, também denominada como mundialização, apesar de ser um termo recente, está presente na humanidade, desde os seus primórdios. O primeiro fenómeno de globalização é representado pela expansão da raça humana no planeta.¹⁹ A segunda globalização verifica-se com o desenvolvimento da escrita e da memória.²⁰ A terceira acontece com a revolução industrial. As máquinas a vapor e a eletricidade revolucionam a forma de produzir. Consequentemente, surgem os «descobrimientos científicos e as inovações tecnológicas que se vão desenvolver no século XX, provocando uma aceleração progressiva e vertiginosa da globalização».²¹ A mesma também acontece com a Igreja, pois «a sua vocação

¹⁵Cf. Duque, 58.

¹⁶ CELAM, «Globalización y nueva evangelización en América Latina e el Caribe», 4, acedido 27 de Novembro de 2021, <https://dioscaminaconsupueblo.files.wordpress.com/2013/07/globalizacic3b3n-y-nueva-evangelizacic3b3n-en-al-y-c2.pdf>.

¹⁷ CELAM, 4.

¹⁸ Cf. CELAM, 5.

¹⁹ Cf. CELAM, *Evangelização da cultura hoje: oportunidades e ameaças* (Bogotá: Editora Celam, 2007), 23.

²⁰Cf. CELAM, 24.

²¹CELAM, 24.

é global, tende à totalidade; o reino de Deus é a globalização simultânea de toda a humanidade de todas as épocas».²²

Aparecida afirma que a globalização tem um lado positivo e outro negativo, já que se manifesta como «a profunda aspiração do género humano à unidade. Não obstante esses avanços, o Papa (Bento XVI) também assinala que a globalização “comporta o risco dos grandes monopólios e de converter o lucro em valor supremo”». (DA 60) Desta forma, para uma minoria tem um «significado de vida e criatividade, avanço e realização; e para uma grande maioria é egoísmo e frustração, exclusão e morte».²³ Assim sendo, surge: uma maior produção e riqueza mundial, contudo mal distribuída; uma boa comunicação intercontinental, porém não favorece aqueles que não têm acesso à rede em tempo real; uma luta contra as enfermidades e desastres naturais, todavia esquece-se dos povos mais vulneráveis.²⁴ Estamos perante uma globalização sem solidariedade que afeta sobretudo os mais pobres, visto que

segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só dos recursos físicos e monetários, mas sobretudo de informação e dos recursos humanos, o que produz a exclusão de todos aqueles não suficientemente capacitados e informados, aumentando a desigualdades que marcam tristemente o nosso continente e que mantêm na pobreza uma multidão de pessoas. (DA 62)

A globalização sem solidariedade enfatiza o fenómeno da exclusão social, gerando novos rostos de pobreza, mais concretamente: comunidades indígenas e afro-americanos, mulheres excluídas, jovens com uma precária educação, migrantes, agricultores sem terras, crianças submetidas à prostituição infantil, crianças vítimas de aborto, pessoas e famílias que passam fome e vivem na miséria, dependentes das drogas, as pessoas com limitação física, os portadores e vítimas de enfermidades graves, vítimas de violência, de terrorismo e de conflitos armados e presos em situação desumana. (Cf. DA 65)

A globalização procura a homogeneização de visões e de atitudes, na qual surge uma «assimilação de valores e comportamentos, e também uma nivelação e alienação da cultura».²⁵ Pretende retirar os valores e costumes cristãos das sociedades, estabelecendo um relativismo moral, onde se origina «uma liberdade exacerbada, sem referências à verdade e ao bem comum».²⁶ Este fenómeno influencia o ser humano e a sociedade a vários níveis: da vida humana, da sexualidade, do matrimónio, da família, e da economia.

Ao nível da vida humana, desenvolveu-se campanhas para a diminuição da natalidade, com o pretexto da superpopulação e da escassez de alimentos. Foram introduzidos os métodos anticoncetivos, tanto não abortivos como aqueles que provocam o aborto. Tudo isto provocou

²² CELAM, 25.

²³ CELAM, «Globalización y nueva evangelización en América Latina e el Caribe», 5.

²⁴ Cf. CELAM, 5.

²⁵ CELAM, 9.

²⁶ CELAM, 9.

um desequilíbrio geracional e afetou a consciência de milhões de mulheres, que abortaram e sofreram problemas de consciência.²⁷

Ao nível da sexualidade, surge a banalização da mesma, devido a uma má formação sexual e a uma imposição sexual que procura apenas a satisfação do prazer físico e coloca de lado a afetividade. Verifica-se também a difusão da homossexualidade e da transexualidade. Além disso, é proposto aos adolescentes que optem livremente pela sua sexualidade.²⁸ A difusão destes pressupostos

enfraquecem e menosprezam a vida familiar, encontramos a ideologia de género, segundo a qual cada um pode escolher a sua orientação sexual, sem levar em consideração as diferenças dadas pela natureza. Isso tem provocado modificações legais que ferem gravemente a dignidade do matrimónio, o respeito ao direito à vida e a identidade da família. (DA 40)

Ao nível do matrimónio e da família, foi introduzido o divórcio no mundo ocidental, idealizando-se de uma forma diferente as relações conjugais. Surge uma sociedade sem famílias estáveis, nas quais os filhos não têm referências paternas e são vítimas de graves problemas psicológicos e sociais.²⁹

Ao nível económico, é um facto que a globalização faz crescer a produção e a riqueza, contudo também são notórios os desequilíbrios económicos que a mesma provoca. Tal é constado nas desigualdades entre os países pobres e ricos, já que «uns países crescem, outros estão estancados e muitos outros se encontram numa gravíssima situação de declive económico».³⁰ Os países pobres não têm as mesmas oportunidades, os seus habitantes não têm acesso aos serviços básicos que estabelecem a dignidade humana e muito menos à tecnologia, que os impossibilita de integrar o processo de globalização. Tudo isto faz da globalização

um processo de iniquidades e injustiças múltiplas. A globalização, tal como está configurada atualmente, não é capaz de interpretar e reagir em função de valores objetivos que se encontram além do mercado e que constitui o mais importante da vida humana: a verdade, a justiça, o amor, e muito especialmente a dignidade e os direitos de todos. (DA 61)

A Igreja não condena a globalização, mas destaca que a mesma tem de ser solidária e tem de se reger segundo uma ética, na qual se promove a justiça e o respeito. O Papa Bento XVI enfatiza que «como todos os campos da atividade humana, a globalização deve reger-se também pela ética, colocando tudo ao serviço da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus».³¹

²⁷ Cf CELAM, 11.

²⁸ Cf. CELAM, 11.

²⁹ CELAM, 12.

³⁰ CELAM, 14.

³¹ Bento XVI, «Discurso Na Sessão Inaugural Da V Conferência-Geral Do Episcopado Da América Latina e Do Caribe», par. 2, acedido 8 de Dezembro de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html.

O ateísmo é um elemento que se destaca na realidade atual, difunde-se com muita facilidade, devido ao contributo dos meios de comunicação de massas, silenciando os valores cristãos. Vivemos num tempo influenciado profundamente pelas novas tecnologias e meios de comunicação, «a imprensa nunca registou condições tão propícias para se proferirem tiradas moralistas em desfavor da religião, ou (de modo mais restrito) do monoteísmo, ou (mais especificamente) do cristianismo, ou (mais precisamente) do catolicismo».³² Assim, a «religião passou a estar a mais, a ser vista, à maneira de Nietzsche, como inimiga da vida».³³

Perante todas estas novidades surgiram dois grandes grupos: o dos crentes e o dos não crentes. O primeiro está presente, sobretudo, nos países pobres e o segundo nos países ricos, nos quais domina uma cultura materialista. Aparece uma grande crise da prática religiosa institucional que abateu especialmente o cristianismo. De tal forma, o catolicismo tem vindo a decair ao longo dos anos, assistindo-se, assim, com frequência, a «uma Igreja de “atonía”, sem grande vitalidade nem criatividade e sobretudo sem credibilidade nem atratividade».³⁴ Vivemos tempos marcados pelo enfraquecimento da fé e pelo domínio da descrença, em que se reconhece um esvaziamento ou esquecimento de Deus, pois recusa-se pensar n'Ele. O ateísmo, «já não é negação do teísmo mas a não-colocação do próprio problema sequer, pelo simples facto de não se poder colocar».³⁵

Hoje, verifica-se uma crise institucional, da qual resulta a cultura do individualismo, que se caracteriza pela valorização do “eu”. Nota-se uma certa dificuldade do ser humano em obedecer «ao quer que seja supra - individual, objetivo e impositivo: verdade em si, valores, leis e normas morais ou civis obrigatórias, em geral tudo que são instituições».³⁶

Deus é colocado à margem, para dar lugar à autonomia do ser humano, já que concentra em si o domínio da natureza, tornando-se «insensível à atmosfera do sobrenatural que alimentava o respiro do sagrado de que se alentava o homem religioso».³⁷ Com tudo isto, emerge o processo de secularização, no qual se destaca a distinção entre Deus e o mundo despontando uma cultura secularista, «sem referência a Deus nem à religião, agora cada vez mais reservada ao espaço privado das pessoas e dos lugares de culto».³⁸

³² David Hart, *Ilusões dos ateus. A revolução cristã e seus adversários da moda*. (Braga: Editorial Frente e verso, 2009), 17.

³³ Jorge Coutinho, *Os caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões do crer* (Coimbra: Edições Tenacitas, 2010), 44.

³⁴ Coutinho, 36.

³⁵ João Duque, «Do Sepulcro Vazio Ao Olimpo Revisitado: O Regresso Dos Deuses Depois Da Morte De Deus», *Atualidade Teológica* XXIII, n. 61 (2019): 5, <https://doi.org/10.17771/pucio.ateo.37762>.

³⁶ Coutinho, *Os caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões do crer*, 38.

³⁷ Coutinho, 43.

³⁸ Coutinho, 42.

Da ausência do aspeto teológico da realidade resulta uma crise de sentido. Perante esta, as pessoas refugiam-se no consumismo como forma de superação, o qual proporciona ao ser humano sonhos irrealizáveis. Por exemplo, «a publicidade conduz ilusoriamente a mundos distantes e maravilhosos, onde todo o desejo pode ser satisfeito pelos produtos que têm caráter eficaz, efémero e até messiânico». (DA 50) Este mecanismo de defesa cria no ser humano um sentimento ilusório de felicidade, «confundindo a felicidade com o bem-estar económico e a satisfação hedonista».³⁹ As novas gerações são as mais influenciadas por este fenómeno, crescendo na «lógica do individualismo pragmático e narcisista». (DA 51)

Concluindo, vivemos tempos em que nos deparamos com um enfraquecimento da vida da Igreja e com uma evangelização pouco eficaz, sendo que é realizada «com pouco ardor e sem novos métodos e expressões». (DA 100) Posto isto, verificam-se inúmeras dificuldades na transmissão da fé e muitas pessoas, influenciadas pela realidade, perdem o sentido de transcendência e um número significativo de católicos abandona a Igreja, afastando-se do Evangelho.

1.3. Igreja discípula missionária

A realidade atual é caracterizada por: a globalização, o individualismo, o consumismo, o individualismo religioso, o pluralismo cultural, o decréscimo de católicos e de cristãos, a desproporção entre o crescimento populacional e o crescimento de católicos e de ministérios ordenados e religiosos.⁴⁰ Todos estes elementos colocam a Igreja em estado de emergência.⁴¹ No entanto, perante as exigências, por mais duras e contraditórias que sejam, a instituição eclesial não se pode deixar abater. Tem de tomar uma postura evangelizadora própria para este tempo, a partir de Jesus Cristo. A Igreja deve cumprir a sua «missão seguindo os passos de Jesus Cristo e adotando as suas atitudes». (DA 31)

Este facto levou a Igreja a tomar uma atitude de renovação missionária, partindo de uma renovação eclesial. É urgente fazer a opção preferencial pelos mais pobres, atualizar a linguagem, estar presente no campo da cultura, no mundo universitário e na comunicação social.⁴²

³⁹ Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 9.

⁴⁰ Cf. João Passos, «O Laicato a Partir Do Documento De Aparecida», *Perspectiva Teológica* 50, n. 3 (2018): 547, <https://doi.org/10.20911/21768757v50n3p541/2018>.

⁴¹ Cf. Passos, 547.

⁴² Cf. Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 28.

O tempo novo em que vivemos, exige uma conversão pastoral, isto é, levar adiante a reforma do Vaticano II, com a finalidade de obter uma fé mais lúcida e comprometida. Para que isso aconteça, a fé tem de ser nova no seu fervor, nos seus meios e na sua expressão.⁴³

O fervor implica coerência, uma vez que só o pregador, fiel à mensagem que anuncia, é que consegue irradiar fervor na sua vida e dar testemunho no mundo, que «constitui já uma proclamação silenciosa, mas valorosa e eficaz da Boa Nova». (EN 21) Os meios e os métodos têm de ser congruentes com o conteúdo da mensagem e têm de ser evangélicos, já que alguns podem ser desviantes da mensagem final.⁴⁴ A expressão tem de ser adequada às contingências da atualidade, mais propriamente o pregador, o método, a instituição, as estruturas, a organização e a configuração histórica.⁴⁵

Aparecida entende a conversão pastoral como a passagem de uma «pastoral de cristandade, de sacramentalização, de conservação, a uma pastoral de pós cristandade, evangelizadora, “decididamente missionária”». (DA 370) É necessário pôr de lado os modelos de pastoral com um modo de evangelizar ultrapassado: a pastoral de conservação, a pastoral apologista e a pastoral secularista.

A pastoral de conservação centraliza-se, sobretudo, à volta do padre, da paróquia, dos sacramentos, do cumprimento dos mandamentos da Igreja, da administração, do rural e da pré-modernidade. A mesma afirma uma mentalidade clericalista e está ausente da realidade, «desconhecendo a modernidade, bem como a crise da modernidade e o processo de mudança em curso».⁴⁶ É indiferente à renovação do concílio Vaticano II e parte do pressuposto da existência de um substrato católico, no qual todos os cristãos estão evangelizados.

A pastoral apologista, frente a uma sociedade anticlerical e a uma razão secularizada, defende a Igreja Católica e guarda as verdades da fé. Apoia-se, essencialmente, na missão centrípeta que consiste em ir para o exterior para atrair as pessoas para dentro da Igreja, «numa atitude hostil frente ao mundo, cria o seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesiástica”».⁴⁷ Tem preferência pelo catecismo da Igreja e pelos dogmas da fé católica, em vez da Bíblia e da teologia. Fala em «“refazer o tecido cristão da sociedade”, em manter seu “substrato católico”, em “adotar o método apologético” na evangelização.»⁴⁸

⁴³ Cf. João Paulo II, «Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam», sec. 3, acedido 24 de Outubro de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html.

⁴⁴ Cf. Agenor Brighenti, «Por Uma Evangelização Realmente Nova», *Perspectiva Teológica* 45, n. 125 (2014): 87–88, <https://doi.org/10.20911/21768757v45n125p83/2013>.

⁴⁵ Cf. Brighenti, 88.

⁴⁶ Brighenti, 91.

⁴⁷ Brighenti, 92.

⁴⁸ Brighenti, 93.

A pastoral secularista é um modelo de pastoral situada na pós-modernidade. É constituída por pessoas desencantadas com as promessas da modernidade e caracteriza-se pela subjetividade individual, pelo seu sentido terapêutico, estético e consumista. A mesma contribuiu para a formação de «“comunidades invisíveis”, composta por “cristãos sem Igreja”, sem vínculos comunitários»⁴⁹, esvaziando a instituição eclesial.

Para uma evangelização realmente nova, a Igreja tem de tomar uma nova atitude de serviço e de diálogo, aderindo à pastoral evangelizadora e missionária, na qual se descentraliza de si para ir ao encontro de todos, especialmente dos pobres. Portanto, *Aparecida* sugere um itinerário de evangelização e de renovação, com base na formação de discípulos missionários, à luz da opção preferencial pelos pobres. Neste sentido, propõe um caminho de quatro etapas: experiência pessoal de fé, vivência comunitária, formação bíblica-teológica e compromisso missionário da comunidade.

Primeira etapa: experiência pessoal de fé. Esta começa com o encontro pessoal com Jesus Cristo: «Jesus convida-nos ao encontro com Ele e a que nos vinculemos estreitamente a Ele, porque é a fonte de vida (Cf. Jo 15,1-5) e só ele tem palavras de vida eterna». (DA 131) Todo o discípulo parte deste encontro, reconhecendo que «não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso uma orientação decisiva». (DCE 1) Segundo o *Documento da Aparecida*, recomeçar a partir de Jesus Cristo é encontrar-se intimamente com Ele, contemplá-IO, aprender com a sua pessoa, seus critérios, atitudes, sentimentos e pensamentos. (Cf. DA 244) É necessário participar na experiência dos primeiros discípulos que, «encontrando Jesus ficaram fascinados e cheios de assombro frente à excecionalidade de quem lhes falava, diante da maneira como os tratava, coincidindo com a fome e sede de vida que havia em seus corações». (DA 244)

O encontro com Jesus Cristo acontece por mediações. Deste modo, o *Documento da Aparecida* apresenta-nos as mais privilegiadas, tais como: a Sagrada Escritura, a Eucaristia, o sacramento da reconciliação, a comunidade, os pobres, religiosidade popular, e Maria.

A Sagrada Escritura favorece o encontro com Jesus, na medida em que ela é o fundamento e o alimento da nossa vida n'Ele. Daí a insistência na educação do povo na leitura e meditação da palavra, «pois o encontro com Jesus através dela depende de uma interpretação adequada dos textos sagrados».⁵⁰ Só assim, através do exercício da leitura orante, bem praticada, se consegue encontrar o Mestre. Bento XVI refere que é «necessário educar o povo

⁴⁹ Brighenti, 94.

⁵⁰ Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 41.

na leitura e meditação da palavra, para que ela se converta no seu alimento e vejam que as palavras de Jesus são espírito e vida».⁵¹

A Eucaristia é o lugar privilegiado para o encontro com o Ressuscitado, visto que nela celebra-se o mistério pascal. Ela é o centro da vida cristã e o impulso para a missão de anunciar o Evangelho. Tem de fazer parte da vida dos cristãos, para que se tornem discípulos missionários maduros, já que Nela, «o Espírito Santo fortalece a identidade do discípulo e desperta nele a decidida vontade de anunciar com audácia aos demais o que tem escutado e vivido». (DA 251)

O sacramento da reconciliação é um lugar singular para o encontro com Jesus Cristo, no qual o Ressuscitado espera de braços abertos o pecador, «e nos dá o dom do seu perdão misericordioso, nos faz sentir que o amor é mais forte que o pecado cometido (...), e nos devolve a alegria e o entusiasmo de anunciá-lo aos demais de coração aberto e generoso». (DA 254) Neste sacramento, o sacerdote é o canal pelo qual se proporciona o encontro com Jesus. Ele é um médico com sabedoria e prudência, à disposição dos fiéis, que abre novos caminhos e ajuda a pessoa a revestir-se de entusiasmo para dar testemunho de Jesus no mundo.

O encontro com Jesus também acontece na comunidade, mais precisamente «naqueles que dão testemunho de luta pela justiça, pela paz e pelo bem comum, algumas vezes chegando a entregar a própria vida». (DA 256)

Encontramos Jesus nos pobres, aflitos e enfermos. Este encontro está implícito na fé cristológica, «naquele Deus se fez pobre por nós para nos enriquecer na sua pobreza». (DA 396) Nos pobres encontramos o autêntico rosto de Cristo: «o encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva da nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofrido de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados (...) surge a nossa opção por eles». (DA 257)

A religiosidade popular é também um lugar de encontro com Jesus Cristo. Nela, «o peregrino vive a experiência de um mistério que o supera».⁵² É um modo simples de viver a fé, na qual está presente um forte sentido de transcendência, «uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal». (DA 263)

Outro lugar propício para o encontro com Jesus Cristo é Maria, a discípula perfeita do Senhor, e o «primeiro membro da comunidade dos crentes». (DA 266) Maria cooperou com o nascimento da Igreja missionária e deu à luz o Evangelho. Ela é a grande missionária, continuadora da missão de Jesus. (Cf. DA 269) Bento XVI refere que «Maria Santíssima, a

⁵¹ Andrés Hubert, «Aproximación Teológica al documento de Aparecida.», *Cuadernos de Teología* 1, n. 1 (2009): 40, <https://doi.org/10.22199/s07198175.2009.0001.00004>.

⁵² Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 43.

Virgem pura sem mancha, é para nós escola de fé destinada a nos conduzir e a nos fortalecer no caminho que nos conduz ao encontro com o criador do céu e da terra».⁵³

Os santos e os apóstolos também são um lugar de encontro com o Ressuscitado, a partir das suas próprias vidas: «seus testemunhos mantêm-se vigentes e seus ensinamentos inspiram o ser e ação das comunidades cristãs do continente». (DA 273) Os seus exemplos de vida e de santidade são um incentivo para todos os cristãos na caminhada da fé.

Segunda etapa: a vivência comunitária. Não há discipulado sem comunhão, os discípulos missionários têm a necessidade de encontrar um grupo, no qual possam viver comunitariamente a sua fé, sejam acolhidos fraternalmente, se sintam valorizados e incluídos. O próprio Jesus Cristo, «no início do seu ministério, escolhe os doze para viver em comunhão com Ele». (DA 154) A vocação do discípulo missionário é viver em comunhão. Contudo, também é necessário ter em atenção o encontro pessoal com Jesus na intimidade, pois é «indispensável para alimentar a vida comunitária e a atividade missionária». (DA 154)

A Igreja oferece-nos vários lugares para a comunhão, entre eles destacamos: a diocese, as paróquias, as comunidades eclesiais de base, e as conferências episcopais.

A diocese é o lugar privilegiado para a comunhão. A experiência de fé começa sempre por ser vivida numa Igreja particular, na qual se manifesta a Igreja universal. Na sua realidade concreta «o discípulo tem a experiência do encontro com Jesus Cristo vivo, amadurece a sua vocação cristã, descobre a riqueza e graça de ser missionário e anunciar a palavra com alegria». (DA 167) A mesma é vista como primeiro espaço de comunhão, tendo o dever de proporcionar uma pastoral orgânica renovada e vigorosa, na qual «cada comunidade cristã, cada paróquia, cada comunidade educativa, cada comunidade de vida consagrada, cada associação ou movimento e cada pequena comunidade se inserem ativamente». (DA 169)

As paróquias «são células vivas da Igreja e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência pessoal concreta com Cristo e a comunhão eclesial. São chamadas a ser casas e escolas de comunhão». (DA 170) No entanto, estas precisam de uma renovação para que sejam «abertas à diversidade dos carismas, serviços e ministérios; organizadas de maneira comunitária e responsável; integradoras de movimentos; e abertas à diversidade cultural e aos projetos pastorais e supra - pastorais e às realidades circundantes».⁵⁴

As comunidades eclesiais de base apoiam-se na experiência das primeiras comunidades cristãs, com base no livro dos Atos dos apóstolos (At 2, 42-47). Como podemos ver no

⁵³ Bento XVI, «Oração do santo rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos - discurso do Papa Bento XVI», 2, acedido 9 de Dezembro de 2021, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_rosario-brazil.html.

⁵⁴ Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 48.

Documento da Aparecida, elas estimulam «as relações de amizade, confiança e respeito mútuo; o conhecimento maior da palavra de Deus; a educação dos adultos na fé; o surgimento dos diversos ministérios e serviços leigos; o compromisso social em nome do Evangelho; e a comunhão com a Igreja».⁵⁵

No que diz respeito às conferências episcopais, os bispos são símbolo de comunhão, «além do serviço à comunhão que prestam em suas Igrejas particulares, exercem este ofício junto com as outras Igrejas diocesanas. Desse modo, realizam e manifestam o vínculo de comunhão que as une entre si». (DA 181) Todos eles durante o seu ministério devem cultivar a espiritualidade da comunhão, de modo que se estabeleçam vínculos de colegialidade entre eles, para que haja união entre os demais bispos da conferência, do colégio episcopal, e da Igreja de Roma. (Cf. DA 181)

Terceira etapa: formação bíblica-teológica. Nesta etapa, o discípulo passa a ser um autêntico discípulo missionário, fruto de um processo de formação. *Aparecida* chama a atenção para a necessidade da formação bíblica-teológica contínua, crescente, permanente e integral do povo de Deus. No entanto, é necessário ter em conta e «respeitar os diversos processos e os ritmos de cada um, e deve também conter como elemento central e indispensável o acompanhamento dos discípulos».⁵⁶ Trata-se de uma formação acentuadamente «vivencial, experiencial e comunitária, mais que teórica e de simples conhecimentos intelectuais, que leve verdadeiramente ao encontro vivo e persuasivo com Cristo»,⁵⁷ para que todos os fiéis leigos estejam verdadeiramente aptos a dar testemunho de Jesus no seu quotidiano. Temos o exemplo de Jesus Cristo que formou pessoalmente os seus apóstolos e discípulos. Cristo dá-nos o método: «“Venham e vejam” (Jo 1, 39). “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6)». (DA 276)

No discipulado, a pessoa amadurece no conhecimento, no amor e no seguimento de Jesus Mestre, mergulha no mistério da Sua pessoa, no Seu exemplo e na Sua doutrina. (Cf. DA 278) Neste passo é fulcral «a catequese permanente e a vida sacramental, que fortalece a conversão inicial e permite que os discípulos missionários possam preservar na vida cristã e na missão». (DA 278)

Por conseguinte, a formação dos discípulos missionários deve contar com os seguintes critérios: uma formação integral, querigmática e permanente; uma formação atenta às várias dimensões, desde a dimensão comunitária à pastoral; uma formação respeitosa dos processos;

⁵⁵ Joel Amado, «Mudança De Época E Conversão Pastoral: Uma Leitura Das Conclusões De Aparecida», *Atualidade Teológica* 2008, n. 3 (2011): 313, <https://doi.org/10.17771/pucio.ateo.18418>.

⁵⁶ Maria Bingemer, «Eclesialidade e cidadania. O lugar do laicato no documento da aparecida.», *Revista Eclesiástica Brasileira* 67, n. 268 (2007): 997, <https://doi.org/10.29386/reb.v67i268.1489>.

⁵⁷ Duque, *El camino pastoral de la iglesia en América Latina e el caribe*, 60.

uma formação que contempla o acompanhamento dos discípulos; e uma formação na espiritualidade da ação missionária. (Cf. DA 279-284)

Quarta etapa: compromisso missionário da comunidade. Esta é fruto das três etapas que a antecederam, isto é, a experiência pessoal de fé, a vivência comunitária e formação bíblico-teológica. Dessa maneira, a missão resulta de um intenso percurso de discipulado, pois ambos se complementam. *Aparecida* entende que uma Igreja em estado permanente de missão precisa de se envolver com «as famílias, os menores, os jovens e adolescentes, os idosos, as mulheres, o pai de família e a ecologia».⁵⁸

A família precisa de ser considerada «um eixo transversal de toda a ação evangelizadora da Igreja».⁵⁹ Os menores precisam de ser acolhidos e incluídos na Igreja com respeito. É necessário promover a pastoral da juventude, na qual se devem desenvolver «processos de educação e amadurecimento na fé, formando os jovens de maneira gradual»,⁶⁰ para assim intervirem, como discípulos missionários, nos vários setores da sociedade. É importante, também, promover o protagonismo das mulheres, tanto na Igreja como na sociedade, e evangelizar os povos para que respeitem a criação e «aprendam a contemplar e a cuidar a casa de todos e adotar um estilo de vida sóbrio e austero».⁶¹

As comunidades cristãs precisam de se converter num «poderoso centro de irradiação da vida de Cristo»,⁶² optar por uma missão centrífuga e assim semear os valores evangélicos nos vários ambientes e lugares da sociedade: «no mundo das comunicações, da cultura, das ciências e das relações internacionais e da vida pública»,⁶³ encarnando o Evangelho. É necessário ir ao encontro de todos e compartilhar o dom do encontro com Jesus, porque «não podemos ficar tranquilos em espera passiva nos nossos templos, mas é urgente ir em todas as direções». (DA 548) *Aparecida* quer uma pastoral próxima que possa chegar a todos, principalmente aos mais afastados e esquecidos, para partilhar o amor de Cristo e atrair todos a Ele,⁶⁴ já que assim, «a Igreja cresce, não por proselitismo, mas “por ‘atração’: como Cristo ‘atrai tudo para si’ com a força do seu amor”». (DA 159) A proposta da V conferência «não é lutar para vencer, senão testemunhar para atrair, argumentar para convencer e dialogar».⁶⁵

⁵⁸ Agenor Brighenti, «Pedagogia e método para uma recepção criativa de aparecida», em *A missão em debate. Provocações à luz de Aparecida*, ed. Agenor Brighenti e Rosario Hermano (São Paulo: Paulinas, 2010), 285.

⁵⁹ Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 56.

⁶⁰ Brighenti, 57.

⁶¹ Brighenti, 58.

⁶² Brighenti, «Pedagogia e método para uma recepção criativa de aparecida», 285.

⁶³ Brighenti, *La desafiante propuesta de Aparecida*, 59.

⁶⁴ Cf. Carlos Galli, «La novedad de América Latina en la nueva evangelización Diálogo con el Instrumentum laboris para el Sínodo de 2012 Lucio Gera : in memoriam», *Revista Teológica* 49, n. 108 (2012): 150–51.

⁶⁵ Galli, 151.

Os leigos são os discípulos missionários, que juntamente com os outros membros do corpo eclesial, são enviados com a missão de testemunhar Jesus nos vários âmbitos da sociedade: na política, na economia, na educação, na saúde e na própria Igreja. Portanto, é importante a existência de «leigos responsáveis e bem formados que desempenhem um papel relevante no processo da renovação eclesial». ⁶⁶ É urgente a formação de um laicado capaz de intervir na vida pública como sujeitos eclesiais, «possam responder às grandes perguntas e aspirações de hoje e inserir-se nos diversos ambientes, estruturas e centros de decisão». ⁶⁷ O lugar específico do leigo não é o templo, mas sim o mundo. O leigo pela prática do Evangelho tem a tarefa de construir o reino de Deus no seu quotidiano, sendo um exemplo para a sociedade, respeitando os seus deveres como cidadão e comprometendo-se com a justiça. Assim sendo, o leigo é uma pessoa da Igreja no centro do mundo e uma pessoa do mundo no centro da Igreja. (Cf. LG 31)

Em suma, é importante optar por uma pastoral missionária, na qual a Igreja se descentraliza das suas estruturas para ir ao encontro de todos, com a finalidade de testemunhar e atrair todos a Jesus Cristo.

1.4. Opção preferencial pelos pobres

A opção preferencial pelos pobres é uma realidade que está presente na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano. Podemos, também, encontrá-la nas conferências que a antecederam, principalmente na conferência de Medellín, de Puebla e de Santo Domingo.

A conferência de Medellín surge num ambiente de injustiças sociais, pobreza, opressão, exclusão, violência e racismo. ⁶⁸ Perante esta realidade, Medellín apresenta-nos uma «Igreja profética, que anuncia o Reino, denuncia as injustiças do seu tempo e se compromete com a promoção da vida dos povos oprimidos e explorados». ⁶⁹ Temos uma Igreja que se quer comprometer com os pobres, ser mais próxima do seu povo e ser a voz de todos aqueles que foram silenciados. A Igreja Latino-Americana percebeu que era altura de passar da reflexão à ação. De tal modo, a Igreja assume «gradativamente a vivência da pobreza, colocando-se no meio do povo, como aquela que caminha com o seu povo». ⁷⁰ Adota uma atitude de despojamento, desapegando-se da vaidade, luxo, privilégios e da «imagem de uma Igreja

⁶⁶ Bingemer, «Eclesialidade e cidadania. O lugar do laicato no documento da aparecida.», 979.

⁶⁷ Bingemer, 981.

⁶⁸ Cf. Francisco Júnior, «Medellín - Centralidade dos pobres na Igreja: clamores e resistências atuais», *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 16, n. 50 (2018): 586–87, <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2018v16n50p576-599>.

⁶⁹ Leonardo Diekmann e Adriano Maslowski, «Medellín. A conversão pastoral da paróquia em uma Igreja profética.», *Revista Teopraxis* 37, n. 128 (2020): 71, <https://doi.org/https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.28>.

⁷⁰ Diekmann e Maslowski, 78.

hierárquica e rica». ⁷¹ Aos poucos, a Igreja tomou consciência que o seu lugar é junto dos pobres e que o pobre é a face de Deus. Desponta em Medellín «uma Igreja Pobre, uma Igreja que faz “opção pelos pobres” (...), enfim, a Igreja de Jesus de Nazaré». ⁷²

Passamos a ter uma Igreja do povo, a partir da opção preferencial pelos pobres, que se descentraliza da sua estrutura hierárquica. Tal mudança «consiste em “passar de uma Igreja que se apoia nos poderes políticos, económicos, culturais deste mundo – a ponto de se tornar prisioneira desses poderes – para uma Igreja seguidora de Jesus que se apoia na fé do seu povo”». ⁷³ A imagem de uma Igreja do povo era o anseio maior dos cristãos, apesar das camadas mais abastadas se sentirem incomodadas com esta ideia.

Medellín convida a hierarquia a despojar-se de todo o tipo de poder e privilégios, para assim tomar uma vida simples, «prezando pela dimensão do testemunho de uma vivência autenticamente cristã, servil e pobre a exemplo do Bom Pastor». ⁷⁴ A Igreja é chamada a viver a pobreza evangélica, «assumindo o exemplo do Divino Mestre que, “sendo rico se fez pobre para nos enriquecer na sua pobreza”», ⁷⁵ a denunciar as injustiças e a ser generosa.

A conferência de Puebla retoma a posição tomada em Medellín. Surge num ambiente de profundas situações de pobreza e injustiça, mais concretamente: crianças feridas pela pobreza, jovens desorientados e frustrados, indígenas e afro-americanos que vivem em situações desumanas, camponeses que vivem submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram, operários mal remunerados e sem direitos, desempregados, despedidos pela dura exigência das crises económicas, marginalizados e amontoados das cidades. ⁷⁶

Com a conferência de Puebla, a Igreja Latino-Americana percebe a necessidade de profetas e evangelizadores que denunciem as injustiças sociais, «a fim de contribuir para a construção de uma sociedade nova, mais justa e mais fraterna». ⁷⁷ Surge a urgência da «conversão de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres, em vista a sua libertação integral» ⁷⁸ e o desafio de propor projetos pastorais adaptados aos diferentes rostos da pobreza. Os bispos Latino-Americanos convidam todos a aceitar e assumir a causa dos pobres, apesar de incomodar «as pessoas que tendem ao comodismo, confortavelmente instaladas na zona de

⁷¹ Diekmann e Maslowski, 78–79.

⁷² Júnior, «Medellín - Centralidade dos pobres na Igreja: clamores e resistências atuais», 584–85.

⁷³ Diekmann e Maslowski, «Medellín. A conversão pastoral da paróquia em uma Igreja profética.», 83.

⁷⁴ Diekmann e Maslowski, 84.

⁷⁵ Diekmann e Maslowski, 85.

⁷⁶ Cf. Clélia Peretti e Jeverson Nascimento, «Puebla: Da opção pelos pobres a uma Igreja em saída», *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. 13, n. 24 (11 de Janeiro de 2019): 60, <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2019v13i24p53-64>.

⁷⁷ Peretti e Nascimento, 55.

⁷⁸ Peretti e Nascimento, 56.

conforto da alienação religiosa, preocupadas apenas em manter os *status social*». ⁷⁹ Em Puebla, os bispos foram grandes defensores dos pobres ao:

condenar a pobreza extrema como antievangélica; conhecer e denunciar os mecanismos geradores de pobreza; unir esforços com outras Igrejas no combate à pobreza e criação de um mundo mais justo e fraterno; apoiar aspirações dos operários e camponeses, como homens livres e sujeitos de decisão sobre a sua vida e futuro; defender o direito de organizações camponesas e operárias que defendem e promovem o bem; comprometer-se com as culturas indígenas e promove-las, com respeito e simpatia a seus valores e riquezas. ⁸⁰

A conferência de Santo Domingo segue a mesma linha de Puebla e Medellín. No entanto, relativamente à opção preferencial pelos pobres, «por um lado reforça que a “opção evangélica e preferencial pelos pobres” é “firme e irrevogável”; por outro, faz questão de acrescentar que “não exclusiva nem excludente”». ⁸¹ Na IV conferência, a lista dos rostos sofredores é ampliada, já que «aparecem pela primeira vez o rosto das mulheres humilhadas e desprezadas e o dos migrantes». ⁸²

A conferência de *Aparecida* vai ao encontro das conferências que a antecederam, visto que este tema é uma marca da Igreja Latino-Americana. A opção preferencial pelos pobres «está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza». (DA 392) Assim sendo, este é o caminho que nos leva a Deus. Bento XVI recorda que o «amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus encontramos Deus». (DCE 15) Portanto, estamos chamados a contemplar, no rosto sofredor dos pobres, o rosto de Cristo. O *Documento de Aparecida* refere que «tudo que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo». (DA 393)

O Papa Bento XVI afirma que a Igreja está convocada a ser «advogada da justiça e defensora dos pobres» ⁸³ diante de um mundo marcado por desigualdades sociais e económicas. (Cf. DA 395) Ela não pode ser indiferente ao sofrimento dos necessitados, pois precisa de ser «companheira de caminho dos nossos irmãos mais pobres, inclusive até ao martírio». (DA 396) Desta forma, a preferência por eles deve atravessar todas as estruturas e prioridades pastorais. Todavia, esta causa não pode ficar apenas no âmbito teórico ou emotivo, visto que tem de se

⁷⁹ João Júnior e Drance Silva, «O clamor dos pobres: uma interpelação à consciência religiosa e à fé cristã», *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 17, n. 54 (2019): 1520, <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2019v17n54p1503>.

⁸⁰ Lúcia Pádua, «A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla», *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 17, n. 54 (2019): 1482, <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2019v17n54p1479>.

⁸¹ Pádua, 1483.

⁸² Pádua, 1483.

⁸³ Bento XVI, «Discurso Na Sessão Inaugural Da V Conferência-Geral Do Episcopado Da América Latina e Do Caribe», par. 4.

realizar em atos concretos. A Igreja necessita dedicar tempo aos pobres, prestar-lhes «amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos mais difíceis, escolhê-los para compartilhar horas, semanas ou anos da nossa vida, e procurar, a partir deles, a transformação da sua situação». (DA 397) É necessário uma Igreja próxima e amiga dos mais desfavorecidos, que se descentraliza das suas estruturas para se fazer presente nas novas realidades de exclusão, tal como vemos no *Documento da Aparecida*:

o povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessitam sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro das suas necessidades mais urgentes, como também na defesa dos seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento para oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar o ‘pão material’. (DA 550)

Porém, de quem se fala quando se menciona o pobre? O *Documento da Aparecida* torna visíveis alguns rostos daqueles que sofrem a exclusão social. Entre eles estão as comunidades indígenas e afro-americanas, mulheres excluídas, jovens com educação precária, com dificuldade em entrar no mercado de trabalho e em constituir família, desempregados e agricultores sem terras, meninos e meninas submetidos à prostituição infantil, crianças vítimas de aborto, pessoas e famílias que vivem na miséria e passam fome, os dependentes da droga, as pessoas com limitações físicas, os portadores de HIV e os doentes de SIDA, as vítimas de violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade, os anciãos excluídos, e os presos. (Cf. DA 65)

A Igreja, promotora da justiça, tem a responsabilidade de: lutar para que o abismo entre as minorias ricas e as maiorias pobres desapareça; criar estruturas que procurem apoiar e defender os pobres; denunciar todo o tipo de injustiças; ser voz de quem não tem voz; e lutar pelos direitos dos pobres: o direito à vida, à saúde, ao trabalho, à habitação, à educação, à segurança social, aos direitos políticos-culturais e religiosos.⁸⁴

Por fim, os pobres são uma realidade que acompanha a Igreja desde as suas origens, já que foi entre eles que Ela surgiu. Os pobres, no seu quotidiano, prezam vivenciar de uma forma plena o Evangelho, uma vez que no dia a dia eles «fazem-se sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam os seus filhos na fé, vivem em constante solidariedade entre os parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja». (DA 398) Logo, a instituição eclesial necessita de optar sempre pelos mais frágeis da sociedade, eles devem ser o centro da mesma.

⁸⁴ Cf. Leonardo Boff, *Teología desde el lugar do pobre* (Santander: Editorial Sal terrae, 1986), 58.

1.5. Pequenas comunidades eclesiais de discípulos missionários

Na linha da conversão pastoral, *Aparecida* propõe a formação de pequenas comunidades, nas quais estejam espelhadas as primeiras comunidades cristãs. O livro dos Atos dos Apóstolos 2, 42 descreve os princípios e práticas fundamentais que caracterizam as primeiras comunidades cristãs. Elas «servem de inspiração para toda a comunidade que pretende ser discípula missionária de Jesus Cristo».⁸⁵

Nas primeiras comunidades cristãs verificam-se os seguintes aspetos: em primeiro lugar, havia a perseverança na doutrina confirmada pelos apóstolos, sendo que os discípulos e os apóstolos dedicavam tempo ao ensino e à pregação da palavra de Deus; em segundo lugar, existia perseverança na comunhão, uma vez que eles tinham gosto em estar juntos, reuniam-se: no templo, de casa em casa, nos lares, nas escolas e nas praças; em terceiro lugar, havia persistência na partilha do pão, já que a Igreja tinha a preocupação de saciar as necessidades da sua comunidade, e por último, existia perseverança na oração. Estes princípios são os fundamentos das primeiras comunidades cristãs, que possibilitaram o sucesso e o cumprimento da missão da Igreja: em relação a Deus, por se mostrar firme na doutrina e na oração, em relação ao mundo, por se preocupar com os mais necessitados e em relação à comunidade local e por estimular a comunhão.⁸⁶

As pequenas comunidades ou comunidades eclesiais de base são uma marca da Igreja Latino-Americana, especialmente a partir da época da conferência de Medellín. Assim, A II Conferência geral do Episcopado Latino-Americano define-as como

o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é a sua expressão. Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização, e atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento.⁸⁷

O documento de Puebla, também aborda as pequenas comunidades, especialmente na terceira parte. A III conferência reconhece que elas

criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade à luz do Evangelho; acentuam o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. (...) São um ambiente propício para o surgimento de novos serviços laicais. Nelas difunde-se a catequese familiar e a educação da fé dos adultos. (DP 629)

⁸⁵ José Pereira, *Conversão pastoral - Reflexões sobre o documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial* (São Paulo: Paulus, 2016), 19.

⁸⁶ Cf. Ney Sousa e Márcio Lima, «Princípios e práticas fundamentais de uma Igreja cristã saudável», *Teocomunicação* 48, n. 2 (2018): 232–33, <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2018.2.32080>.

⁸⁷ CELAM, «Documento de Medellín. Conclusões da II conferência geral do episcopado Latino-Americano», 67, acedido 29 de Novembro de 2021, https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf.

Posto isto, as comunidades eclesiais de base estabelecem: novas relações interpessoais na fé; o aprofundamento da palavra de Deus; a participação na eucaristia; a comunhão com os pastores; e um maior compromisso com a justiça. (Cf. DP 640) São comunidades onde as pessoas estão mais próximas e têm como alicerces a fé, a meditação da palavra de Deus e o auxílio mútuo. Os seus membros têm a função, dentro da comunidade, de «coordenar a comunidade, de catequizar, de organizar a liturgia, de cuidar dos enfermos, de alfabetizar, e de se preocuparem com os pobres».⁸⁸ Pretendem reinventar a Igreja a partir da base. De tal forma, são um «fermento de renovação dentro da Igreja».⁸⁹

Segundo o *Documento de Aparecida*, as comunidades eclesiais de base, na América-Latina, têm sido verdadeiras escolas «que têm ajudado a formar cristãos comprometidos com a sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como o testemunha a entrega generosa, até derramar o sangue». (DA 178) Nelas podemos encontrar as seguintes características:

relações de amizade, confiança e respeito mútuo; conhecimento maior da palavra de Deus; educação dos adultos na fé; surgimento e a amadurecimento dos diversos ministérios e serviços; compromisso social em nome do evangelho; comunhão com a Igreja e compromisso com o projeto diocesano de pastoral.⁹⁰

Aparecida entende que a conversão pastoral requer a formação de pequenas comunidades eclesiais de discípulos missionários. Refere que elas são meios privilegiados para a Nova Evangelização. No entanto, têm de estar fundamentadas na palavra de Deus e na comunhão com a Igreja local. (Cf. DA 309) Portanto, é necessária a renovação das estruturas das paróquias.

As estruturas da paróquia, herdadas da cristandade, são inadequadas para a atualidade. A paróquia precisa de uma urgente renovação, para que seja «espaço de iniciação cristã; lugar de educação e celebração da fé, aberta à diversidade de carismas, serviços e ministérios».⁹¹ Tendo presente a dimensão das paróquias, podemos afirmar que a conversão pastoral solicitada por *Aparecida* «aponta para a setorização em unidades territoriais menores, com equipas próprias de animação e coordenação que permitem maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região».⁹² Entende-se a renovação paroquial como a passagem «da paróquia centrada no padre, nos sacramentos e na matriz, onde se atende as massas dos fiéis, para a multiplicidade de comunidades menores, esparramadas pelo meio do povo, onde seja possível o processo de discipulado».⁹³

⁸⁸ Leonardo Boff, *Eclesiogenésis. Las comunidades de base reiventan la Iglesia* (Santander: Editorial Sal terrae, 1984), 37.

⁸⁹ Boff, 50.

⁹⁰ Amado, «Mudança De Época E Conversão Pastoral: Uma Leitura Das Conclusões De Aparecida», 313.

⁹¹ Brighenti, «Por Uma Evangelização Realmente Nova», 105.

⁹² Amado, «Mudança De Época E Conversão Pastoral: Uma Leitura Das Conclusões De Aparecida», 314.

⁹³ Sergio Coutinho, «Conversão pastoral e renovação missionária a partir das CEBs», *Encontros Teológicos* 25, n. 3 (2010): 120, <https://doi.org/https://doi.org/10.46525/ret.v25i3.258>.

Tudo isto implica uma série de mudanças, entre as quais destacamos: a centralidade da palavra de Deus; o padre, «de “senhor” passa ou deve passar para articulador, animador, formador, celebrante de alguns sacramentos e sinal de unidade de um conjunto de comunidades»;⁹⁴ e as comunidades passam a estar num processo permanente de iniciação à fé, através do discipulado.

Em suma, o *Documento de Aparecida* propõe que a paróquia seja «uma comunidade de comunidades» (DA 309) coordenada por leigos ou diáconos permanentes. Cada comunidade deve articular-se de forma dinâmica e própria dentro da paróquia. Perante esta proposta, o presbítero tem a função de orientar e articular.⁹⁵

⁹⁴ Coutinho, 121–22.

⁹⁵ Cf. Coutinho, 122.

2. O projeto missionário, a partir da *Evangelii Gaudium*

Se, no primeiro capítulo, tínhamos como ponto de referência o documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano, neste tomaremos como guia a *Evangelii Gaudium*. Ambos os documentos estão intimamente relacionados, pois a Exortação Apostólica retoma muitas das convicções presentes no *Documento da Aparecida*, atualizando e enriquecendo os seus conteúdos. Assim sendo, os dois documentos refletem sobre o conceito de conversão pastoral e convidam a uma Igreja missionária.

Inicialmente, iremos estabelecer uma articulação entre os dois documentos e fazer uma pequena introdução à *Evangelii Gaudium*. Em segundo lugar, refletiremos sobre os desafios dos tempos atuais, a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Em terceiro lugar, trataremos a reforma missionária da Igreja, após percorrermos os vários momentos da história, nos quais se levantaram vozes reformadoras, para percebermos melhor o projeto de renovação missionária do Papa Francisco. Por último, refletiremos sobre o tema da Igreja pobre para os pobres, tomaremos como ponto de partida o Concílio Vaticano II e terminaremos com os ensinamentos do Papa Francisco.

2.1. Articulação entre *Evangelii Gaudium* e o *Documento da Aparecida*

A *Evangelii Gaudium* é o primeiro escrito oficial do Papa Francisco, promulgada em 24 de novembro de 2013, no dia da solenidade de Cristo Rei. É um documento de índole predominantemente pastoral, com um sentido pragmático, exortativo e persuasivo. A linguagem utilizada é simples e compressível. Francisco opta pela «gramática da simplicidade»,⁹⁶ para que seja acessível a todos. Destina-se a toda a Igreja: aos bispos, aos presbíteros e diáconos, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Trata-se de uma exortação pós-sinodal que estabelece continuidade com a eclesiologia do Vaticano II e tem o objetivo de se dirigir «aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos». (EG1) No fundo, é o programa que o Papa Francisco propõe para o seu pontificado. (Cf. EG 27)

Trata-se de um texto constituído por 288 parágrafos, repartidos por 5 capítulos, e enriquecido com 227 citações textuais da bíblia e 217 notas de rodapé. Aponta sete grandes temas distribuídos em cinco capítulos: primeiro, «a transformação missionária da Igreja» (EG 19-49); segundo, «na crise do compromisso comunitário» (EG 50-109); terceiro, «anúncio do

⁹⁶ Raúl Condori Cutimbo, «Reflexiones desde la *Evangelii Gaudium*», *Phainomenon* 14, n. 1 (2015): 95, <https://doi.org/10.33539/phai.v14i1.104>.

evangelho» (EG 110-175); quarto, «a dimensão social da evangelização» (EG 176-258); e finalmente, o quinto, «evangelizadores com espírito». (EG 259-288)

A *Evangelii Gaudium* e a novidade da *Aparecida* estão intimamente relacionadas. Existe uma continuidade entre ambas e têm temas em comum, pois o Papa Francisco, autor da *Evangelii Gaudium*, ainda como cardeal, participou na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, como presidente da Conferência Episcopal Argentina e como Presidente da Comissão de Redação daquele documento.⁹⁷

Na sua Exortação Apostólica, Francisco retoma as convicções de *Aparecida*, já que impulsionou e recriou a sua proposta no mundo atual, enriquecendo e atualizando os seus conteúdos. O Papa e *Aparecida* «refletem-se mutuamente. Há uma correlação dinâmica e envolvente: Bergoglio contribui com *Aparecida*; *Aparecida* contribui com Francisco».⁹⁸ Desta maneira, o Papa estabelece a continuidade do projeto sobre a conversão pastoral e a renovação missionária proposto pelo *Documento da Aparecida*. Por esse motivo, os dois documentos têm pontos em comum, entre os quais destacamos os seguintes: o encontro com as periferias humanas, sociais e existenciais; a renovação das estruturas eclesiais, com a finalidade de as tornar mais acolhedoras; a centralidade dos pobres no coração de Deus e da Igreja; a denúncia da exclusão social e da desigualdade social; desafios da inculturação e da transmissão da fé; e a cidade como um lugar privilegiado para a nova evangelização.⁹⁹

Ao estabelecer esta complementaridade, o Papa Francisco destaca a importância do *Documento de Aparecida* para a Igreja, já que o documento indica novos caminhos de evangelização, «abre rumos para o futuro da Igreja, isto é, para a nova evangelização».¹⁰⁰

A *Evangelii Gaudium* toma partido da reflexão feita em *Aparecida* e dos trabalhos da XIII Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos, convocada por Bento XVI e realizada em outubro de 2012, em Roma, com o tema: «A nova evangelização para a transmissão da fé cristã».¹⁰¹ Nela participaram vários bispos eleitos pelas Conferências Episcopais e nomeados diretamente pelo Santo Padre. Marcaram presença também, como observadores, representantes de outras igrejas, de vida consagrada, dos leigos e dos movimentos.¹⁰²

⁹⁷ Cf. Carlos Galli, «Francisco y Aparecida hacia el futuro», 4, acessado 31 de Janeiro de 2022, http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/Francisco_y_Aparecida_hacia_el_futuro_-_Galli.pdf.

⁹⁸ Carlos María Galli, «La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de *Evangelii Gaudium*», *Gregorianum* 96, n. 1 (2015): 44.

⁹⁹ Cf. Galli, «La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de *Evangelii Gaudium*», 2015, 44–45.

¹⁰⁰ Leonardo Steiner, «Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos», *Encontros Teológicos* 29, n. 1 (2014): 148.

¹⁰¹ Cf. Ginés Beltrán, «La dimensión social de la evangelización en la Exhortación Apostólica *Evangelii Gaudium*», *Scripta Theologica* 46 (2014): 462.

¹⁰² Cf. Steiner, «Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos», 133.

Este sínodo contribuiu para uma melhor percepção da realidade da Igreja no mundo. Deste modo, Assembleia Sinodal dedicou-se nomeadamente à nova evangelização, com o objetivo de ajudar as pessoas «a terem um novo encontro com o Senhor, o único que dá sentido profundo e paz para à nossa existência; e para favorecer a descoberta da fé, a fonte de graça que traz alegria e esperança na vida pessoal, familiar, e social». ¹⁰³ Tinha o propósito de ajudar os batizados que não estavam integrados na comunidade eclesial, os que estavam em «regiões de antiga evangelização, onde a luz da fé se debilitou, e se afastaram de Deus, deixando de O considerarem revelante na própria vida». ¹⁰⁴

A XIII Assembleia Sinodal teve várias preocupações, entre elas, destacam-se: olhar para os desafios da realidade de hoje como uma ocasião de evangelização, já que os fenómenos de globalização, de secularização, de migração e as novas formas de pobreza abrem novos espaços para a proclamação do Evangelho; ¹⁰⁵ propor a nova evangelização como expressão do primeiro anúncio, especialmente no seio familiar; ¹⁰⁶ salientar a importância do papel dos jovens na vida da Igreja; ¹⁰⁷ envolver todos os cristãos no anúncio do Evangelho; ¹⁰⁸ criar espaços de diálogo entre os crentes e os não crentes, onde possam dialogar sobre temas centrais da sociedade: valores da ética, da arte e da ciência e a busca do transcendente. ¹⁰⁹

Terminados os trabalhos da XIII Assembleia Sinodal e na conclusão do Ano da fé, os padres sinodais pediram ao Papa para redigir um documento com as conclusões do sínodo, o qual recebeu o nome Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que acaba por ser uma certa atualização da *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, também ela pós-sinodal.

Em suma, a *Evangelii Gaudium* estabelece a continuidade com o *Documento de Aparecida* e centra-se sobre dois grandes objetivos: o primeiro é ordenar as conclusões dos trabalhos da XIII Assembleia Geral Ordinária dos Bispos e o segundo é expressar as preocupações relativamente à obra evangelizadora da Igreja.

¹⁰³ Bento XVI, «Santa missa para a abertura do sínodo dos bispos e proclamação de São João de Ávila e de Santa Hildegard de Beingen “Doutores da Igreja”: Homilia do Papa Bento XVI», 2, acedido 2 de Fevereiro de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.pdf.

¹⁰⁴ Bento XVI, «Santa missa para a conclusão do sínodo dos bispos, homilia do papa Bento XVI», 2, acedido 3 de Fevereiro de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionone-sinodo.pdf.

¹⁰⁵ Cf. Sínodo dos Bispos, «XIII assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, mensagem ao povo de Deus», par. 6, acedido 2 de Fevereiro de 2022, https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html.

¹⁰⁶ Cf. Sínodo dos Bispos, par. 7.

¹⁰⁷ Cf. Sínodo dos Bispos, par. 9.

¹⁰⁸ Cf. Sínodo dos Bispos, par. 8.

¹⁰⁹ Cf. Sínodo dos Bispos, par. 10.

2.2. Desafios dos tempos atuais, a partir da *Evangelii Gaudium*

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco oferece-nos um «discernimento evangélico» (EG 50) da realidade contemporânea. Trata-se de uma análise dos sinais dos tempos à luz do Evangelho. De tal modo, debruça-se «sobre alguns aspetos da realidade que podem deter ou enfraquecer os dinamismos de renovação missionária da Igreja». (EG 50)

A humanidade atravessa uma profunda transformação, visto que vivemos tempos marcados por progressos em vários âmbitos da sociedade, entre eles: na saúde, na educação, na comunicação, na área científica, na tecnologia, entre outros. São louváveis todos estes desenvolvimentos. No entanto, não nos podemos esquecer das periferias sociais e existenciais, habitadas por seres humanos com uma vida precária e marcadas pelo aumento de algumas doenças, aos quais não chega os benefícios de todos estes desenvolvimentos. (Cf. EG 52) Posto isto, na *Evangelii Gaudium*, Francisco denuncia a economia da exclusão e da desigualdade social (Cf. EG 53) e alerta para o perigo da cultura do bem-estar que torna as pessoas indiferentes aos clamores dos pobres e aos sofrimentos do mundo, refugiados na nova idolatria do dinheiro e a ver aumentar as desigualdades entre os ricos e os pobres. (Cf. EG 54-55) Perante este cenário, o Papa apela que os ricos ajudem os pobres para assim terem uma vida digna. (Cf. EG 58)

As várias transformações culturais aumentaram os ataques à liberdade religiosa, as perseguições aos cristãos, a generalizada indiferença relativista, a crise ideológica e a secularização. (Cf. EG 61-64) Consequentemente, aumentou o relativismo, diminuiu os valores éticos na sociedade, surgiu o individualismo pós-moderno, despontou uma crise cultural profunda na família e uma rutura na transmissão geracional da fé no povo católico. (Cf. EG 64-70) Todos estes elementos são grandes desafios para a evangelização, na atualidade. No entanto, não podemos desanimar, porque o substrato cristão ainda é uma realidade em alguns povos, especialmente entre os mais necessitados, nos quais se verificam autênticos valores cristãos. Por isso, urge responder à necessidade da inculturação do Evangelho, isto é, nos países de tradição católica é necessário fazer um trabalho de manutenção, cuidando e atualizando o que já existe, e nos países profundamente secularizados é necessário encontrar novos processos de evangelização. (Cf. EG 69)

Perante as transformações dos tempos atuais, a XIII Assembleia Sinodal chegou à conclusão de que as cidades são, hoje, um «lugar privilegiado da nova evangelização». (EG 73) Isto exige um espírito criativo da parte dos agentes pastorais, de modo a criarem «espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas», (EG 73) uma vez que as cidades são centros de grandes distrações, contudo «a Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil». (EG 73) Nos centros

urbanos, a Igreja também tem a oportunidade de estar junto aos mais frágeis, pois «facilmente se desenvolve o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes, várias formas de corrupção e de crime». (EG 75)

Nos tempos atuais, anunciar o Evangelho é um desafio, dado que os agentes pastorais encontram várias tentações no momento de evangelizar, tais como: o individualismo, a crise de identidade e o declínio de fervor. (Cf. EG 78) Muitos não se sentem felizes com a sua identidade e com as suas funções. Logo, dissolve-se neles um relativismo prático, que os leva a agir como se Deus não existisse e a refugirem-se em seguranças económicas e de poder. (Cf. EG 80)

Às dificuldades que existem em evangelizar, acresce o facto de os leigos não quererem assumir compromissos e os sacerdotes apenas se preocuparem com o seu tempo pessoal. Contudo há também aqueles que insistem em provar o gosto pela missão e deixam-se afundar em atividades mal vividas, pois não possuem as verdadeiras motivações. (Cf. EG 81) Deste modo, muitos acabam isolados, fechando-se na sua zona de conforto, entre as pessoas mais íntimas, pondo assim de lado a dimensão social a que tanto apela o Evangelho. (Cf. EG 88) Como forma de superação é necessário entender que o caminho da salvação passa por ir ao encontro dos demais, ou seja, descobrir Jesus Cristo nos outros. (Cf. EG 91)

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco alerta também para o mundanismo espiritual, incluindo-o nas tentações, e afirmando que consiste na busca da glória humana, no bem-estar pessoal e que, por vezes, está presente na religiosidade e no amor à Igreja. Ele refere que o mundanismo se alimenta essencialmente do gnosticismo e do pelagianismo autorreferencial, em que a pessoa apenas se preocupa com a sua razão e só confia nas suas próprias forças. O Papa, nesta Exortação Apostólica, dá exemplos de várias atitudes nas quais se esconde o mundanismo espiritual, entre elas, destacam-se: no cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja; na vontade de mostrar as conquistas sociais e políticas; numa vida demasiado sociável; e no funcionalismo empresarial. (Cf. EG 93-95)

Apresenta, do mesmo modo, a personalidade de alguém que caiu no mundanismo espiritual, referindo que se distancia dos outros, não aceita que o questionem, está sempre atento aos erros dos outros, apenas se preocupa com a sua aparência, não aprende com os seus pecados e não está aberto ao perdão. (Cf. EG 97) Neste sentido, é necessário ter muito cuidado com o mundanismo espiritual, visto que pode levar à guerra «por invejas e ciúmes, mesmo entre cristãos». (EG 98)

O Papa evidencia outros desafios que os tempos atuais colocam à Igreja e, entre eles, destacam-se: a ampliação do papel da mulher nas estruturas eclesiais; criar estruturas que respondam aos anseios dos jovens e reconhecer a importância deles na Igreja; valorizar a

importância dos idosos na Igreja; e uma maior e cuidada seleção dos candidatos ao sacerdócio. (Cf. EG 103-108)

Concluindo, com base no discernimento evangélico que o Papa Francisco fez dos tempos atuais, percebe-se que as mudanças culturais trouxeram novos desafios à Igreja que devem ser encarados como uma oportunidade de inovar, tornando as estruturas eclesiais mais acolhedoras e atrativas. Francisco vai propor um projeto de conversão pastoral à Igreja, para que ela possa responder aos imensos desafios da atualidade e corresponder à sua vocação e identidade missionária, isto é, procurar anunciar o Evangelho a toda a humanidade. (Cf. AG 1)

2.3. Evangelização da Igreja evangelizadora

É estranho pensar que a Igreja precisa de ser evangelizada, já que a sua vocação é evangelizar. Paulo VI, na sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiadii*, refere que «evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade». (EN 14) Dessa forma, para que a Igreja possa corresponder à sua vocação, tem de voltar à fonte, ao Evangelho. Francisco afirma que «sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais eloquentes, palavras cheias de significado para o mundo atual». (EG 11) Assim, a Igreja é fiel à sua vocação na medida em que procura voltar ao Evangelho, do qual desponta a reforma. Tal como podemos ver ao longo da história eclesial.¹¹⁰

Na primeira metade do primeiro milénio, a Igreja conseguiu ser fiel à sua identidade, distinguindo-se do mundo e afirmando-se como crítica e profética, perante as ações que iam contra os valores do Evangelho. A segunda metade do primeiro milénio é marcada pela superioridade do império sobre a Igreja, visto que os reis e os imperadores interferiam nas matérias eclesiásticas, isto é, na escolha dos bispos, na criação das dioceses, nos concílios, sínodos, entre outras.¹¹¹

Na primeira metade do segundo milénio, surge a época da cristandade medieval, caracterizada pela «supremacia da Igreja sobre a sociedade, com o fortalecimento do poder papal e a interferência da hierarquia da Igreja nas coisas civis e temporais».¹¹² Ainda no início do segundo milénio, no século XI, diante duma Igreja que vivia dependente do poder dos reis

¹¹⁰ Cf. Elias Wolff, «Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco», *Horizonte* 12, n. 34 (2014): 536, <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2014v12n34p534>.

¹¹¹ Cf. Vitor Galdino Feller, «Reforma da Igreja», *Perspectiva Teologica* 46, n. 128 (2014): 24, <https://doi.org/10.20911/21768757v46n128p21/2014>.

¹¹² Feller, 24.

e imperadores, o papa Gregório VII é obrigado a diligenciar uma reforma, com o intuito de libertar a instituição eclesiástica do poder civil.¹¹³

A afirmação do papado, a posse de demasiados bens materiais e a busca de poder, desviaram a Igreja da sua verdadeira vocação e fizeram com que ela não espelhasse os valores do Evangelho.¹¹⁴ Estes factos e outros, como «a inquisição, as cruzadas, os conflitos com os judeus e o Islão, e o genocídio de povos e culturas indígenas dos continentes»,¹¹⁵ tornaram-se chagas que ainda persistem na atualidade. Perante esta Igreja antievangélica, surgiram várias vozes reformadoras, entre elas, destacam-se os movimentos de reforma de São Francisco e São Domingos que ambicionavam uma Igreja pobre e simples, despojada de poder.¹¹⁶

A segunda metade do segundo milénio é assinalada pelo fechamento da Igreja em si mesma, numa atitude de defesa aos movimentos reformadores. Por conseguinte, temos uma Igreja marcada essencialmente pela dimensão institucional, na qual a vivência não era conforme o Evangelho, pois não dava testemunho, não transmitia confiança e apenas se preocupava com o poder temporal.¹¹⁷ É neste ambiente que surge Martinho Lutero, o grande reformador, que entendia a Igreja de uma forma mais bíblica, como povo sacerdotal e não simoniaca.¹¹⁸ O monge agostiniano questionou seriamente as práticas eclesiais, tanto a nível da vivência eclesial, como a nível teológico. Desta forma, apresentou 95 teses que pretendiam refletir sobre diversas questões teológicas e pastorais. Tinham o objetivo de purificar a Igreja, contribuir para que Ela fosse melhor e entendesse o seu «lugar na história da salvação, não como autora e centro dessa, mas como servidora do Evangelho que salva».¹¹⁹

As teses de Lutero foram rejeitadas por Roma. Logo, o agostiniano separa-se da Igreja e passa a criar formas novas de cristianismo. Inicialmente, não tinha a intenção de criar um cisma com a Igreja, pois apenas pretendia reformá-la, de modo que fosse ao encontro da sua verdadeira identidade e vocação. Apesar de tudo, Lutero não age bem: no modo como expõe as suas ideias; na reação à sua excomunhão, pois queima a bula papal que o excomungava; e nas atitudes contra o Papa, denominando-o como Anticristo.¹²⁰

No ano de 1545, surgiu o Concílio de Trento com o intuito de ser um concílio reformador. Estabeleceu medidas disciplinares úteis, no âmbito da «missão evangelizadora,

¹¹³ Cf. Feller, 25.

¹¹⁴ Cf. Feller, 25.

¹¹⁵ Feller, 25.

¹¹⁶ Cf. Feller, 25.

¹¹⁷ Cf. Mário De França Miranda, «Instituição E Indivíduo Na Reforma Eclesial De Lutero E De Francisco», *Perspectiva Teológica* 49, n. 1 (2017): 23, <https://doi.org/10.20911/21768757v49n1p17/2017>.

¹¹⁸ Cf. Feller, «Reforma da Igreja», 25.

¹¹⁹ Wolff, «Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco», 539.

¹²⁰ Cf. Wolff, 541.

formação do clero, zelo apostólico dos bispos, catequese e vivência sacramental». ¹²¹ A nível doutrinal, teve várias preocupações, tais como «a relação entre a graça divina e liberdade humana, o realismo do pecado original e a sacramentalidade da fé». ¹²²

Preocupou-se, também, em refutar as teses de Lutero e por esse motivo, enveredou pelo caminho da contrarreforma, instaurando a eclesiologia da sociedade perfeita. Assim, a Igreja, em Trento, em vez de enfrentar os desafios da reforma e do iluminismo, acaba por se fechar em si própria, numa atitude de defesa, «afirmando-se como uma sociedade perfeita, com leis, estruturas e quadros próprios, em competição com o mundo». ¹²³

Posteriormente, no século XIX, aparecem várias propostas de reforma, apresentadas pela escola de Tübingen, na Alemanha, que realçavam a unidade eclesial, a dimensão espiritual e a presença do Espírito Santo na vida da Igreja. Todas estas ideias não chegaram a ter lugar no Concílio Vaticano I, talvez pela sua abrupta interrupção. Dele ficaram-nos quase só os dogmas do primado romano e da infabilidade papal. ¹²⁴

Com o Concílio Vaticano II, no século XX, a reforma da Igreja volta a estar na ordem do dia. A humanidade vivia um clima de tensão mundial, visto que o mundo acabava de sair de uma grande guerra e estava prestes a viver uma guerra nuclear por causa da crise dos mísseis de Cuba. Duas grandes potências, a democracia do ocidente e o comunismo totalitário soviético, encontravam-se frente a frente. É neste ambiente que começa o Concílio Vaticano II, convocado por João XXIII, com o intuito de preparar a Igreja para anunciar o Evangelho e orientar o mundo em transformação. ¹²⁵ O Papa queria um concílio pastoral com base no *aggiornamento* e no diálogo. Pretendia com o Concílio estabelecer o diálogo com o mundo moderno, renovar a vida cristã, proporcionar o ecumenismo, e despojar a Igreja de todas as suas riquezas de modo a que se tornasse pobre para os pobres. ¹²⁶

O Vaticano II – perante a Igreja da cristandade, definida como uma sociedade de desiguais, centralizada, uniformizada, institucional e pouco comunitária ¹²⁷ - refletiu sobre a identidade da Igreja e desejou responder à pergunta: «Igreja, que dizes de ti mesma?». ¹²⁸ Encontramos esta reflexão na constituição dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*) e na constituição pastoral sobre a Igreja no mundo atual (*Gaudium et Spes*).

Na *Lumen Gentium*, reflexão *ad intra* sobre a Igreja, descobrimos um novo modo de entender e viver a Igreja de Jesus Cristo. Passa-se da imagem da Igreja como sociedade perfeita

¹²¹ Feller, «Reforma da Igreja», 25.

¹²² Feller, 25.

¹²³ Feller, 25.

¹²⁴ Cf. Feller, 26.

¹²⁵ Cf. Walter Kasper, «El Vaticano II: intención, recepción, futuro», *Revista Teología* 52, n. 117 (2015): 96–97.

¹²⁶ Cf. Víctor Codina, «Ecclesiology of Vatican II», *Perspectiva Teologica* 45, n. 127 (2013): 463.

¹²⁷ Cf. Codina, 465.

¹²⁸ Codina, 464.

- na qual se destacava a sua dimensão jurídica e institucional - para a imagem de uma Igreja como povo de Deus.¹²⁹ Por outro lado, na *Gaudium et Spes*, reflexão *ad extra* sobre a instituição eclesial, reflete-se sobre como deve ser a postura da Igreja no mundo atual. De tal modo, refere que ambas as realidades não são duas realidades contrárias, visto que «a Igreja vive no mundo e o mundo penetra também na Igreja».¹³⁰ Assim, a Igreja quer compartilhar «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobre tudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem». (GS 1)

O Concílio ressuscitou a verdadeira identidade da Igreja. Por isso, propôs uma Igreja de pequenas comunidades, à luz do cristianismo primitivo, onde a experiência do encontro com Jesus Cristo se proporciona de uma forma genuína. Pretendia restabelecer o sentimento de pertença eclesial, através da comunhão, participação e corresponsabilidade de todos, em especial das mulheres. O Vaticano II propôs uma pastoral descentralizada, menos centralizada no templo e mais centrada nas casas e nas ruas, concentrada preferencialmente nos mais frágeis, entre eles, os pobres e os jovens.¹³¹

Mais tarde, João Paulo II, mantendo a linha reformadora, reintroduz a expressão “Nova Evangelização” no vocabulário eclesial. Esta aparece já na conferência de Medellín, com a intenção de levar adiante a reforma do Vaticano II, e assim passar de uma pastoral conservadora para uma pastoral transformadora. O Papa apelou à Nova Evangelização com o objetivo de promover uma evangelização nova no seu ardor, nos seus meios e nova na expressão do conteúdo.¹³² Este novo modelo de evangelização convida todos os cristãos e suas comunidades: a estarem atentos às mudanças tanto eclesiais como sociais; à autoevangelização; à renovação através da descentralização das estruturas, mudanças de costumes e hábitos; à construção da comunhão eclesial; a terem uma função profética de anunciar e de denunciar; a darem bom testemunho; e a serem audazes e criativos.¹³³

Posteriormente, já no século XXI, Bento XVI anunciou a intenção de criar um dicastério para a promoção da Nova Evangelização com a finalidade de responder ao momento de crise da vida cristã, caracterizada pela exclusão de Deus da vida das pessoas e pelo indiferentismo em relação à fé cristã.¹³⁴ Assim sendo, decide também convocar um sínodo com o tema: «A Nova Evangelização para a transmissão da fé». Este sínodo foi dedicado à Nova Evangelização

¹²⁹ Cf. Feller, «Reforma da Igreja», 26.

¹³⁰ Kasper, «El Vaticano II: intención, recepción, futuro», 103.

¹³¹ Cf. Codina, «Ecclesiology of Vatican II», 471.

¹³² Cf. João Paulo II, «Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam», sec. 3.

¹³³ Cf. A.Gomes Dias, «Nova Evangelização», *Humanística e teologia* 12, n. 3 (1991): 365–360, <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1991.3673>.

¹³⁴ Cf. Bento XVI, «Discurso do Papa Bento XVI à primeira assembleia plenária do pontificado conselho para a promoção da Nova Evangelização», 1–2, acedido 21 de Abril de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110530_nuova-evangelizzazione.pdf.

com o objetivo de proporcionar a descoberta da fé a todos os batizados que se afastaram de Deus, tornando-se indiferentes em relação a Ele, como vimos anteriormente.

Em seguida, no dia 11 de fevereiro de 2013, Bento XVI acaba por renunciar às suas funções e, no dia 13 março de 2013, o Espírito Santo concede à Igreja um novo projeto de reforma, adequado aos tempos atuais, com o Papa Francisco, que acaba por ser uma releitura atualizada daquilo que foi a convocatória e realização do Concílio Ecuménico Vaticano II. Vindo da América Latina, das periferias, longe de todas as grandes burocracias e estruturas de poder, Jorge Mário Bergoglio é recebido com a esperança de executar grandes mudanças, reformas e renovações. Deste modo, no seu primeiro escrito oficial, propõe um projeto de reforma missionária:

sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. (EG 27)

Francisco aponta para o paradigma: «Igreja em saída» (EG 20) com objetivo de tornar a Igreja «*com – forme* o Evangelho»,¹³⁵ isto é, um «lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho». (EG 114) Este paradigma implica um novo agir pastoral, caracterizado pela proximidade entre a hierarquia e o Povo de Deus.

A Igreja é chamada a sair da sua zona de conforto, ou seja, a descentralizar-se das suas estruturas, costumes, normas e preceitos «que podem ter sido muito eficazes noutras épocas, mas já não têm a mesma força educativa». (EG 43) Tem de abandonar a ideia de autorreferencialidade, deixar de se preocupar apenas com a administração da paróquia, «sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho». (EG 20)

Impõem-se seguir os passos de Jesus Cristo e «anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnância e sem medo», (EG 23) com especial preferência pelos pobres, doentes, desprezados e esquecidos. (Cf. EG 48)

A Igreja em saída, inevitavelmente, vai encontrar vários obstáculos e desafios, no entanto não pode desistir, nem ter medo de falhar, pois é preferível «uma Igreja acidentada,

¹³⁵ Elias Wolff, «A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo», *Revista de Cultura Teológica* 29, n. 98 (2021): 12, <https://doi.org/10.23925/rct.i98.52536>.

ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças». (EG 49)

Todas as iniciativas do Papa Francisco expressam claramente a sua vontade de renovar o ser e o agir da Igreja.¹³⁶ Ele propõe uma reforma com base nos ensinamentos do Concílio Vaticano II, destacando «a eclesiologia do povo de Deus, o protagonismo eclesial dos cristãos batizados, o valor das Igrejas locais e das conferências episcopais, a relação com a sociedade, entre outros».¹³⁷

Perspetivando uma Igreja descentralizada, o Papa propõe um processo de conversão, em três níveis: pessoal, estrutural e pastoral. A nível pessoal propõe reconfigurar a identidade dos cristãos, no horizonte das suas mentalidades e atitudes. No âmbito estrutural, indica uma maior organização da vida das comunidades. E, por fim, no campo pastoral, aponta para a necessidade de novos meios, novas práticas e novas linguagens. As três realidades complementam-se, pois para acontecer a conversão pastoral tem que ocorrer antes a conversão pessoal e estrutural.¹³⁸

A reforma é direcionada para todos na Igreja e atinge tudo na Igreja: a paróquia, as comunidades de base, as pequenas comunidades, os movimentos e associações, as igrejas particulares, o ministério episcopal e o papado. (Cf. EG 28-32) Francisco afirma que também «as estruturas centrais da Igreja universal precisam de ouvir este apelo a uma conversão pastoral». (EG 32) Por isso, foca a urgência de reformar: a cúria romana, as conferências episcopais e o ministério petrino.

A cúria romana é um organismo «por meio da qual o Sumo Pontífice costuma dar execução aos assuntos da Igreja universal, e que desempenha o seu múnus em nome e por autoridade do mesmo para o bem e serviço da Igreja». (CIC 360) Desta forma, tem de agir em sintonia e sobre autoridade do Papa. No entanto, nem sempre as suas ações vão ao encontro da sua verdadeira natureza e finalidade.¹³⁹

No ano de 2014, o Papa Francisco, num dos seus discursos à cúria romana, apontou várias doenças curiais, entre elas, destacam-se: idealizar-se como imortal, imune ou indispensável; a atividade excessiva; o empreendimento mental e espiritual, isto é, possuir um coração de pedra; a planificação excessiva e o funcionalismo, por outras palavras, planificar tudo de uma forma minuciosa; a má coordenação; a rivalidade e a vanglória; a esquizofrenia existencial que se traduz na vida dupla; as bisbilhotices, as murmurações e as críticas; a

¹³⁶ Cf. Elias Wolff, «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco», *Revista Pistis Praxis* 9, n. 2 (2017): 524, <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.002.ds07>.

¹³⁷ Wolff, 524.

¹³⁸ Cf. Wolff, «A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo», 19.

¹³⁹ Cf. Wolff, «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco», 526.

divinização dos líderes, ou melhor, fazer corte às instâncias superiores para obter algo em troca; o indiferentismo, que sucede quando o indivíduo apenas pensa em si; a acumulação que resulta do preenchimento do vazio existencial com acumulação de bens materiais; os círculos fechados; e por fim, o lucro mundano que ocorre quando o serviço se transforma em poder.¹⁴⁰

Após diagnosticar as várias doenças, passados dois anos, no ano de 2016, novamente num discurso à cúria romana, o Papa apresenta uma receita para as curar. Desta forma, propôs aos cardeais da cúria um conjunto de 12 critérios a considerar: a conversão pessoal – é o fundamento, sem a qual não acontecem as mudanças nas estruturas; a conversão pastoral – aponta para a dimensão do serviço, à imagem de Deus Bom pastor; a missionariedade – faz parte da identidade da Igreja: anunciar a todos a Boa Nova; a racionalidade – elemento necessário nos organismo da cúria, e que tem a finalidade de destacar as competências correspondentes a cada dicastério; a funcionalidade – implica a revisão sucessiva das funções, das competências e finalidades; modernidade (atualização) – capacidade de leitura e reflexão dos sinais dos tempos; sobriedade – simplificação e aligeiramento da Cúria; subsidiariedade – ordenação das competências correspondentes aos vários Dicastérios; sinodalidade – a cúria deve trabalhar de forma sinodal; catolicidade – a cúria deve ser expressão da catolicidade da Igreja; profissionalismo – implica a formação permanente de todos os membros; e por fim, a gradualidade – fruto de um indispensável processo de discernimento.¹⁴¹

Relativamente às conferências episcopais,¹⁴² o Papa tem consciência que, ao longo dos tempos, as conferências episcopais perderam a sua autonomia e a comunhão com Roma. Elas têm imensas dificuldades em serem ouvidas nos seus vários pedidos às estruturas centrais da Igreja.¹⁴³

Perante esta situação de impotência destes organismos, surge a necessidade de explicitar um estatuto das conferências episcopais que as considere como «sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal». (EG 32) Desta forma, o Papa Francisco, recentemente, decidiu transferir certas funções da Santa Sé para os bispos diocesanos

¹⁴⁰ Cf. Francisco, «Encontro com os cardeais e colaboradores da cúria romana para troca de bons votos de Natal», par. 1–15, acedido 25 de Fevereiro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html#_ftn17.

¹⁴¹ Cf. Francisco, «Encontro com a cúria romana na apresentação de votos natalícios, discursos do Santo Padre Francisco», par. 1–12, acedido 27 de Fevereiro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html.

¹⁴² As conferências episcopais são agrupamentos «dos bispos de uma nação ou determinado território, que exercem em conjunto certas funções pastorais a favor dos fiéis do seu território, a fim de promoverem o maior bem que Igreja oferece aos homens, sobretudo por formas e métodos de apostolado convenientemente ajustados às circunstâncias» (CIC 447)

¹⁴³ Cf. Wolff, «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco», 527.

e para as conferências episcopais, em nome de uma descentralização,¹⁴⁴ procurando, assim, reforçar «o espírito de colegialidade, sinodalidade e subsidiariedade na Igreja, pela prática de um real intercâmbio, diálogo e cooperação com/entre as Igrejas locais».¹⁴⁵ Afirmando que «não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar “descentralização”». (EG 16) Francisco evidencia a necessidade de uma conceção eclesiológica que ofereça espaço para o diálogo e que seja mais democrática e participativa.

A revisão do ministério petrino também é incluída no projeto de reforma da Igreja. Como vimos, ao longo da história, a tendência foi sempre a centralização do papado, em especial com o concílio Vaticano I, ao estabelecer o primado romano e a infabilidade papal, não deixando espaço para a colegialidade e a sinodalidade. Por conseguinte, no pontificado de Bento XVI, o papado estava a atravessar uma grande crise e a prova disso foi a renúncia do próprio Papa. Vivia-se um clima de jogo de interesses e o Papa, em diversas ocasiões, estava refém da cúria. Perante esta fase mais atribulada, Bento XVI mostrou-se incapaz de conduzir a Igreja.¹⁴⁶ No momento da sua renúncia, na sua declaração, o próprio anunciou explicitamente as suas limitações, afirmando que

para governar a barca de São Pedro e anunciar o evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho que reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma.¹⁴⁷

A renúncia do Papa Bento XVI dá início à reforma do Papado, pois demonstra «que o ministério do bispo de Roma não é eterno e existe como o de qualquer outro bispo, em relação à sua Igreja particular».¹⁴⁸ O Papa alemão deixa a mensagem que «o ministério papal é um serviço à Igreja e o seu portador deve estar em condições de exercê-lo de modo digno e eficiente».¹⁴⁹

O Papa Francisco dá continuidade à reforma do ministério petrino, pois tem consciência da necessidade da sua renovação: «dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros,

¹⁴⁴ Cf. Francisco, «Carta apostólica sob a forma de motu proprio do sumo pontífice Francisco "competentias quasdam decenere" pela qual se modificam algumas normas do código direito canónico e do código dos cânones das Igrejas orientais», 27, acedido 26 de Abril de 2022, <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/02/15/0109/00219.pdf>.

¹⁴⁵ Wolff, «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco», 527.

¹⁴⁶ Cf. João Décio Passos, «A Reforma Do Papado: Primado Na Colegialidade», *Perspectiva Teológica* 48, n. 1 (2016): 41, <https://doi.org/10.20911/21768757v48n1p37/2016>.

¹⁴⁷ Bento XVI, «Declaratio», 1, acedido 1 de Março de 2022, https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.pdf.

¹⁴⁸ Ney Suza e Tiago Cosmo da Silva Dias, «Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco», *Revista de Cultura Teológica* 29, n. 98 (2021): 116, <https://doi.org/DOI-10.23925/rct.i98.52195>.

¹⁴⁹ Passos, «A Reforma Do Papado: Primado Na Colegialidade», 51.

devo pensar também numa conversão do Papado». (EG 32) Deste modo, propõe a superação da excessiva centralização do Papado, que «em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária». (EG 32)

Na sua primeira aparição, após ser eleito Papa, Francisco dá início à descentralização do ministério petrino, ao referir-se a si como sucessor de Pedro e como bispo de Roma, e não como Santo Padre ou Vigário de Cristo.¹⁵⁰ O novo Papa apresenta-se como um bispo igual aos outros, à frente da sua Igreja local. Ele tem a intenção «de ser o *primus inter et cum pares*, não um monarca soberano». ¹⁵¹ Neste sentido, afirma: «compete-me como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização». (EG 32)

Na procura de um novo papado, espera-se que o Papa: tome as suas decisões em consistório; ouça as conferências episcopais; antes de tomar qualquer decisão importante, consulte os bispos; e permita que um determinado número de bispos possa convocar um concílio.¹⁵² Assim, idealiza-se uma Igreja «menos centralizada, mais aberta e democrática»,¹⁵³ que seja verdadeiramente Povo de Deus, na qual «os carismas possam florescer sem medo e os ministérios possam ser exercidos livremente».¹⁵⁴

O Papa sonha com um ministério petrino mais simples, longe das estruturas da cúria e do papado. Por isso, toma a decisão de não residir no Palácio Apostólico, recusa os carros oficiais, o luxo dos mantos de arminho, as mitras enfeitadas e as casulas bordadas a ouro. Ele é uma figura que respira simplicidade, que não hesita em acariciar um enfermo ou em dar um sorriso.¹⁵⁵ Estamos perante um novo Papa e um novo papado, já que Francisco instaura uma nova forma ser Papa: distanciando-se da imagem de um monarca; indo pelo caminho da sinodalidade, colegialidade e subsidiariedade; e compreendendo a sua missão como um serviço.¹⁵⁶

Por fim, o Papa Francisco deixa claro que o método da sua renovação tem por base três fidelidades: a fidelidade ao Evangelho, onde encontramos o frescor e a criatividade para responder aos desafios do mundo atual; a fidelidade ao tempo presente, deixando para trás

¹⁵⁰ Cf. Osmar Cavaca, «Estudo da eclesiologia do papa Francisco a partir da Evangelii Gaudium», *Revista de Cultura Teológica* 22, n. 83 (2014): 22.

¹⁵¹ Suza e Cosmo da Silva Dias, «Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco», 104.

¹⁵² Cf. Wolff, «A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo», 25.

¹⁵³ Suza e Cosmo da Silva Dias, «Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco», 114.

¹⁵⁴ Suza e Cosmo da Silva Dias, 114.

¹⁵⁵ Cf. Suza e Cosmo da Silva Dias, 112.

¹⁵⁶ Cf. Wolff, «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco», 533–34.

costumes que podem ser belos, mas agora já não têm eficácia na transmissão da fé; e a fidelidade ao Vaticano II, que apresenta uma reforma permanente da Igreja, mantendo a fidelidade a Jesus Cristo.¹⁵⁷

2.4. Igreja pobre para os pobres

Desde os primórdios do cristianismo, o tema dos pobres esteve sempre presente. As primeiras comunidades entendiam a caridade como uma forma de viver o Evangelho e de seguir Jesus. No entanto, com o passar dos tempos, a preocupação com os mais necessitados foi sendo posta em segundo lugar, pois o desejo da expansão do cristianismo, por todo império romano, sobrepunha-se ao cuidado pastoral dos mais necessitados. Passamos a ter uma Igreja mais institucional, preocupada em defender os dogmas, a doutrina e a fé, em vez de se preocupar em ser a Igreja de Jesus Cristo.¹⁵⁸ No século XX, o tema dos pobres foi retomado pelo Concílio Vaticano II, com João XXIII e um grupo de padres conciliares, que realizaram o chamado *pacto das catacumbas*, e, posteriormente, pela Igreja Latino-Americana e caribenha, com as conferências episcopais de Medellín, Puebla e Santo Domingo.¹⁵⁹ No século XXI, este assunto é reabilitado novamente pela conferência da *Aparecida* e pelo pontificado do Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

Por ocasião do Concílio Vaticano II, João XXIII usou pela primeira vez a expressão «Igreja dos pobres».¹⁶⁰ O Papa Bom, na sua radiomensagem de 11 de setembro de 1962, precisamente um mês antes do início do concílio, chama a atenção para o serviço que a Igreja deve prestar ao mundo a partir da sua fé em Jesus Cristo, perspetivando uma Igreja de todos, especialmente dos pobres: «para os países em desenvolvimento a Igreja é apresentada como é e como ela deve ser, como a Igreja de todos, especialmente como a Igreja dos pobres».¹⁶¹ Estamos perante palavras proféticas, que pré-anunciam a opção preferencial pelos pobres assumida pelo episcopado Latino-Americano e mais tarde pela Igreja universal.¹⁶²

O tema dos pobres dentro Concílio não teve o destaque que muitos esperavam e desejavam. Por conseguinte, o cardeal Jaime Lercaro, Arcebispo de Bologna (Itália), interveio

¹⁵⁷ Cf. Wolff, «A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo», 19–20.

¹⁵⁸ Cf. Vitor Hugo Lourenço, «A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*», *Revista de Cultura Teológica* 25, n. 89 (2017): 382.

¹⁵⁹ Cf. Francisco de Aquino Júnior, «“Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral», *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral* 8, n. 3 (2016): 632–33.

¹⁶⁰ Júnior, 634.

¹⁶¹ João XXIII, «Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del concilio vaticano II», 4, acedido 14 de Março de 2022, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.pdf.

¹⁶² Cf. Matias Martinho Lenz, «O concílio do Vaticano II: a presença da Igreja no mundo em espírito de serviço, em especial aos mais pobres», *Revista Pistis Praxis* 4, n. 2 (6 de Outubro de 2012): 425, <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.6107>.

na aula conciliar, durante a 35ª Congregação Geral, em defesa de uma Igreja pobre e para os pobres. Ele propôs que esta fosse a temática dominante de toda a eclesiologia e cristologia conciliar.¹⁶³ Assim, escreveu: «o mistério de Cristo na Igreja sempre foi e é, hoje particularmente, o mistério de Cristo nos pobres».¹⁶⁴ O cardeal considerava que este tema deveria ser o centro das reflexões, sendo que a sua ausência era entendida por ele como uma lacuna muito grave.¹⁶⁵ Apesar da sua intervenção, a «Igreja dos pobres» não foi o tema central da reflexão do concílio.

Nos documentos conciliares, o tema dos pobres acabou por não se afirmar. No entanto, não está totalmente ausente, pois podemos encontrá-lo nos seguintes documentos: *Lumen Gentium*, *Ad Gentes* e *Gaudium et Spes*.

Na *Lumen Gentium*, a pobreza é apresentada como uma dimensão constitutiva da Igreja e do seu mistério. A constituição reconhece que a Igreja é chamada a viver a pobreza de Cristo para anunciar à humanidade a Boa Nova. Destaca, também, a relação intrínseca entre Cristo e a pobreza, já que Ele viveu pobre e ao serviço dos pobres.¹⁶⁶ De tal forma, o número 8 da constituição dogmática, menciona:

assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus «que era de condição divina... despojou-se a si próprio tomando a condição de escravo (Fil. 2, 6-7) e por nós, «sendo rico, fez-se pobre» (2 Cor. 8,9): assim também a Igreja, (...) não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. (LG 8)

No decreto *Ad Gentes*, é traçada a pobreza como um caminho vivido por Cristo e proposto por Ele aos seus discípulos. Por isso, deve ser retomada pela Igreja, como meio de dar testemunho do Evangelho.¹⁶⁷ Nesse sentido, o número 5 do decreto sobre atividade missionária da Igreja afirma:

continuando esta missão e explicitando através da história a missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição. (AG 5)

Na *Gaudium et Spes* reflete-se sobre o compromisso da Igreja em servir os pobres, de lutar para combater as desigualdades sociais e de promover a dignidade de todas as pessoas humanas. Deste modo, evidencia:

¹⁶³ Cf. Ney De Souza, «Lercaro e a Igreja dos pobres», *Revista De Cultura Teológica* 29, n. 99 (2021): 15, <https://doi.org/10.23925/rct.i99.54386>.

¹⁶⁴ Souza, 15.

¹⁶⁵ Cf. Antonio Manzatto e Robert Landgraf, «O Reino de Deus e seus destinatários, em uma Igreja pobre para os pobres», *Revista Encontros Teológicos* 35, n. 3 (2020): 680, <https://doi.org/10.46525/ret.v35i3.1616>.

¹⁶⁶ Cf. Souza, «Lercaro e a Igreja dos pobres», 19.

¹⁶⁷ Cf. Lenz, «O concílio do Vaticano II: a presença da Igreja no mundo em espírito de serviço, em especial aos mais pobres», 426.

sendo tão numerosos os que no mundo padecem fome, o sagrado concílio insiste com todos, indivíduos e autoridades, para que, recordados das palavras dos Padres - «alimenta o que padece de fome, porque, se o não alimentaste, mataste-o» - repartam realmente e distribuam os seus bens, procurando sobretudo prover esses indivíduos e povos daqueles auxílios que lhes permitam ajudar-se e desenvolver-se a si mesmos. (GS 69)

No decorrer do Concílio, como acabámos de ver, surgiu uma corrente que colocava o tema dos pobres e da pobreza no centro das reflexões. Por isso, três semanas antes do encerramento do Concílio Vaticano II, um grupo de quarenta bispos de diferentes locais do mundo decidiram fazer um pacto sobre a Igreja pobre - o chamado Pacto das Catacumbas.

No dia 16 de novembro de 1965, os quarenta bispos reuniram-se nas Catacumbas de Santa Domitila, junto ao túmulo dos mártires Nereu e Aquileu.¹⁶⁸ Ali, os bispos prometeram levar uma vida simples e renunciar ao poder, assim como optar sempre pelos pobres. De tal modo, redigiram um documento com treze compromissos com a pobreza e com os pobres,¹⁶⁹ aqui, resumidos: adotar um estilo de vida conforme ao do povo; renunciar à aparência e à realidade da riqueza; não possuir nenhum bem em nome próprio; confiar a gestão financeira e material das dioceses a uma comissão de leigos para serem mais pastores e apóstolos; recusar títulos que significam a grandeza e o poder; evitar tudo o que possa parecer conferir privilégios, prioridades ou preferência aos ricos e poderosos; evitar incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vista a recompensa ou a solicitar dádivas; amparar com todos os meios necessários o serviço apostólico e pastoral da evangelização nos meios populares; transformar as obras de benefícios em obras sociais baseadas na caridade e na justiça; buscar uma nova ordem social em comunhão com os órgãos governamentais; comprometer-se de maneira ativa na luta contra a condição de pobreza dos dois terços da humanidade que se encontram nesta situação; estar mais abertos aos irmãos, partilhando com eles a vida; e dar a conhecer estes objetivos a todos os fiéis das respetivas dioceses.¹⁷⁰

As ideias do Pacto das Catacumbas sobre a Igreja pobre foram muito bem acolhidas pela Igreja Latino – Americana, especialmente pelas conferências gerais do episcopado: Medellín, Puebla, Santo Domingo e, mais tarde, Aparecida. Nestas conferências, como já vimos no primeiro capítulo, os bispos reconhecem que a Igreja não pode ficar indiferente às injustiças do mundo. Assim, assumiram a causa dos pobres, com a finalidade de promover uma Igreja mais

¹⁶⁸ Cf. Anderson Silva Barroso, «O pacto das catacumbas : da pobreza “ sem rosto ” ao novo rosto dos pobres», *Revista Eletrônica da FAJE* 11, n. 1 (2020): 86–87.

¹⁶⁹ Cf. Manuel José Jiménez Rodríguez, «Iglesia pobre para los pobres», *Revista de Educación Religiosa* 1, n. 1 (2018): 16, <https://doi.org/10.38123/rev.v1i1.29>.

¹⁷⁰ Cf. RELAMI, «Pacto das catacumbas da Igreja serva e pobre», 1–2, acedido 16 de Março de 2022, http://www.missilogia.org.br/wp-content/uploads/cms_documentos_pdf_15.pdf.

pobre e para os pobres. Desta forma, desponta, na América-Latina, uma Igreja defensora dos mais frágeis, que denuncia todo o tipo de injustiças e luta pelos direitos dos mais necessitados.

É desta parte do mundo que vem o Papa Francisco e traz consigo a experiência eclesial vivida na Igreja Latino-Americana. De tal modo, tem no centro das suas preocupações e orientações pastorais o projeto de uma Igreja pobre e para os pobres, que tal se reflete profundamente na escolha do seu nome e no seu agir.

O Papa explicou que as razões da eleição do seu nome têm a ver com as palavras de felicitação que lhe dirigiu o cardeal Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, quando conseguiu a maioria dos votos:

quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: «Não te esqueças dos pobres!» E aquela palavra ficou-me gravada na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associado com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco é um homem de paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis.¹⁷¹

O agir de Francisco, simples e austero, deixa claro a sua opção pelos pobres. Nos momentos fortes da liturgia da Igreja tem feito a opção de estar próximo dos mais necessitados, convidando-os para o almoço de Natal e lavando os pés dos presos, idosos e imigrantes, na Quinta-Feira Santa. Outro fator que demonstra a sua opção pelos mais carenciados é a instituição do dia Mundial dos Pobres, o qual começou a ser celebrado no XXXIII Domingo do Tempo Comum.¹⁷²

Nas suas viagens internacionais prefere visitar sempre os mais frágeis. Deste modo, a sua primeira viagem oficial foi a Lampedusa, movido pelo naufrágio dos imigrantes africanos. Ali, Francisco chorou a morte de milhares de imigrantes que pretendiam chegar à Europa. Visitou, também, a favela de Varginha no Rio de Janeiro, para denunciar as desigualdades sociais.¹⁷³ Nestes tempos marcados pela pandemia do Covid-19, o Papa Francisco pediu ao Dicastério para o Serviço e Desenvolvimento Humano Integral a formação de uma comissão especial para enfrentar o Covid-19.¹⁷⁴ É nestes pequenos gestos do Papa que vemos a sua opção pelas «periferias sociais e existenciais»¹⁷⁵.

O modo de ser de Francisco apela a uma conversão pastoral, que nada mais é do que uma pastoral comprometida com os pobres e com os excluídos. Ele ambiciona uma pastoral

¹⁷¹ Francisco, «Encontro com os representantes dos meios de comunicação social, discurso do Santo Padre Francisco», 2–3, acessado 17 de Março de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.pdf.

¹⁷² Cf. Barroso, «O pacto das catacumbas : da pobreza “ sem rosto ” ao novo rosto dos pobres», 92.

¹⁷³ Cf. Pedro Trigo, «Una Iglesia pobre para los pobres ¿Adónde nos lleva el sueño del papa Francisco?», *Revista Latinoamericana de Teología* 30, n. 90 (2013): 257, <https://doi.org/10.51378/rlt.v30i90.4665>.

¹⁷⁴ Cf. Manzatto e Landgraf, «O Reino de Deus e seus destinatários, em uma Igreja pobre para os pobres», 587.

¹⁷⁵ Barroso, «O pacto das catacumbas : da pobreza “ sem rosto ” ao novo rosto dos pobres», 92.

que tenha como destinatários privilegiados os mais frágeis, referindo que a partir do Evangelho é possível identificar a relação existente entre a evangelização e a fragilidade humana:¹⁷⁶

não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho» e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (EG 48)

Por isso, a Igreja não pode ficar imune aos mais necessitados, já que eles ocupam um lugar privilegiado no coração de Deus. (Cf. EG 197) Permanecer indiferente a eles implica ficar «fora da vontade do Pai e do seu projeto. E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus». (EG 187) Deste modo, a opção pelos pobres é inerente ao coração do Evangelho e faz parte da fé Cristã. Por esse motivo, o Papa manifesta-se contra os pensamentos teológicos e ideológicos que tentam relativizar e enfraquecer a opção pelos últimos.¹⁷⁷ Dizendo que «é uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar». (EG 194)

A opção pelos pobres deriva da fé cristológica, assim nos recorda Francisco, recorrendo à afirmação de Bento XVI: «esta opção “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza. Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres»». (EG 198) De tal modo, o Papa reforça claramente que «para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica». (EG 198)

Esta opção é um critério que confere autenticidade às ações da Igreja.¹⁷⁸ Por conseguinte, nos seus membros «nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora». (EG 195) Assim, os cristãos têm a responsabilidade acrescida de estarem atentos aos clamores daqueles que padecem.

Mas quem são estes pobres? O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, identifica novas formas de pobreza e fragilidade, nomeadamente: os sem-abrigo, os toxicodependentes, os refugiados, os povos indígenas, os idosos cada vez mais sós e abandonados, os imigrantes, os irmãos escravos que sofrem nas fábricas clandestinas e nas redes da prostituição, as mulheres excluídas e maltratadas, os nascituros, a quem hoje se quer negar a dignidade humana, as mulheres que querem abortar e, por fim, a própria criação. (Cf. EG 210-214) Segundo Aquino Júnior, tal como acabamos de ver,

a expressão “pobre” tem um sentido bastante amplo para Francisco, mas não tão amplo a ponto de, cinicamente, incluir-nos a todos, como se todos fossemos pobres. Isso, além de encobrir as injustiças e desigualdades sociais e falsificar a realidade, terminaria, na

¹⁷⁶ Cf. Manzatto e Landgraf, «O Reino de Deus e seus destinatários, em uma Igreja pobre para os pobres», 585.

¹⁷⁷ Cf. Júnior, «“Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral», 644–45.

¹⁷⁸ Cf. Júnior, 645.

prática, negando a opção pelos pobres. Afinal, se somos todos pobres, opção pelos pobres é opção por todos. E quando todos se tornam prioridade, ninguém mais é prioridade.¹⁷⁹

Perante o cenário de pobreza, Francisco entende que é necessário agir. Neste sentido, com base na sua experiência pastoral, propõe algumas diretrizes com a finalidade de impulsionar a opção pelos pobres na vida da Igreja:¹⁸⁰ em primeiro lugar, proximidade física dos pobres e disponibilidade para socorrê-los e integrá-los; (Cf. EG 187) em segundo lugar, cuidado espiritual com os necessitados, já que eles têm uma especial abertura à fé; (Cf. EG 200) em terceiro lugar, promoção de uma cultura solidária; (Cf. EG 188) e em quarto lugar, lutar pela justiça, visto que a Igreja tem a tarefa urgente de enfrentar as desigualdades sociais e as causas estruturais da pobreza. (Cf. EG 183)

Todos estamos implicados na missão de proteger os mais desfavorecidos da sociedade e de construir um mundo melhor. Por essa razão, «ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências». (EG 201) Assim sendo,

qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender substituir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja inclusão de todos (...). Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios. (EG 207)

Concluindo, Francisco sonha com uma conversão pastoral que ponha no centro da vida da Igreja os mais frágeis. O próprio disse numa das suas entrevistas: «ah, como eu queria uma Igreja pobre para os pobres».¹⁸¹ O Papa tem noção que «todas as grandes e autênticas reformas na Igreja consistiram sempre, em grande medida, numa volta aos pobres e marginalizados».¹⁸² Só desta forma a Igreja é fiel a Jesus de Nazaré, que optou por uma vida pobre e com os pobres.¹⁸³ Assim, «todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos». (EG 216)

¹⁷⁹ Júnior, 645.

¹⁸⁰ Cf. Júnior, 645.

¹⁸¹ Francisco, «Encontro com os representantes dos meios de comunicação social, discurso do Santo Padre Francisco», 3.

¹⁸² Francisco de Aquino Júnior, «“Igreja dos Pobres”, Uma nota eclesiológica fundamental», *Atualidade Teológica* 22, n. 59 (2018): 356, <https://doi.org/10.17771/pucrio.ateo.32732>.

¹⁸³ Cf. Manzatto e Landgraf, «O Reino de Deus e seus destinatários, em uma Igreja pobre para os pobres», 589.

3. Transformação missionária da comunidade paroquial

Tendo presente a seguinte frase da *Evangelii Gaudium*: «a paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração» (EG 28), iremos procurar traçar um caminho de transformação missionária da comunidade paroquial.

Primeiramente, vamos descrever a paróquia como âmbito para a escuta da palavra de Deus, destacando algumas formas de aproximação à Sagrada Escritura, tal como a *Lectio Divina*, a catequese e a homilia. De seguida, consideraremos a comunidade cristã como um espaço para a formação de discípulos missionários de Jesus Cristo com base na iniciação cristã, na catequese permanente e na família. Por último, partindo do mandato missionário de Jesus Cristo, presente no Evangelho de Mateus, refletiremos sobre a missão na atualidade.

3.1. Âmbito para a escuta da palavra de Deus

A paróquia verdadeiramente missionária e evangelizadora tem no seu centro a palavra de Deus. Toda a sua missão está fundada sobre a palavra ouvida, meditada e celebrada, tornando-a capaz de um testemunho evangélico. Assim sendo, a paróquia só evangeliza quando se deixa continuamente evangelizar. A palavra de Deus tem de ser cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial. (Cf. EG 174)

O objetivo da paróquia missionária é proporcionar o encontro com Jesus Cristo, já que a vida cristã consiste no encontro com Ele, que nos chama a segui-IO. A palavra de Deus é um dos meios que favorece esse encontro, visto que essa não é um livro, mas sim uma Pessoa, é o nosso Senhor Jesus Cristo. Em Jesus Cristo, a «Palavra eterna assumiu a condição humana, passou a fazer parte da raça humana, protagonizou uma história humana».¹⁸⁴ Apesar de a Bíblia ser um ponto de referência para a Igreja, a palavra de Deus vai além desta, pois é-nos dirigida também na criação, na tradição da Igreja e na pregação dos apóstolos e dos profetas. (Cf. VD 7) Podemos dizer que foi no dinamismo da Tradição que surgiram as Sagradas Escrituras, quando os apóstolos e os fiéis, movidos pelo Espírito Santo, passaram para texto escrito a Boa Nova. É evidente que a palavra é palavra de Deus

não por ter sido por Ele especialmente pronunciada ou por ser destinta da palavra humana, mas precisamente por ser aquela palavra humana em que Deus se diz a si mesmo, interpelando o ser humano nesse mesmo acontecimento de se dizer. Deus não é, assim, exterior à própria linguagem em que se revela, acontecendo a sua vinda ao mundo e ao ser humano precisamente no acontecimento da linguagem que o articula.¹⁸⁵

¹⁸⁴ António Melo, «Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini*», *Interações: Cultura e Comunidade* 6, n. 9 (2011): 179.

¹⁸⁵ João Duque, *Homo Credens. Para uma teologia da fé* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002), 21.

O Concílio Vaticano II investiu muito na reabilitação da palavra de Deus na vida da Igreja e conseguiu alcançar grandes frutos, uma vez que os fiéis, na atualidade, demonstram um grande interesse pelo conhecimento da Sagrada Escritura. Tal como podemos ver na constituição dogmática *Dei Verbum*, que incentiva os fiéis, nos diversos ministérios e estados de vida a uma maior intimidade com a palavra de Deus: todos os fiéis «debruçam-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da Sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual». (DV 25)

A segunda *Conferência de Medellín*, em 1968, estabelecendo continuidade com o Concílio Vaticano II, destaca a Sagrada Escritura como o motor de toda ação evangelizadora. Nas recomendações pastorais refere que as «comunidades devem basear-se na Palavra de Deus». ¹⁸⁶

Mais tarde, a terceira *Conferência de Puebla*, em 1979, vai ao encontro do Concílio, evidenciando nos projetos pastorais: a Bíblia como fonte principal da catequese, a importância do apostolado bíblico, a difusão da Bíblia, e a criação de grupos bíblicos. (Cf. DP 1001)

Posteriormente, a quarta *Conferência de Santo Domingo*, em 1992, acentua a necessidade das Sagradas Escrituras serem acolhidas como alimento para a vida dos fiéis, sendo imprescindível que os agentes da pastoral aprofundem a palavra de Deus, vivendo-a nos seus quotidianos e transmitindo-a aos outros com fidelidade. ¹⁸⁷

A quinta *Conferência de Aparecida* evidencia, também, a importância de propor aos fiéis a palavra de Deus, referindo que é «necessário propor aos fiéis a palavra de Deus como Dom do Pai para o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho de “autêntica conversão e de renovada comunhão e solidariedade”». (DA 248)

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco pronuncia, igualmente, a importância da Sagrada Escritura, referindo que «toda a evangelização está fundada sobre esta Palavra escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura é a fonte da evangelização». (EG 174) É o alimento que restabelece as forças dos cristãos e os torna capazes de dar um bom testemunho no dia-a-dia. Logo, é preciso que a palavra de Deus fecunde a catequese e todos âmbitos de transmissão da fé. (Cf. EG 174-175)

Por isso, urge a necessidade de uma pastoral bíblica, «não em justaposição com as outras formas de pastoral, mas como *animação bíblica da pastoral*» (VD 73), isto é, em toda a pastoral deve estar presente o espírito bíblico. Para melhor percebemos, a pastoral bíblica «não pode ser

¹⁸⁶ CELAM, «Conclusões da II Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano», 32, acedido 1 de Julho de 2022, https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf

¹⁸⁷ Cf. CELAM, «IV Conferência Do Episcopado Latino Americano», 14, acedido 1 de Julho de 2022, http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf.

um *ramo* a mais do conjunto da árvore da vida que é a Igreja, mas a seiva que corre pelo seu tronco e nutre todos os ramos». ¹⁸⁸

Concluindo, a paróquia missionária deve proporcionar aos seus membros espaços onde possam entrar em contacto direto com os textos da palavra de Deus. Neste sentido, entre as muitas formas de se aproximarem da Sagrada Escritura, destacamos as seguintes: a *Lectio Divina*, a catequese e a homilia.

3.1.1. A *Lectio Divina*

A *Lectio Divina* consiste numa leitura individual ou comunitária da Sagrada Escritura, na qual o fiel percebe o tesouro da palavra de Deus e é conduzido ao encontro de Jesus Cristo. Assim, a paróquia missionária deve fomentar esta prática, pois é fundamental na vida de um cristão, independentemente do seu estado de vida. (Cf. VD 86-87)

Os bispos na *Aparecida* incentivam os fiéis à prática da *Lectio Divina*, como forma de se aproximarem da Sagrada Escritura. Este exercício de «leitura orante, bem praticada, conduz ao encontro com Jesus-Mestre, ao conhecimento do mistério de Jesus-Mestre, à comunhão com Jesus-Filho de Deus e ao testemunho de Jesus-Senhor do universo». (DA 249) Tem como objetivo suscitar e alimentar o amor à Sagrada Escritura.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, também incita à prática da *Lectio Divina* como forma de escutarmos o que Deus nos quer dizer por meio da sua palavra e nos deixarmos renovar pelo Espírito. (Cf. EG 152) Refere-se a este exercício como uma «leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove». (EG 152)

A expressão *Lectio Divina* tem a sua origem em Orígenes, no entanto esta prática começou antes da época patrística, visto que no Novo Testamento já podemos falar da prática da *Lectio Divina* pelo próprio Jesus Cristo, na Sinagoga de Nazaré (Cf. Lc 4,16-21) e com os discípulos de Emaús (Cf. Lc 24, 13-35). Desta forma, também está presente no judaísmo e entende-se principalmente em três etapas: ler, meditar e orar. Posteriormente, este método foi herdado pelo cristianismo, especialmente a partir de São Paulo. De seguida, ganhou uma estrutura mais concreta com os padres do deserto e acabou por se consolidar com a fundação dos mosteiros, principalmente os mosteiros beneditinos, nos quais os monges dedicavam uma parte do dia à leitura orante. A vida dos monges dividia-se entre o trabalho e a leitura orante, daí esta fazer parte da regra de São Bento. ¹⁸⁹

¹⁸⁸ Santiago Silva Retamales, «A “Palavra De Deus” Na V Conferência De Aparecida», *Atualidade Teológica* 2007, n. 3 (2011): 367, <https://doi.org/10.17771/pucrio.ateo.18723>.

¹⁸⁹ Cf. Fernando Milán, «Lectio divina: An ancient and current way of praying with the sacred scripture», *Scripta Theologica* 51, n. 1 (2019): 168–70, <https://doi.org/10.15581/006.51.1.161-187>.

Apesar da *Lectio Divina* ser considerada essencialmente uma tradição monástica, na segunda metade do século XX, passou a ser reconhecida por todos, visto que o Concílio Vaticano II propôs aos fiéis a redescoberta e valorização da *Lectio Divina*. No entanto, esta não pode ser considerada como uma leitura de informação ou de investigação exegética, pois vai mais além, uma vez que é um caminho espiritual ou um exercício contemplativo que conduz à união com Deus.¹⁹⁰ Tal como sublinha Bento XVI, na *Verbum Domini*: a *Lectio Divina* é «capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva». (VD 87) Assim sendo, é uma ação complexa, que exige dedicação e é composta por quatro etapas básicas: *lectio, meditatio, oratio e contemplatio*.

A *lectio* parte da pergunta: «o que diz o texto bíblico em si?» (VD 87) e consiste em ler atentamente o texto, para perceber o seu significado. Apesar de não ser necessário fazer um exercício exegético do mesmo, é necessário fazer uma leitura inteligente. Assim, é indispensável ler o texto várias vezes, para encontrar os elementos mais importantes, isto é, buscar a informação sobre o contexto histórico e literário, limitar a passagem bíblica em cenas e atos, identificar os géneros literários, as personagens e os símbolos usados, entre outros. É nesta etapa que o fiel escuta a voz de Deus, a partir do texto bíblico.¹⁹¹ Aqui, ele põe-se aos pés de Jesus para aprender a ouvir e a captar o profundo sentido da palavra e posteriormente pô-la em prática.¹⁹² A *lectio* é compreendida como «uma leitura atenta e pausada que é, ao mesmo tempo, escuta pessoal e íntima, de coração a coração, assídua, desinteressada, dialogada, ruminada e acolhida na fé da Igreja».¹⁹³

A *meditatio* tem por base a questão: «que nos diz o texto bíblico?» (VD 87) e é uma atividade mental, na qual a pessoa tenta perceber o que Deus lhe pretende dizer com a sua palavra. É o espaço para saborear a palavra lida e encontrar o significado mais profundo do texto. Nesta fase, o fiel deixa-se interpelar pela palavra de Deus, aplica-a às circunstâncias da sua vida e compromete-se a realizar o que Deus lhe pede.¹⁹⁴

A *Oratio* supõe a pergunta: «que dizemos ao Senhor, em resposta à sua palavra?» (VD 87) A partir deste momento, o orante passa da escuta à resposta à palavra de Deus, ou seja, se antes era Deus quem dirigia a sua palavra ao fiel, agora é ele quem dirige as suas palavras a Deus. Logo, o orante deve pôr diante de Deus todas as suas inquietudes, pedir perdão por todas as vezes que agiu como se Deus não existisse, e pedir a Deus que permaneça no seu coração.¹⁹⁵

¹⁹⁰ Cf. Milán, 173–74.

¹⁹¹ Cf. Milán, 178.

¹⁹² Cf. Eleví Santos Zavaleta, «Lectio Divina desde la accion humana», *Revista Albertus Magnus* 6, n. 2 (2015): 364.

¹⁹³ Milán, «Lectio divina: An ancient and current way of praying with the sacred scripture», 178.

¹⁹⁴ Cf. Milán, 179.

¹⁹⁵ Cf. Milán, 184.

A *contemplatio* tem por base a pergunta: «qual é a conversão da mente, do coração e da vida que o Senhor nos pede?» (VD 87) e consiste num certo abstrair da realidade, na qual o crente, com todo o seu ser em Deus, apenas se limita a saborear as consolações recebidas. Nas etapas anteriores o orante era um sujeito ativo, agora ele permanece passivo, num clima de silêncio, longe de todas as distrações, sozinho com Deus, admirando-O e deixando-se contemplar por Ele.¹⁹⁶ Assim sendo, «contemplar é deixar-se abraçar pela Palavra. O orante abandona-se em Deus e experimenta uma certa passividade. Deus converte-se no protagonista da oração».¹⁹⁷

Por fim, apesar de a *contemplatio* ser a última fase da *Lectio Divina*, a maior parte dos autores, entre eles Bento XVI, acrescentaram mais um passo: a *actio*. É o momento em que a palavra escutada torna-se viva na vida do orante, para levar aos demais a alegria do Evangelho. Assim, recomenda Bento XVI: «há que recordar ainda que a *Lectio Divina* não está concluída, na sua dinâmica, enquanto não chegar à ação (*actio*), que impele a existência do fiel a doar-se aos outros na caridade». (VD 87)

3.1.2. Catequese

A catequese, desde o catecumenado nos primórdios da Igreja, vai procurar o seu conteúdo à palavra de Deus. Esta é a principal fonte da catequese, pois toda a sua mensagem proporciona o encontro pessoal com Jesus Cristo, por isso a atividade catequética «tem que ser impregnada e embebida de pensamento, espírito, atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contacto assíduo com os próprios textos sagrados». (CT 27)

Uma vez que a palavra de Deus fecunda radicalmente a catequese, (Cf. EG 127) os catequistas, apesar de não precisarem de ser uns especialistas em Sagrada Escritura, precisam de ter uma boa formação bíblica, para poderem explicar bem o sentido teológico dos textos bíblicos e evitarem cair em fundamentalismos ou literalismos. Então, a paróquia missionária deve proporcionar aos seus catequistas formação bíblica, na qual aprendam a compreender, a viver e a anunciar a palavra de Deus.¹⁹⁸ É necessário prepará-los bem para poderem «instruir o povo de Deus na genuína abordagem das Escrituras». (VD 73)

No âmbito da formação bíblica dos catequistas, é necessário ter em conta também a formação dos pais, visto que eles são os primeiros catequistas. Estes têm a responsabilidade de dar um bom testemunho cristão e fomentar a escuta e o conhecimento da palavra de Deus em

¹⁹⁶ Cf. Milán, 180.

¹⁹⁷ Álvaro Pereira Delgado, «Lectio divina: De la lectura al encuentro», *Isidorianum* 24, n. 47–48 (2015): 86, <https://doi.org/10.46543/isid.1524.1006>.

¹⁹⁸ Cf. Enrique García Ahumada, «Implicaciones catequéticas de verbum domini», *UCMale - Revista Académica*, n. 43 (2012): 14–16.

família. Esta há de ser o alicerce da família, à qual recorrerão nas dificuldades conjugais e familiares.¹⁹⁹

Ao introduzir os catequizados na compreensão da Sagrada Escritura, esta não deve ser apresentada como uma simples literatura, mas sim como ação de Deus na história humana. (Cf. VD 35) Neste sentido, para evitar mal-entendidos, é necessário utilizar uma linguagem compreensível, apropriada aos destinatários, para que a mensagem anunciada seja bem acolhida e possa levar à experiência de Deus.²⁰⁰

O estudo dos textos sagrados, no âmbito da catequese, não deve ser realizado de forma sistemática, mas sim tendo por base a partilha.²⁰¹ É necessário ter em conta também neste estudo a harmonia entre o fideísmo e a racionalidade, e nunca cair no erro de analisar os textos apenas numa perspetiva fideísta ou então racionalista. Tal como incentiva Bento XVI, na *Verbum Domini*:

por um lado, é necessário uma fé que, mantendo uma adequada relação com a reta razão, nunca degenera em fideísmo, que se tornaria, a respeito da Escritura, fator de leituras fundamentalistas. Por outro, é necessário uma razão que, investigando os elementos históricos presentes na Bíblia, se mostre aberta e não recuse aprioristicamente tudo que excede a própria medida. (VD 36)

Nos evangelhos, relatos catequéticos que nos mostram as práticas de Jesus na perspetiva da Igreja primitiva, encontramos o centro da experiência cristã: a pessoa de Jesus Cristo. Desta forma, objetivo principal das passagens evangélicas não é transmitir normas morais e éticas, mas sim apresentar, de uma forma atrativa, a pessoa de Jesus e a sua proposta de salvação. Logo, são um bom instrumento catequético, pois neles encontramos uma adequada narração sobre Jesus e proporcionam-nos uma relação de proximidade com o Ressuscitado.²⁰²

Para terminar, apesar de ser essencial a centralidade da Bíblia na catequese, não a podemos confundir com um curso bíblico, pois a palavra de Deus na catequese não é vista com a finalidade de alcançar um conhecimento intelectual, mas sim como alimento que sustenta o discípulo na caminhada cristã. Assim, os catequizados devem aprender a escutá-la e a vivenciá-la no seu quotidiano.²⁰³

3.1.3. Homilia

A homilia é um elemento constitutivo da celebração litúrgica, que proporciona um encontro com a palavra de Deus. Desta forma, a fonte principal da homilia são os textos

¹⁹⁹ Cf. Ahumada, 16.

²⁰⁰ Cf. Alex Cristiano Dos Santos e Solange Maria Do Carmo, «Des-escolarizando a catequese», *Revista Pistis Praxis* 9, n. 2 (2017): 577–78, <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.002.ao01>.

²⁰¹ Cf. Dos Santos e Do Carmo, 78.

²⁰² Cf. Dos Santos e Do Carmo, 578–79.

²⁰³ Cf. Dos Santos e Do Carmo, 578.

sagrados. A fidelidade a estes é fundamental para que resulte uma boa pregação e assim seja um momento de anúncio do Evangelho e de transmissão da fé.

Etimologicamente, o termo homilia vem do termo grego *homileo*, que significa uma conversa pessoal ou uma conversa com um tom familiar.²⁰⁴ O Papa Francisco caracteriza a homilia como uma conversa de uma mãe com os seus filhos: «lembra-nos que a Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala ao seu filho». (EG 139) Desse modo, os pregadores devem utilizar uma linguagem maternal, caracterizada pela proximidade aos ouvintes. Tal como afirma Francisco: «o diálogo do senhor com o seu povo, deve ser encarecido e cultivado através da proximidade cordial do pregador, do tom caloroso da sua voz, da mansidão do estilo das suas frases, da alegria dos seus gestos». (EG 140)

A homilia precisa de se centrar essencialmente na palavra de Deus. Logo, o pregador não deve sobrepor os temas da doutrina e da moral cristã à Boa Nova. Caso contrário, não está a anunciar o Evangelho. Portanto, para que a pregação não se resuma a moralismos e tenha no seu centro a palavra de Deus, é necessário um sério compromisso do sacerdote.

Em primeiro lugar, aquele que prega deve ser um apaixonado pela palavra de Deus, disposto a deixar-se tocar e transformar pela mesma, pois só desta maneira é que consegue anunciar o Evangelho eficazmente. Assim nos recorda Francisco, na *Evangelii Gaudium*, com as seguintes palavras: «o pregador tem que aceitar ser o primeiro trespassado por essa Palavra que há de trespassar os outros, porque é uma Palavra *viva e eficaz*». (EG 150) Por isso, deve dispor do seu tempo para se dedicar à preparação da pregação.

Uma vez que o texto bíblico tem dois ou três mil anos, o pregador precisa de realizar um sério estudo do texto sagrado, para compreender adequadamente o significado das palavras, e necessita ter também atenção aos vários recursos que ajudam na análise literária, para assim descobrir a mensagem principal do texto. (Cf. EG 147) No entanto, não lhe basta realizar apenas um estudo linguístico e exegético do texto, pois precisa também abeirar-se da palavra de Deus com uma atitude orante, «a fim de que ela penetre a fundo nos seus pensamentos e sentimentos e gere nele uma nova mentalidade». (CT 26) Este exercício ajuda a compreender melhor o que Deus quer transmitir ao seu povo a partir do texto bíblico.

Um erro muito comum entre os pregadores consiste em transformar a homilia numa aula académica, em que se privilegia as explicações exegéticas, a teologia, a filosofia e o contexto histórico do texto. Outro erro acontece quando o presbítero prega segundo as suas ideias, interpretando o texto a partir dos seus pressupostos ideológicos. Desta forma, os pregadores

²⁰⁴ Cf. Marcel Gustavo Alvarenga, «Homilia e realidade: elementos constitutivos da pregação homilética», *Pesquisas em Teologia* 4, n. 7 (2021): 160, <https://doi.org/10.46859/pucrio.acad.pqteo.2595-9409.2021v4n7p158>.

acabam por proferir homilias genéricas e abstratas, direcionando a atenção dos fiéis para eles e não para a mensagem evangélica.²⁰⁵ O próprio Papa Bento XVI, também, alerta para estes erros:

devem-se evitar tanto homilias genéricas e abstratas que ocultam a simplicidade da Palavra de Deus, como inúteis divagações que ameaçam atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica. Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro da homilia. (VD 59)

O principal objetivo da homilia deve ser apresentar e proporcionar o encontro com a pessoa de Jesus Cristo. Assim, surge a necessidade de evidenciar Jesus como o centro desta e como chave de leitura das Sagradas Escrituras. O texto sagrado necessita de ser lido à luz do mistério pascal de Jesus Cristo.²⁰⁶

O pregador para além de escutar a palavra de Deus, deve pôr-se também à escuta do seu povo, «para descobrir aquilo que os fiéis precisam de ouvir». (EG 154) O pastor que escuta, caminha e se entrega ao seu povo é capaz de perceber os conflitos, os dramas e as esperanças da comunidade que lhe está confiada. Assim, consegue relacionar de uma forma mais eficaz a mensagem evangélica com as circunstâncias sociais e existenciais das suas ovelhas. Trata-se de relacionar «a mensagem do texto bíblico com uma situação humana, com algo que as pessoas vivem, com a experiência humana que precisa da luz da Palavra». (EG 154)

Ora, atendendo às circunstâncias do povo, o sacerdote deve empenhar-se em encontrar a forma mais adequada de apresentar a Mensagem. Portanto, para que a homilia seja compreendida pela comunidade, ela tem de ter uma linguagem simples, ou seja, o presbítero não deve cair na tentação de utilizar palavras que a maioria dos elementos da comunidade cristã não compreendam, (Cf. EG 158) pois «há palavras próprias da teologia ou da catequese, cujo significado não é compreensível para a maioria dos cristãos». (EG 158)

O Papa Francisco apela também a uma linguagem positiva, que abra horizontes de esperança, ilumine situações difíceis dos ouvintes e oriente para o futuro, evitando uma linguagem negativa e condenadora. (Cf. EG 159)

Finalizando, a homilia é um momento da celebração litúrgica reservado para o anúncio do Evangelho e para a transmissão da fé. Por essa razão, tem de ter como fundamento a palavra de Deus, para que não seja um discurso abstrato e distante, mas tenha implicações salvíficas na vida das pessoas.

²⁰⁵ Cf. Alvarenga, 163–64.

²⁰⁶ Cf. Alvarenga, 164–65.

3.2. Espaço para a formação de discípulos missionários de Jesus Cristo

Tal como temos vindo a ver, o mundo contemporâneo vive um novo tempo marcado por profundas e rápidas transformações sociais e culturais, que têm implicações na vida da instituição eclesial. Estas transformações trazem consigo grandes desafios para a humanidade e para a Igreja. Desta forma, a Igreja necessita de conhecer e compreender o mundo, as suas esperanças e aspirações. Ou seja, deve analisar os sinais dos tempos à luz do Evangelho, para assim continuar a ser luz para a humanidade. (Cf.GS 4)

O contexto atual é caracterizado essencialmente pela evolução da técnica e da ciência, no qual se privilegia as ciências exatas. Vivemos numa cultura marcada pelo cientificismo, pois a mentalidade científica está cada vez mais presente nas pessoas. A sociedade atual pôs de lado a crença, a fé e a religião, para dar lugar à ciência e à técnica. As comunidades locais tradicionais também são influenciadas por estas alterações, especialmente as famílias, as aldeias e outros diferentes grupos. (Cf.GS 5)

A sociedade encontra-se cada vez mais industrializada e as pessoas trocam progressivamente o rural pelo urbano. Nota-se também um aumento da cultura digital e um excesso de informação, já que os meios de comunicação são cada vez mais perfeitos e permitem que as pessoas tenham acesso mais facilmente ao conhecimento. (Cf.GS 5-6) Consequentemente, acontece também uma grande transformação das mentalidades.

Todo este cenário levanta apaixonantes desafios à vida religiosa e à própria Igreja, pois uma grande parte da humanidade afastou-se praticamente da religião. Deste modo, na atualidade, nota-se: uma falta de compromisso e perseverança dos cristãos; uma identidade cristã muito frágil; e uma falta de consciência de missão.²⁰⁷

Apesar de todas estas contingências, é tempo de Deus e de anúncio do Evangelho. Por isso, é urgente assimilar todas estas complexas mudanças, para assim, a partir delas, acontecer a transmissão da fé e o anúncio do Evangelho. De tal modo, é necessário a opção pela formação, isto é, criar espaços dedicados à formação de discípulos missionários de Cristo, onde se preze por uma formação permanente, dinâmica e integral. Deve ser uma formação contínua, ao longo de toda a vida, atenta às várias dimensões (humana, comunitária, espiritual, intelectual, pastoral e missionária), que respeite os processos e contemple o acompanhamento das pessoas. (Cf. DA 279-285)

Concretizando, tal como acabamos de ver, é urgente a formação de discípulos missionários de Cristo. Neste sentido, propõem-se a iniciação cristã, a catequese permanente e a formação no âmbito familiar.

²⁰⁷ Cf. José Lima, «Formação cristã na comunidade paroquial», *Encontros Teológicos* 65, n. 2 (2013): 74.

3.2.1. Iniciação cristã

Como analisámos, vivemos numa mudança de época que apresenta vários desafios à atividade pastoral da Igreja. A transmissão da fé já não acontece fluentemente, pois vivemos num mundo rodeados de inúmeras possibilidades de escolhas, a fé carece de novos métodos e linguagens e mudarem os valores, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos seres humanos de hoje. (Cf.GS 1)

Por conseguinte, contata-se uma diminuição dos membros das comunidades cristãs, diminuiu o número dos que se afirmavam como cristãos militantes, o compromisso eclesial é cada vez menor, são cada vez mais os que não querem ter qualquer relação ou identificação com a Igreja Católica e aumentam os crentes sem religião. Portanto, segundo Luís M. Rodrigues Figueiredo, a instituição eclesial deve estar preparada para enfrentar três públicos diferentes: os cristãos rotineiros, os cristãos afastados, e os não crentes.²⁰⁸

Os cristãos rotineiros têm uma certa sensibilidade religiosa e afirmam-se como cristãos. No entanto, apesar de terem frequentado a catequese em crianças e terem celebrado os sacramentos, carecem de uma sólida formação cristã e não têm uma vida ativa e comprometida na comunidade cristã. Apenas têm uma relação social com a instituição católica.²⁰⁹

Compreende-se que seja assim, porque a rocha sobre a qual edificaram a sua fé foi a rocha de uma sociedade denominada de cristã, de um cristianismo social. Mas não se pode, estamos em crer, dizer que estas pessoas estão afastadas da fé ou que não têm uma fé minimamente solidificada. É evidente que têm, só que nunca lhes foi dada a oportunidade para que a sua experiência de fé pudesse crescer e frutificar.²¹⁰

O grupo dos cristãos afastados tem pontos em comum com o anterior. No entanto, estes cortaram literalmente todo o tipo de relações com a instituição cristã, afastaram-se completamente. Mas, apesar de não serem praticantes, consideram-se cristãos.²¹¹

Numa visão geral, na nossa sociedade temos cristãos praticantes, mas sem uma fé madura e sem um compromisso sério assumido com a instituição eclesial, cristãos apenas de nome, que vivem à margem da vida eclesial e pessoas que não têm qualquer vínculo com a Igreja. Perante este cenário é oportuno questionarmo-nos: Como vamos conseguir renovar a vida das comunidades eclesiais? Como propor o *querigma* para fazer nascer novos cristãos?²¹²

²⁰⁸ Cf. Luis M. Figueiredo Rodrigues, «Iniciação de adultos: processos e tempos», em *A iniciação cristã em tempos de secularização*, ed. António Abel Canavarro (Porto: Universidade Católica Editora, 2021), 130–31.

²⁰⁹ Cf. Rodrigues, 132.

²¹⁰ Rodrigues, 132.

²¹¹ Cf. Rodrigues, 132.

²¹² Cf. Vasco António da Cruz Gonçalves, «Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos», em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, ed. Luis M. Figueiredo Rodrigues (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017), 76.

Impõem-se cada vez mais, diante desta complexa realidade, encontrar um novo recomeço para a experiência cristã. Assim, urge a necessidade de resgatar a iniciação cristã como resposta às exigências da pós-modernidade.

Desde os primeiros séculos, a Igreja teve sempre a preocupação de formar futuros cristãos, por isso, como resposta a esta preocupação, encontrou o processo de iniciação cristã. Este processo não aparece propriamente na Bíblia, contudo podemos encontrar a sua compreensão teológica fundamentada nas escrituras. De uma forma mais específica, nas cartas protopaulinas (Rm, 1 e 2 Cor, 1 Ts, Gl, Fl, Flm), primeiros escritos sobre este assunto, e nas comunidades Paulinas, paradigmáticas nesta matéria.²¹³

O próprio apóstolo Paulo passou pelo processo de iniciação cristã, que teve o seu início no caminho para Damasco:

estava a caminho e próximo de Damasco, quando se viu subitamente envolvido por uma intensa luz vinda do céu. Caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» Ele perguntou: «Quem és Tu, Senhor?» Respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Ergue-te, entra na cidade e dir-te-ão o que tens a fazer». (At 9, 3-6)

Paulo que ia para Damasco para prender/perseguir por causa do nome de Jesus, acaba por se encontrar no caminho com o próprio Jesus. O caminho para Damasco marca o início da fé de Paulo no Ressuscitado e habilita-o para o trabalho missionário entre os pagãos. De seguida, na comunidade cristã recebe o batismo, como celebração da sua conversão. Assim, o processo de iniciático, em Paulo, começa com o encontro, depois segue-se um tempo de aprofundamento e culmina com o Batismo.²¹⁴

A Igreja, na atualidade, precisa de assumir com urgência, coragem e criatividade a iniciação à vida cristã, já que ela renova a atividade missionária da mesma, e forma discípulos missionários de Jesus Cristo, comprometidos com a comunidade. Por isso, é preciso redescobrir a iniciação cristã como lugar privilegiado de encontro com Jesus. Tal como podemos ver no *Documento da Aparecida*: «a iniciação cristã, que inclui o *querigma*, é o modo prático de colocar alguém em contacto com Jesus Cristo e iniciá-lo no discipulado». (Cf. DA 288) Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa «aprendizagem gradual no conhecimento, no amor e no seguimento de Cristo». (DA 291)

A paróquia missionária precisa de ser para os seus membros espaço para iniciação cristã e terá as seguintes tarefas: «iniciar na vida cristã os adultos e batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas num processo que as leve a completar a sua

²¹³ Cf. Diego Fernando Bedoya, «Las comunidades paulinas paradigma de la iniciación cristiana en la Iglesia», *Cuestiones Teológicas* 41, n. 96 (2014): 330–31.

²¹⁴ Cf. Fernando Bedoya, 331–33.

iniciação cristã; iniciar os não batizados que, havendo escutado o *querigma*, querem abraçar a fé». (DA 293)

É necessário que a comunidade paroquial se torne um lugar iniciático, um espaço onde possa acontecer verdadeiramente a experiência cristã, no qual o cristão possa crescer na fé. De tal forma, a comunidade, como espaço de encontro, de relações interpessoais e de comunhão é responsável pela formação de verdadeiros sujeitos eclesiais.²¹⁵ Logo, é chamada a envolver-se no processo de iniciação cristã, já que este não é trabalho apenas de alguns, mas de toda a comunidade eclesial,²¹⁶ pois «uma comunidade que assume a iniciação cristã renova a sua vida comunitária e desperta o seu carácter missionário». (DA 291)

A iniciação cristã, de acordo com o ritual de iniciação cristã de adultos, consiste num itinerário no qual a pessoa é envolvida inteiramente com base em três degraus:

o primeiro é quando alguém, que chegou à conversão inicial, quer tornar-se cristão, e é recebido pela Igreja como catecúmeno; o segundo, é quando, já adiantado na fé e quase no fim do catecumenado, é admitido a uma preparação mais intensa para os sacramentos; o terceiro é quando, completada a preparação espiritual, recebe os sacramentos pelos quais o cristão é iniciado. (RICA 6)

Por conseguinte, estes são acompanhados por três ritos litúrgicos: a instituição dos catecúmenos, a eleição e a celebração dos sacramentos. Por sua vez, os três graus encaminham para quatro tempos: o pré-catecumenato ou *querigma*, catecumenato, purificação ou iluminação e a mistagogia. (Cf. RICA 6-7)

Este caminho espiritual tem como objetivo «levar alguém (...) a procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus (...). E procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo o seu Mistério». (CT 5)

Assim sendo, no pré-catecumenato ou *querigma* acontece o primeiro anúncio em que é «anunciado com firmeza e constância o Deus vivo e Aquele que Ele enviou para a salvação de todos, Jesus Cristo, de modo que os não cristãos (...) abracem a fé e se convertam ao Senhor». (RICA 9) Desta maneira, é necessário ir ao encontro das pessoas, acolhê-las nas suas realidades pessoais, e apresentar-lhes o primeiro anúncio sobre Jesus.²¹⁷

Ao propor o *querigma*, aquele que anuncia deve fazê-lo de modo atraente. Tem que ser de uma forma inteligente, breve e convincente. Deve fazê-lo também de forma expositiva, a partir de um texto da Sagrada Escritura, de uma obra teológica ou de uma bibliografia de um

²¹⁵ Cf Rodrigues, «Iniciação de adultos: processos e tempos», 153–54.

²¹⁶ Cf. Marlene Bertoldi, Silvia Regina Da Rosa Togneri, e Maria De Fátima Stippe, «Iniciação à Vida Cristã a partir da casa e da comunidade», *Revista Encontros Teológicos* 91, n. 1 (2022): 40–41, <https://doi.org/10.46525/ret.v91i1.1700>.

²¹⁷ Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Documento da CNBB 107* (Brasília: Edições CNBB, 2018), 103.

santo. Pode ser ainda de forma estética, através da contemplação da natureza ou de uma obra de arte.²¹⁸

Os momentos litúrgicos são igualmente espaços favoráveis para propor o *querigma*, já que em muitas celebrações da Eucaristia, do Batismo, do Matrimônio e das Exéquias encontramos pessoas afastadas da fé. Estes são momentos ideais para as reaproximar da comunidade eclesial.²¹⁹

O catecumenato «é um tempo prolongado, durante o qual os candidatos recebem a formação cristã e se submetem a uma adequada disciplina». (RICA 19) É a fase mais longa do itinerário de iniciação cristã, pois é um tempo dedicado a vários âmbitos, tais como: a formação catequética, onde os candidatos são convenientemente instruídos sobre os dogmas e os preceitos, adquirindo um conhecimento íntimo dos mistérios da salvação; os ritos litúrgicos, através de celebrações nas quais os candidatos são progressivamente integrados na dimensão celebrativa da Igreja; a oração, tanto pessoal como comunitária, em que os candidatos ganham mais facilidade de orar a Deus; e a vida cristã, na qual resulta um estímulo ao compromisso com a justiça, a caridade e a política. (Cf. RICA 19) Deste modo, é um tempo de preparação, em que se aprofunda o conhecimento sobre a pessoa de Jesus Cristo e no qual os catecúmenos são revestidos com as armas da fé.

A purificação e iluminação é um «tempo destinado a preparar mais intensivamente o espírito e o coração dos candidatos». (RICA 22) Durante este tempo são ajudados no processo de conversão e fortalecimento da vida interior, já que se procura purificar o coração e a mente dos candidatos, por meio do exame de consciência e de penitência. (Cf. RICA 25) Após o processo de purificação interior, de uma forma mais consciente, acontece o tempo de iluminação, onde recebem os sacramentos de iniciação: Batismo, Confirmação e Eucaristia. (Cf. RICA 27)

O Sacramento do Batismo, mediado pela Igreja, ganha um sentido purificador e libertador, pois com a força de Deus o candidato rompe as correntes do pecado e passa a ser livre em Jesus Cristo. Através da água batismal, temos a morte do humano velho e o nascimento do humano novo, visto que as águas batismais são entendidas como um sepulcro, nas quais se afoga o pecado, e como um útero fecundo, do qual brotam novos Cristãos. Aqui, o candidato despe a veste do pecado para se revestir da túnica da imortalidade, a veste branca, símbolo da pureza, da inocência e da vida nova. No entanto, a água apenas por si é incapaz de gerar novos cristãos, ela necessita que o Espírito, que procede de Jesus Cristo, mergulhe no seu leito e a

²¹⁸ Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 103–4.

²¹⁹ Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 104.

torne fecunda, capaz de dar à luz Cristãos, nos quais o Espírito atuará como dom operante e transformador.²²⁰

Pastoralmente, por um lado temos o desafio de preparar e caminhar com as pessoas, de modo a que elas entendam o Batismo como um compromisso que dura a vida inteira. E por outro lado, temos o desafio da passagem do batismo de temor, no qual as pessoas são reprimidas pela condenação e marginalização social ao batismo de amor, no qual está presente a confiança, esperança, o acolhimento e a liberdade.²²¹

O sacramento da Confirmação é o dom do Espírito Santo que reveste o Cristão das forças necessárias para edificar a Santa Igreja, num mundo cada vez mais secularizado. Tem a finalidade de aumentar a graça do Batismo, fortalecer o cristão para a luta e incentivar à missão de testemunhar Jesus Cristo ressuscitado. Este sacramento é uma etapa da caminhada eclesial, na qual o cristão se aperfeiçoa, cresce e se compromete, tendo presente o seu Batismo, pois ambos se complementam, e encontram a plenitude na Eucaristia. A Confirmação é a atualização do Pentecostes, a nível pessoal e eclesial, um selo indelével que marca a pertença a Jesus Cristo, a entrega, o serviço e a proteção divina. O confirmado passa a ser um testemunho missionário que proclama a boa nova, anuncia a verdade e defende a justiça.²²²

Pastoralmente, é urgente que as pessoas compreendam que o sacramento da Confirmação não é o fim da caminhada eclesial, mas sim um revestir de forças e de defesas, que irá ajudar no anúncio da Boa Nova, no testemunho de Jesus Cristo e a denunciar as injustiças do mundo.²²³

O sacramento da Eucaristia é o cume do processo de iniciação cristã, é o clímax de toda a vida cristã, o tesouro da Igreja, maior que todas as riquezas que os povos possam possuir. Por isso, os cristãos devem ter o desejo de se aproximarem deste tão grande mistério, com reverência, honra e devoção.²²⁴

A nível pastoral, deve haver a preocupação de preparar as pessoas para participarem na celebração, isto é, catequizar o povo a respeito da Eucaristia. Além de que, deve-se melhorar as condições da celebração tal com a linguagem, os gestos, lugar e as atitudes dos participantes e do próprio sacerdote que preside à Eucaristia, entre outras.²²⁵

A mistagogia é o último tempo do processo de iniciação cristã. Nele a comunidade eclesial, «juntamente com os neófitos, aprofunda mais o mistério pascal e procura traduzi-lo

²²⁰ Cf. Dionisio Borobio, *La Iniciacion Cristiana* (Salamanca: Ediciones Sigueme, 1996), 293–325.

²²¹ Cf. Borobio, 261–67.

²²² Cf. Borobio, 389–417.

²²³ Cf. Borobio, 519.

²²⁴ Cf. Andrés Fuentes Vicente, *O Neocatecumenado. Un Camino de Iniciacion Cristiana* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 1996), 135–37.

²²⁵ Cf. Dionisio Borobio, *Pastoral dos Sacramentos* (Petrópolis: Editora Vozes, 2000), 168–78.

cada vez mais na vida pela meditação do evangelho, pela participação na Eucaristia e pelo exercício da caridade». (RICA 37) A partir desta experiência os recém-iniciados adquirem uma nova postura face à fé, à Igreja e ao mundo, pois é uma proposta de uma vida nova em Cristo, na qual se procura traduzir o Evangelho em atos do quotidiano e viver como ressuscitados. (Cf. RICA 38) Passam a ser fermento na massa, vivendo as suas vidas em todas as dimensões, à luz do Evangelho e dando testemunho no mundo da fé cristã, que tanto a despreza e a desconhece.²²⁶

Em conclusão, verificamos que a iniciação cristã é um elemento importante na paróquia missionária, a fim de formar discípulos missionários de Jesus Cristo comprometidos com a comunidade dos crentes.

3.2.2. *Catequese permanente*

Na atualidade, a catequese não tem alcançado os frutos desejados. O processo catequético encontra-se numa profunda crise e não acontece a transmissão da fé às novas gerações. Tudo isto acontece porque o mundo mudou, as pessoas ganharam um novo modo de pensar e de entender a vida. Já não vivemos numa sociedade tipicamente cristã e a maioria dos seres humanos já não são tementes a Deus e não têm qualquer referência ao transcendente. Com tudo isto, o grande problema é que continuamos a fazer catequese e a transmitir a fé segundo os mesmos moldes de antigamente, ignorando as grandes mudanças da atualidade.²²⁷

Perante esta situação, o processo catequético, por um lado, precisa de abandonar os modelos da cristandade e da modernidade, e por outro, ir ao encontro das necessidades das pessoas e provocar o encontro com Jesus Cristo. Por conseguinte, a função da catequese «consiste em fazer ressoar a Palavra de Deus, viva e significativa, de modo que toque a experiência do crente, o ilumine, o leve, a interpretar a sua vida à luz da Palavra e dê uma resposta positiva, com todas as implicações vitais que isso acarreta».²²⁸ De tal modo, emerge a necessidade de procurar uma nova pedagogia que favoreça a experiência pessoal de Deus.

A catequese tem vindo a ser preparada e planificada de modo escolar, pouco preocupada em estabelecer as condições necessárias para que se proporcione o encontro com Jesus Cristo. Esta passou a ser entendida como uma aula de religião, pois em muitos casos, o catequista é visto como um professor e os catequizados como alunos. Além disso, na maioria das vezes, a

²²⁶ Cf. António da Cruz Gonçalves, «Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos», 101.

²²⁷ Cf. Solange Maria do Carmo, «Um mundo secularizado que desafia a catequese», *Revista Pistis Praxis* 7, n. 1 (2015): 263, <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.07.001.ao04>.

²²⁸ Luis M. Figueiredo Rodrigues, «A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã», em *Secretariado Nacional da Educação Cristã, Fórum da Catequese*, ed. Secretariado Nacional da Educação Cristã (Lisboa, 2003), 67.

catequese acontece em salas idênticas às salas de aula, compostas por um quadro, com carteiras próprias das escolas, dispostas em fila e não em círculo.

A pedagogia catequética é muito parecida com a escolar, visto que esta se dá com o auxílio de um manual (o catecismo) e recomenda-se certos materiais didáticos: caneta, lápis, borracha, caderno, entre outros. Muitos catequistas exigem que os catequizados decorem alguns conceitos específicos e costumam também dar trabalhos para serem feitos em casa. Para além de tudo isto, o ano de catequese é estruturado como um ano escolar, com data para começar e data para terminar e com objetivos a serem cumpridos.²²⁹ A catequese erroneamente passa a ser percebida como um curso de preparação para os sacramentos e no final todos acabam por abandonar a Igreja após as festas da Primeira Comunhão, Profissão de fé, ou do Crisma. O caso mais paradigmático é o Crisma, uma vez que muitos procuram-no apenas para serem padrinhos. De tal forma, é urgente abandonar o estilo catequético demasiado escolar, formal e sacramental.²³⁰

As circunstâncias da sociedade atual exigem um novo paradigma de catequese. É necessária uma conversão catequética, isto é, «passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas encontro pessoal com Jesus Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde»²³¹, pois, tal como afirma Bento XVI, na sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, «no início do ser Cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo». (DCE 1) O Papa Francisco, também na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, fala da urgência deste encontro pessoal com o Redentor: «convido todo o Cristão, em qualquer lugar e situação em que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar». (EG 3)

Isto significa que a catequese não se pode limitar à transmissão de conteúdos doutrinários, nem à assimilação de conhecimentos cognitivos sobre a pessoa de Jesus, mas deve ter como principal objetivo propiciar o encontro vivo com Cristo, encontro esse que «envolve a pessoa na sua totalidade: coração, mente, sentidos». (DC 76) Portanto, todo o encontro de catequese «tem que ser encontro com Ele. Porque é Ele que, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé».²³²

²²⁹ Cf. Dos Santos e Do Carmo, «Des-escolarizando a catequese», 562–63.

²³⁰ Cf. Jorge Castela, *Evangelizar em tempos de mudança* (Porto: Edições Salesianas, 2020), 223–24.

²³¹ Conferência Episcopal Portuguesa, «Carta Pastoral Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo», *Pastoral catequética* 14, n. 42–43 (2018): 9.

²³² Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, 18.

De tal modo, é necessário apresentar Cristo novamente às pessoas de uma forma atrativa e não de maneira imposta. Assim sendo, é indispensável optar por uma catequese querigmática, na qual se anuncie constantemente e fervorosamente o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar». (EG 164) Este é o anúncio principal, aquele que tem de ser anunciado e ouvido novamente, principalmente durante a catequese, nos seus vários momentos e etapas. (Cf. DC 164)

A catequese querigmática é também mistagógica, pois a catequese tem de ser uma formação continuada, ao longo de toda a vida, na qual se aprofunda permanentemente o primeiro anúncio. Desta forma, segundo o Papa Francisco, a iniciação mistagógica significa duas coisas: «a necessária progressividade da experiência formativa, na qual intervém, toda a comunidade, e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã». (EG 166)

A catequese necessita de um carácter permanente, isto é, deve acompanhar o crente ao longo de toda a sua vida, proporcionando-lhe um crescimento na fé e preparando-o para enfrentar os vários desafios quotidianos.²³³ Uma vez que esta favorece a compreensão da mensagem cristã e «estimula também a inserção dos indivíduos e da comunidade no contexto social e cultural, conduzindo a uma leitura cristã da história e favorecendo o compromisso social dos cristãos». (DC 73)

A catequese permanente ajuda a compreender e a viver melhor as várias dimensões da vida cristã, entre as quais a Sagrada Escritura, a liturgia e os sacramentos, a caridade e o testemunho. A Sagrada Escritura é importante para crescer na fé, pois dá a conhecer as figuras e os acontecimentos fundamentais da história da salvação. Os sacramentos e a liturgia necessitam de ser preparados na catequese, para que possam ser vivenciados profundamente pelas pessoas. O agir caritativo é parte integrante da catequese e meio privilegiado de acesso ao Evangelho. (Cf. DC 74)

Para além de tudo isto, é necessário também um acompanhamento pessoal de cada catequizado, com proximidade, paciência, compreensão e prudência. (Cf. EG 172) O catequista deve ser um companheiro de viagem e ter como objetivo suscitar e propor a fé, mais do que orientar e ensinar.²³⁴ De tal modo, não deve recorrer a qualquer tipo de pretensões moralizantes, nem proferir juízos sobre responsabilidade ou culpabilidade. (Cf. EG 172) Assim sendo, o catequista «mais do que um mestre que transmite saberes, deve considerar-se um guia espiritual

²³³ Cf. António da Cruz Gonçalves, «Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos», 96–97.

²³⁴ Cf. Castela, *Evangelizar em tempos de mudança*, 226.

que acompanha no caminho do Senhor. O que é possível se ele próprio tiver experiência pessoal do encontro com Ele e conhecer o caminho a percorrer». ²³⁵

O catequista necessita de exercitar bem a arte de escutar, pois esta «é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual». (EG 171) A escuta respeitosa e compassiva proporciona ao catequizado um crescimento genuíno e desperta nele o desejo de corresponder de forma plena ao amor de Deus. (Cf. EG 171) Esta proposta de acompanhamento personalizado de cada catequizado marca definitivamente a mudança do paradigma catequético. Nesse sentido, segundo o novo diretório para a catequese, a Igreja tem o dever de formar os seus catequistas para a

arte do acompanhamento pessoal, seja propondo-lhes a experiência de *ser acompanhados* para crescer no discipulado, seja habilitando-os e enviando-os para *acompanhar* os irmãos. (...) A novidade à qual o catequista é chamado está na proximidade, no acolhimento incondicional e na gratuidade com que ele se disponibiliza para caminhar ao lado dos outros, para os escutar e lhes explicar as escrituras. (DC 135)

O catequista é uma figura chave na catequese. Logo, as comunidades cristãs devem dedicar energias e recursos à formação dos mesmos, a fim de os capacitar com as competências necessárias para transmitirem a fé e acompanharem o crescimento dos irmãos. (Cf. DC 132) Uma vez que «o lugar por excelência da formação do catequista é, pois, a comunidade cristã na variedade dos seus carismas e ministérios, como ambiente em que se transmite e se vive a vida de fé». (DC 134)

A formação dos catequistas necessita de ter presente vários critérios que tenham em conta as «pessoas e as verdades da fé, o crescimento pessoal e a dimensão comunitária, o cuidado com as dinâmicas espirituais e a dedicação ao compromisso a favor do bem comum». (DC 135) Portanto, com base no diretório para a catequese, destacamos os seguintes critérios: *a espiritualidade missionária e evangelizadora*, os catequistas devem ser formados como discípulos missionários, a partir da sua experiência com Deus, e depois serem enviados para o meio dos irmãos; *catequese como formação integral*, trata-se de formar catequistas para que tenham a capacidade de transmitir uma formação integral, isto é, que sejam bons a ensinar, a educar e a testemunhar; *coerência entre os estilos formativos*, é necessário sublinhar a importância da coerência entre os ensinamentos e as práticas dos catequistas; *perspetiva da docibilitas e da autoformação*, os catequistas necessitam de ser sujeitos em constante formação, atentos aos sinais dos tempos, capazes de alimentar sozinhos a sua fé e de estarem atualizados. (Cf. DC 135)

No entanto, a renovação catequética não fica por aqui, pois vivemos numa sociedade em profunda evolução e a catequese não pode ser indiferente a esse facto. Por conseguinte, esta

²³⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, «Carta Pastoral Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo», 30.

deve beneficiar dos avanços tecnológicos e das ciências da comunicação e assim descobrir novas metodologias. Tal como afirma João Paulo II: «precisa a catequese de uma renovação contínua, mesmo em certo alargamento do seu próprio conceito, nos seus métodos, na busca de uma linguagem adaptada e na técnica dos novos meios para a transmissão da mensagem». (CT 17)

Outro aspeto que é necessário ter em conta na prática catequética é o espaço onde acontecem os encontros, pois a maioria acontece em ambientes que não favorecem a experiência do encontro com o Ressuscitado. Assim, o espaço deve ser devidamente organizado, no qual haja um clima de concentração, diálogo, participação e oração, por esse motivo é necessário ter em atenção a organização das cadeiras, o uso de símbolos de acordo com as temáticas e a decoração do espaço com elementos atrativos e convenientes, entre outros.²³⁶

É preciso ter presente também os métodos pedagógicos, pois o mais importante não é expor a doutrina, mas criar espaços onde o catequizado possa expressar as suas ideias e construir a sua noção de fé e de Deus. O objetivo é suscitar o desejo e a curiosidade do conhecimento do Divino. Assim, a catequese tem de optar pelo método da partilha, do debate, do diálogo e da liberdade de expressão. Esta deve ser ainda recheada com brincadeiras, músicas, vídeos, encenações e orações. Estes elementos são importantes, já que ajudam a estabelecer um clima descontraído, relaxante, alegre e a criar relação com Deus, deixando o catequizado à vontade para se expressar de forma livre e espontânea. Desta forma, devem ser usados adequadamente nos encontros, sem excessos.²³⁷

Para terminar, as famílias também têm um papel muito importante na educação e transmissão da fé. Os pais precisam de assumir verdadeiramente a missão de serem os primeiros catequistas dos seus filhos, na medida em que transmitem a fé e dão bom testemunho cristão.

3.2.3. *Família*

A família é o lugar privilegiado para a transmissão de valores éticos, sociais e religiosos. É o contexto ideal para a transmissão e educação da fé cristã. No entanto, devido às circunstâncias da atualidade, o paradigma tradicional de família está a passar por uma grande crise, o que põe em causa a sua função educativa e catequética. Porém, apesar desta realidade, não podemos desanimar, já que a família continua a ter grandes recursos para o crescimento na fé.

²³⁶ Cf. Dos Santos e Do Carmo, «Des-escolarizando a catequese», 566–69.

²³⁷ Cf. Dos Santos e Do Carmo, 569–76.

O Concílio Vaticano II insiste constantemente na família como um lugar fecundo para despertar a fé, ensinar a rezar e para transmitir os valores cristãos, pois trata-se de um espaço onde o amor é vivido com gratuidade e os filhos são o principal objetivo. De tal modo, a família é a primeira responsável pela educação cristã dos seus membros, o primeiro campo de crescimento na fé, a partir da palavra e do exemplo.²³⁸ Esta deve ser uma espécie de Igreja doméstica, na qual se transmite e irradia o Evangelho. (Cf. EN 71)

Os pais como primeiros educadores da fé dos seus filhos devem dar um bom testemunho cristão, através de uma experiência profunda de Deus, da maneira de viver e dos valores que transmitem, visto que os frutos da educação e transmissão da fé dependem muito da vivência pessoal de quem educa. Por isso, a família não pode delegar apenas em outros a tarefa da educação religiosa, pensando que a atividade catequética está apenas reservada aos sacerdotes, religiosos e catequistas, considerando-se isenta destas responsabilidades.²³⁹

Nas últimas décadas, temos assistido a uma mudança antropológica-cultural, o que influenciou muito a experiência e o conceito de ser de família, já que a realidade familiar é cada vez mais plural, na sua constituição interna, composta por pessoas em situações diversas e complexas. Por essa razão, as famílias estão a viver situações problemáticas e dramáticas pelos diversos e complexos desafios que estas enfrentam na atualidade.²⁴⁰

Esta grande crise familiar terá de ser compreendida a partir das grandes alterações sociais em que vivemos. Muitos são os fatores que nos ajudam a perceber esta crise. Desde logo, um fator muito presente na cultura moderna e na família contemporânea é o crescimento de uma cultura individualista que rompe com os laços familiares, gerando impaciência e agressividade no seio das famílias. (Cf. AL 33)

Constata-se, também, um ritmo de vida acelerado, as pessoas vivem de forma stressada, e ocupam os seus dias com atividades laborais, (Cf. AL 33) deixando para segundo plano a educação dos filhos, visto que os pais chegam a casa exaustos e sem paciência. Deste modo, devido a este contexto social, as relações familiares acabam fragilizadas. Por exemplo, na atualidade muitas famílias já não têm o hábito de fazerem refeições juntas. (Cf. AL 50)

É considerável, igualmente, o número de divórcios e separações na nossa sociedade. No fundo, hoje, a ideia de matrimónio deixa de fazer sentido, pois vivemos numa cultura do descartável ou do provisório, na qual as pessoas perderam a noção de compromisso e facilmente terminam uma relação amorosa, para começar outra. Consequentemente, por sua vez, os jovens,

²³⁸ Cf. Salvatore Curró, «O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese. Começar a partir da família?», *Pastoral catequética* 13–14, n. 39–40 (2018): 21.

²³⁹ Cf. Emilio Aberich Sotomayor, *La familia, lugar de educacion en la fé?* (Madrid: PPC Editorial, 2013), 12–17.

²⁴⁰ Cf. José Eduardo Borges De Pinho, «“A alegria do amor na família é o jubilo da Igreja” O lugar da família na transmissão da fé», *Pastoral catequética* 12, n. 36 (2016): 38.

influenciados pela experiência de fracasso de outros casais, adiam ou não optam pelo matrimônio e têm receio em formarem uma família. (Cf. AL 34-40)

Por outro lado, a sociedade contemporânea propõe uma nova compreensão dos relacionamentos, isto é, «“uma afetividade sem qualquer limitação, (...) uma afetividade narcisista, instável e mutável que não ajuda os sujeitos a atingir uma maior maturidade”». (AL 41) Verifica-se, juntamente, uma excessiva divulgação da pornografia e da prostituição, através dos meios digitais. Por conseguinte, todos estes elementos, presentes na sociedade atual, provocam inseguranças e crises nos casais e aumentam as separações e os divórcios. (Cf. AL 41) Desta forma, cresce o número de filhos que nascem fora do casamento e em seguida crescem num contexto familiar fora do comum, a maioria apenas com um dos progenitores. (Cf. AL 45)

Aumentam, também, as dificuldades socioeconómicas, visto que as famílias se sentem incapazes de responder aos desafios sociais e económicos contemporâneos. Por exemplo, têm imensa dificuldade: em obter uma habitação digna; em sobreviver no atual sistema económico, que produz várias formas de exclusão; e em encontrar um trabalho estável. (Cf. AL 43-44)

Destaca-se, inclusive, a toxicod dependência, o alcoolismo e o vício de certos jogos como elementos de degradação das famílias, que as fazem sofrer e acabam por destruí-las. Por conseguinte, devido a todos estes fatores e outros, surgem, cada vez mais, situações de violência familiar, onde os pais têm uma relação violenta e conflituosa entre eles e com os próprios filhos. (Cf. AL 51) Por isso, a família torna-se uma «escola de ressentimento e ódio nas relações humanas básicas». (AL 51)

Consequentemente, são notórias imensas famílias na miséria, isto é, mães a criarem filhos sozinhas, pais que não conseguem alimentar os seus filhos, crianças e idosos abandonados, adolescentes e jovens sem disciplina, mulheres que optam pela via do aborto e casais que recorrem ao divórcio. (Cf. AL 49-50)

No entanto, apesar de todas estas dificuldades no âmbito familiar e social, não nos podemos deixar ficar por lamentações e pessimismos, antes temos de aceitar os desafios dos tempos atuais. Vivemos numa sociedade em que já não podemos compreender as famílias a partir de um único modelo familiar, mas sim numa pluralidade de modelos. Porém, mesmo assim, as famílias contemporâneas têm grandes recursos e possibilidades para a educação e transmissão da fé. Assim, continuam a ser um lugar privilegiado para a formação de bons cristãos.²⁴¹

²⁴¹ Cf. António Ávila, «Amoris laetitia, uma aplicação da Evangelii gaudium à realidade da família», *Pastoral catequética* 13–14, n. 39–40 (2018): 66.

Por esse motivo, a Igreja deve acompanhar de perto as famílias e proporcionar-lhes todas as condições, dando-lhes confiança e esperança, para que elas consigam educar os seus filhos na fé. Da mesma forma, tem de ter um olhar atento para com aquelas que se encontram numa posição mais frágil. Por exemplo, as famílias monoparentais, as que passaram por um divórcio, ou as que são fruto de um segundo casamento. Estas devem ser integradas na comunidade cristã e incentivadas a participar nos vários serviços eclesiais, tais como: na liturgia, na pastoral, na educação, entre outros. (Cf. AL 291-299)

A família precisa de ser uma das prioridades dos projetos pastorais, nos quais estejam incluídos momentos e espaços de formação e de acompanhamento, visto que a comunidade cristã também é responsável pela educação religiosa das novas gerações.

Por essa razão, os ministros ordenados estão incluídos nesta tarefa, porém muitos têm falta de formação neste âmbito e, para além disso, alguns advêm de um meio familiar ferido, como situações de violência familiar e ausência dos pais. Desse modo, os seminários necessitam de proporcionar uma formação que tenha em conta todos estes fatores e lhes forneça todas as ferramentas necessárias para tratar os problemas atuais do meio familiar. (Cf. AI 202-203)

Os leigos têm, igualmente, um papel fundamental nesta matéria. Portanto, a paróquia missionária necessita de formar leigos de pastoral familiar, «com ajuda de psicopedagogos, médicos de família, médicos da comunidade, assistentes sociais, advogados», entre outros (AL 204), com o objetivo de acompanharem as famílias em situações difíceis, tais como: violência familiar, infidelidades, divórcio, etc. (Cf. AL 204)

Além disso, a paróquia pode organizar retiros para casais, proporcionar conferências sobre determinadas problemáticas da vida familiar, criar um espaço de formação e aconselhamento familiar, incentivar as famílias a terem momentos de oração, a partir da Sagrada Escritura, (Cf. AL 227-229) acompanhar pastoralmente os namorados e os casais jovens, proporcionar cursos de preparação para o batismo e envolver a família no percurso de iniciação cristã das crianças e dos jovens.²⁴²

A família não é uma estrutura caduca, dado que é no seu seio que começa a educação religiosa. Assim, é necessário, logo desde o início, despertar ou construir nas crianças uma relação com Deus, visto que elas são capazes do transcendente e manifestam uma grande curiosidade em relação à «identidade de Deus, do porquê do bem e do mal, e são capazes de manifestar alegria diante o mistério da vida e do amor». (DC 236) Dessa maneira, é essencial o testemunho pessoal de quem educa, a explicação de certos conteúdos da mensagem cristã e a oração, isto é, ensinar os mais pequenos a rezar e proporcionar-lhes experiências de encontro

²⁴² Cf. Curró, «O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese. Começar a partir da família?», 21.

com Deus.²⁴³ Nesta fase, os símbolos, os gestos e as narrações são também elementos importantes para despertar a fé. (Cf. AL 288)

Posteriormente, na adolescência, os filhos entram em crise com a autoridade e com as normas. Por isso, os pais não devem impor a fé de forma autoritária, mas sim oferecer-lhes momentos que estimulem a mesma através de orações em família e de um bom testemunho, visto que é fundamental que os filhos sintam que a fé é importante para os seus pais. (Cf. AL 288)

Na juventude, são muitos os que manifestam interesse em relação às práticas religiosas e às diversas espiritualidades. No entanto, também são muitos os que se mostram indiferentes à Igreja e até se afastam completamente dela. (Cf. DC 251) Logo, nesta fase, é necessário escutá-los pacientemente, compreender todas as suas preocupações e acompanhá-los no discernimento das suas escolhas em relação ao futuro. (Cf. DC 252)

Este exercício de transmitir a fé aos mais novos torna as famílias verdadeiramente missionárias e desperta em outras o desejo de se aproximarem da fé, por meio do anúncio do Evangelho e pelas várias formas de testemunho (Cf. AL 289), «nomeadamente a solidariedade com os pobres, a abertura à diversidade das pessoas, a salvaguarda da criação, a solidariedade moral e material para com as demais famílias, especialmente para com as mais necessitadas, o esforço pelo bem comum»²⁴⁴, entre outras.

A evangelização não se concretiza apenas em palavras, mas também num determinado modo de viver segundo o Evangelho, encarnando-o naturalmente e espontaneamente no quotidiano. Podemos entender o processo de evangelização como uma espécie de fermentação silenciosa do mundo.²⁴⁵ Assim,

a evangelização como fermentação é, antes de tudo, o processo pelo qual uma pessoa ou um grupo de pessoas, no conjunto das suas relações quotidianas, se deixam fermentar segundo o Evangelho e, nesse processo de autofermentação, fermentem o contexto em que vivem – que é o mundo propriamente dito, já que cada um vive inevitavelmente em mundos diversos, que constituem o conjunto do único mundo que existe.²⁴⁶

A família precisa primeiro de se fermentar a si própria, para depois fermentar o mundo. Logo, a família torna-se verdadeiramente evangelizadora na medida em que vive precisamente como família cristã, bem alicerçada no amor de Cristo e nos valores do Evangelho.²⁴⁷

²⁴³ Cf. Sotomayor, *La familia, lugar de educacion en la fé ?*, 53–62.

²⁴⁴ Sínodo dos Bispos, «A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Relatório final do sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco», par. 93, acedido 6 de Outubro de 2022, https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assembly_po.html.

²⁴⁵ Cf. João Duque, «A família como fermento evangelizador da sociedade», *Pastoral catequética* 13, n. 36 (2016): 67.

²⁴⁶ Duque, 67.

²⁴⁷ Cf. Duque, 68.

Em suma, apesar de todas as circunstâncias da sociedade que, por sua vez, influenciam a experiência e o conceito de ser família, verificamos que esta não é uma realidade ultrapassada, mas um elemento essencial para a educação e transmissão da fé. Aliás, apesar de tudo, encontramos cada vez mais famílias em que o convívio entre os membros é uma prioridade e os pais, avós e outros encarregados de educação têm a preocupação de acompanhar os seus filhos num crescimento saudável.²⁴⁸

3.3. Missão

«Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos». (Mt 28, 19-20) Eis o mandato missionário de Jesus Cristo, tanto para os seus discípulos, nos primórdios da Igreja, como para as comunidades crentes, na atualidade.

A comunidade dos crentes é chamada a sair da comodidade das suas estruturas tradicionais (Cf. EG 20), para anunciar o Evangelho a todos, já que Deus não quer uma paróquia de elite, mas uma paróquia missionária, na qual cada membro se torne discípulo missionário. De tal modo, o espírito de comunhão e de amor vivido entre os cristãos, a partir do Evangelho, não pode ficar retido nas estruturas da paróquia, mas tem de fluir e contagiar outros, especialmente os mais afastados. Assim, todo o cristão tem por missão levar o Evangelho o mais longe possível. (Cf. EG 113)

No entanto, para que a missão seja eficaz, o anunciador deve antes trabalhar na sua conversão interior, abrindo-se ao Espírito Santo, e procurar uma boa formação, a fim de aprofundar o seu amor e dar um bom testemunho, comunicando aos outros, em todo o tempo e lugar, a alegria que é viver segundo o Evangelho. (Cf. EG 121) Seguindo o exemplo dos primeiros cristãos, que anunciaram Jesus Cristo, com alegria, coragem e perseverança. (Cf. EG 263)

Porém, para que esta comunicação seja performativa, não se pode resumir só e apenas a palavras, mas também a ações: «Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus». (EG 259) Precisam-se anunciadores com espírito, nos quais arda o fogo do Espírito Santo. Evangelizadores que «rezam e trabalham» (EG 262), isto é, que põem os valores do Evangelho em prática, no dia-a-dia, nas várias funções que assumem na sociedade, tal como na família, no trabalho, na política, nas relações sociais e nas atividades culturais, entre outras. (Cf. EG 262)

²⁴⁸ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, «Carta Pastoral Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo», 11.

Precisam-se, igualmente, evangelizadores de conversas informais. Um bom momento para evangelizar é a partir de conversas informais, ou seja, levar aos outros os valores do Evangelho e o amor de Jesus Cristo de uma forma espontânea em qualquer lugar, por exemplo, no café, no trabalho, num jantar de amigos ou numa festa. (Cf. EG 127)

Além de tudo isto, segundo a *Evangelii Gaudium*, uma paróquia verdadeiramente missionária tem de ser entendida, igualmente, como uma mãe de coração aberto, (Cf. EG 46) onde todos os seres humanos possam ser bem acolhidos e possam encontrar misericórdia, perdão, amor e ânimo para viverem a vida segundo o Evangelho. (Cf. EG 114) A paróquia deve ter as portas abertas para todos e estar ao serviço de todos, tal como afirma João Paulo II: a comunidade cristã deve ser a «casa que se abre para todos e que está ao serviço de todos, ou como gostava de dizer o Papa João XXIII, o fontanário da aldeia a que todos acorrem na sua sede».²⁴⁹

No entanto, esta deve-se prevenir, para que todos aqueles que recorram ao fontanário não o encontrem vazio. Desde logo, necessita de ter alguma coisa para oferecer aos que lhe entram pelas portas a dentro. Assim, urge a necessidade de criar espaços e propostas de descoberta da fé. Por exemplo: cursos, nos quais se trate os princípios fundamentais da fé cristã, sem exigir qualquer compromisso àqueles que vêm à procura; cursos para os «reinciantes», dirigidos àqueles que se afastaram da Igreja e desejam novamente estabelecer diálogo. Estes têm essencialmente a finalidade de restaurar a relação com Deus, restabelecer a confiança e proporcionar um acompanhamento personalizado àqueles que regressam. Nota-se nestes sujeitos uma sede de Deus, contudo têm fracas noções de fé;²⁵⁰ grupos bíblicos, onde as pessoas possam saborear a palavra de Deus, deixando-se iluminar pela mesma; cursos de preparação para o matrimónio, tendo em vista a importância da família na sociedade e na Igreja; catequese para adultos; e formação dos agentes pastorais.²⁵¹

É considerável, ainda, o número de pessoas que ocorrem à paróquia, com desejo de receber um sacramento, sem perceberem o seu verdadeiro sentido. Perante esta situação é necessário ter atenção para não cair em extremos. Ou seja, por um lado, satisfazer o pedido, sem estabelecer qualquer condição, entrando na lógica da sociedade de consumo. Por outro lado, adotar uma atitude demasiado exigente, impondo certos critérios rigorosos no momento da preparação para o sacramento. Dessa forma, é importante encontrar um meio termo que

²⁴⁹ João Paulo II, «Exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici* de sua santidade o Papa João Paulo II sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo», par. 27, acedido 12 de Outubro de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html.

²⁵⁰ Cf. Marie-Agnès De Mateo e François-Xavier Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do espírito* (Prior Velho: Paulinas, 2016), 170–73.

²⁵¹ Cf. António da Cruz Gonçalves, «Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos», 101–2.

atenda a cada pessoa em específico, uma vez que cada ser humano tem uma história e uma forma de experimentar a fé diferente. Portanto, à imagem de Jesus Cristo, compete à paróquia missionária acolher todos aqueles que vêm ao seu encontro, amá-los tal como são e caminhar ao lado deles, respeitando o seu ritmo. Por isso, é fundamental trabalhar o acolhimento de todos aqueles que vêm à procura.²⁵²

A hospitalidade é uma marca importante da paróquia missionária. Assim, é convidada a promover atitudes de hospitalidade em vários momentos. Desde logo, no acolhimento daqueles que se distanciaram da fé e regressam por algum motivo, tal como para batizar um filho ou então para serem padrinhos.²⁵³

É necessário, da mesma forma, ter uma atenção especial para com as famílias enlutadas. Deste modo, a paróquia para atender a estas famílias, pode criar equipas destinadas ao acompanhamento das pessoas que estão a passar por um processo de luto, a fim de lhes proporcionar o calor da compaixão e a esperança na ressurreição.²⁵⁴

Além do mais, é essencial acompanhar os divorciados e os divorciados recasados, já que, cada vez mais, as pessoas estão a sofrer devido aos numerosos casos de separação. Desta forma, proibir estes indivíduos de participarem em alguns sacramentos talvez não seja a melhor solução, uma vez que gera sofrimento neles ao serem rejeitados pela Igreja. Além de que, esta é uma ótima oportunidade para testemunhar que a instituição eclesial os quer apoiar e fazer caminho com eles.²⁵⁵

Todos têm o direito de serem bem acolhidos na Igreja. Aliás, todos estão chamados a participar na vida da comunidade e a contribuírem para o crescimento da mesma, independentemente dos seus estados de vida, uma vez que na Igreja existe uma diversidade de missões. Por isso, o leque das responsabilidades dentro das comunidades cristãs deve ser alargado ao maior número de cristãos e não estar apenas reservado para alguns, visto que existe muito a tendência de confiar sempre as mesmas tarefas aos mesmos.²⁵⁶

Destaca-se, inclusive, a necessidade de escolher bons líderes e não centralizar todas as atividades no pároco. Cada líder deve desenvolver uma equipa e assumir a responsabilidade de uma das vertentes da pastoral, mantendo-se sempre em comunhão com as restantes pastorais. Assim sendo, deve haver um encarregado da liturgia, da administração, da catequese, da diaconia e da comunhão.²⁵⁷ Outro aspeto revelante é a criação de pequenas comunidades

²⁵² Cf. De Mateo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do espírito*, 175–77.

²⁵³ Cf. De Mateo e Amherdt, 186–87.

²⁵⁴ Cf. De Mateo e Amherdt, 200.

²⁵⁵ Cf. De Mateo e Amherdt, 201.

²⁵⁶ Cf. De Mateo e Amherdt, 189–90.

²⁵⁷ Cf. De Mateo e Amherdt, 192–94.

evangelizadoras, tal como vimos no primeiro capítulo, apoiadas na oração, no serviço, no encontro e na partilha da fé.

A paróquia missionária deve procurar ser casa para os pobres, na qual se sintam como em sua própria casa. Tal como refere João Paulo II: «devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”». ²⁵⁸ Ela deve ser o lugar, por excelência, onde os excluídos e os esquecidos da sociedade veem reconhecida a sua dignidade como filhos de Deus. ²⁵⁹ Esta tem de se esforçar por ter gestos de solidariedade para com eles, à imagem de Jesus Cristo que sempre mostrou a sua preferência pelos mais desfavorecidos.

Por fim, é o momento oportuno para nos perguntarmos o que se passa na vida das nossas paróquias ou das nossas unidades pastorais: O que é que temos para oferecer aos não-crentes e às pessoas que andam à procura de Deus? Como é que acompanhamos as pessoas? Como é que acolhemos as pessoas que nos entram pelas portas adentro? Temos o cuidado de formar as pessoas que estão empenhadas na comunidade? Como é que funcionam as nossas equipas pastorais? Como é que acolhemos e vamos ao encontro dos pobres? ²⁶⁰

²⁵⁸ João Paulo II, «Carta apostólica Novo Millennio Ineunte do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000», par. 50, acedido 18 de Outubro de 2022, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html.

²⁵⁹ Cf. De Mateo e Amherdt, *Abrir-se à fecundidade do espírito*, 195–98.

²⁶⁰ Cf. De Mateo e Amherdt, 211–13.

Conclusão

A presente pesquisa abordou a questão da transformação missionária da Igreja e ajudou-nos a tomar consciência da urgência de uma Igreja missionária, como resposta aos desafios do mundo contemporâneo. Este trabalho tem por base dois grandes documentos: o *Documento da Aparecida* e a *Evangelii Gaudium*, seguindo também de muito perto as restantes Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: no Rio de Janeiro, em Medellín, em Puebla e em Santo Domingo.

No primeiro capítulo, partindo do *Documento da Aparecida*, foi feita uma análise da realidade contemporânea. De tal forma, demos conta que a sociedade na atualidade é caracterizada por grandes mudanças que afetam a vida dos povos e são um grande desafio para a Igreja, destacando as principais causas, entre elas: a globalização, o ateísmo, o consumismo e o individualismo. Por conseguinte, concluímos que a Igreja tem de adotar uma nova postura evangelizadora, face à realidade que estamos a viver. Neste sentido, fundamentados no documento da V Conferência do Episcopado Latino-Americano, propusemos um caminho de evangelização e renovação eclesial com base na formação de discípulos missionários. Além do mais, averiguamos que este caminho de renovação missionária da Igreja passava, também, pela opção preferencial dos pobres, fazendo-se presente nas novas realidades sociais e existenciais de exclusão, e pela formação de pequenas comunidades, à imagem das primeiras comunidades cristãs, pois nestas promove-se melhor a oração, o serviço, o encontro e a partilha.

No segundo capítulo, abordou-se novamente a questão da transformação missionária da instituição eclesial, mas agora tendo por base a *Evangelii Gaudium*. Assim, partimos do discernimento que o Papa Francisco fez dos desafios dos tempos atuais. De seguida, tratámos a reforma missionária da Igreja, como resposta a esses desafios, analisando os vários momentos da história, a fim de percebermos melhor o projeto de renovação missionária que o Papa propõe. Posteriormente, refletimos sobre a necessidade de uma Igreja pobre para os pobres. E ainda se referiram pontos em comuns entre o *Documento da Aparecida* e a *Evangelii Gaudium*, já que ambos estão intimamente relacionados.

De tudo isto, concluiu-se que de facto anunciar o Evangelho nos tempos atuais é um desafio. Desde logo, porque a humanidade atravessa uma profunda transformação, fruto dos vários progressos sociais. Por conseguinte, constata-se um clima pouco favorável ao anúncio da Boa Nova, uma vez que vivemos num tempo de perseguição aos cristãos, de indiferença relativista, de crise ideológica, de consumismo e de secularização. Além de que, é considerável também o aumento das distrações e das tentações. No entanto, apesar de todas estas mudanças culturais, é tempo de Deus e de anúncio do Evangelho.

Observamos que ao longo dos séculos, a Igreja passou por vários momentos de crise e tentou sempre dar resposta a esses mesmos. Por isso, na atualidade, temos de encarar estes desafios como uma oportunidade de inovar, tornado as estruturas eclesiais mais acolhedoras e atrativas. Portanto, apoiados na *Evangelii Gaudium*, constatamos que o Papa Francisco pretende uma reforma missionária que atinja a estrutura eclesial na sua totalidade, especialmente as suas estruturas centrais: a cúria romana, as conferências episcopais e o ministério petrino. Vimos que o grande propósito do Papa é renovar o ser e o agir da instituição eclesial, apontando para uma Igreja em saída. Por conseguinte, apela que esta tenha a coragem de deixar a sua zona de conforto para anunciar o Evangelho a todos, com especial preferência pelos marginalizados.

Assim sendo, depreendemos que o Concílio Vaticano II não deu o destaque necessário ao tema dos pobres. Contudo, este não foi silenciado, pois vários padres conciliares realizaram um pacto sobre a Igreja pobre, o chamado Pacto das Catacumbas. Vimos, igualmente, que Francisco no seu pontificado não põe de parte este tema, pois tem consciência que a reforma missionária, que tanto anseia, consiste no regresso aos pobres e marginalizados. Por isso, observamos que Francisco sonha com uma Igreja pobre para os pobres. Dessa maneira, começa por concretizar este sonho na sua própria pessoa, a partir do seu agir e da escolha do seu nome (Francisco). De tudo isto, compreendemos que os pobres têm de ser o centro da Igreja, os destinatários privilegiados do Evangelho e que, enquanto cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade humana.

Além do mais, verificamos que o *Documento da Aparecida* e a *Evangelii Gaudium* complementam-se, uma vez que existe uma continuidade entre ambas e têm pontos em comum, entre os quais vimos e exploramos mais intensamente: a renovação das estruturas eclesiais; a centralidade dos pobres; e os desafios da inculturação e transmissão da fé; Desta forma, chegamos à conclusão que o Papa Francisco retoma as convicções do *Documento de Aparecida*, já que recriou e impulsionou a sua proposta no mundo atual, através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.

No terceiro capítulo, elaborámos um percurso de transformação missionária da comunidade paroquial, partindo de uma afirmação do Papa Francisco, presente na *Evangelii Gaudium*: «a paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração». (EG 28)

Começamos por descrever a paróquia como âmbito para a escuta da palavra de Deus e averiguamos que a paróquia missionária precisa de proporcionar aos seus membros espaços onde possam estabelecer uma relação com a palavra divina, uma vez que a paróquia tem como

preósito oferecer o encontro com Jesus Cristo e a palavra Deus favorece esse mesmo encontro. Desse modo, entre as muitas formas de aproximação à Sagrada Escritura, propusemos a *lectio divina*, a catequese e a homilia.

Compreendemos que a *Lectio divina* é um caminho espiritual que conduz à união com Deus, a partir da leitura dos textos bíblicos. Além disso, concluiu-se, igualmente, que tanto a catequese como a homilia devem estar bem fundamentadas na palavra divina, para que proporcionem um verdadeiro momento de encontro com Deus e de transmissão da fé.

Posteriormente, consideramos a comunidade cristã como um espaço para a formação de discípulos missionários de Jesus Cristo. Percebemos que, como resposta às mudanças antropológicas-culturais, que colocam sérios desafios à vida religiosa e à Igreja, é necessário investir na formação dos cristãos, isto é, criar espaços na paróquia dedicados à formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, onde se preze por uma formação permanente, dinâmica e integral. De tal forma, exploramos a iniciação cristã, a catequese permanente e a formação no âmbito familiar. Assim sendo, concluímos que a iniciação cristã é um processo de aprendizagem gradual, que introduz os cristãos no amor, no conhecimento e no seguimento de Cristo. Por conseguinte, reconhecemos que esta é um elemento fundamental na paróquia missionária, porque renova atividade missionária da comunidade e forma discípulos missionários de Jesus Cristo.

Relativamente à catequese notamos que, perante as mudanças sociais da atualidade, é necessária uma conversão catequética. Por isso, refletimos sobre a urgência de passar de uma catequese que apenas se preocupa em transmitir conteúdos doutrinários, para uma catequese que proporcione o encontro pessoal com Jesus Cristo.

No que se refere à formação no âmbito familiar, por um lado, observamos que a família é um lugar fecundo para despertar a fé, e por outro lado, vimos que as mudanças antropológicas-culturais têm influenciado muito a experiência e o conceito de ser de família. Assim sendo, deduzimos que, apesar de todas as circunstâncias da sociedade, a família não é uma realidade caduca, mas um elemento essencial para a educação e transmissão da fé.

De seguida, refletimos sobre a missão e chegámos à conclusão de que a comunidade dos crentes é chamada a sair comodidade das suas estruturas tradicionais e anunciar o Evangelho a todos. Portanto, demonstramos que os cristãos devem trabalhar na sua conversão interior, para darem um bom testemunho de Cristo. Além disso, analisamos a necessidade da comunidade cristã acolher todos aqueles que vêm ao seu encontro, como uma mãe que acolhe os seus filhos. Assim, afirmamos que uma paróquia missionária precisa de ter algo para oferecer àqueles que lhe entram pelas portas adentro, como por exemplo, espaços e propostas de

descoberta de fé. Precisa, também de ser casa para os pobres, onde os mesmos se sintam verdadeiramente acolhidos, valorizados e integrados.

Para terminar, de modo geral, alcançamos os objetivos que traçamos no início deste trabalho. Contudo, sabemos que este tema é muito abrangente e não o conseguimos tratar na sua plenitude. Desta forma, poderíamos continuar esta pesquisa, uma vez que existem muitos outros tópicos que poderiam ser tratados mais profundamente, entre os quais destaco: a piedade popular como ponto de partida para a nova evangelização; a denúncia da exclusão social e da desigualdade social; a evangelização da cultura; a cidade como um lugar privilegiado para a nova evangelização, entre outros.

Bibliografia Geral

Magistério

- Bento XVI. «Encíclica Deus Caritas Est». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html.
- . «Exortação Apostólica pós-sinodal Verbum Domini». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html.
- . «Declaratio». Acedido 1 de Março de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2013/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20130211_declaratio.pdf.
- . «Discurso do Papa Bento XVI à primeira assembleia plenária do pontificado conselho para a promoção da Nova Evangelização». Acedido 21 de Abril de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20110530_nuova-evangelizzazione.pdf.
- . «Discurso Na Sessão Inaugural Da V Conferência-Geral Do Episcopado Da América Latina e Do Caribe». Acedido 8 de Dezembro de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html.
- . «Oração do santo rosário e encontro com os sacerdotes, os religiosos, as religiosas, os seminaristas e os diáconos - discurso do Papa Bento XVI». Acedido 9 de Dezembro de 2021. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070512_rosario-brazil.html.
- . «Santa missa para a abertura do sínodo dos bispos e proclamação de São João de Ávila e de Santa Hildegard de Beingen “Doutores da Igreja”»: Homilia do Papa Bento XVI». Acedido 2 de Fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121007_apertura-sinodo.pdf.
- . «Santa missa para a conclusão do sínodo dos bispos, homilia do papa Bento XVI». Acedido 3 de Fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121028_conclusionone-sinodo.pdf.
- CELAM. «III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano documento de Puebla». Acedido 13 de Dezembro de 2022. http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf.
- . «V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe Documento de

- Aparecida». Acedido 13 de Dezembro de 2022. http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf.
- . «Conclusões da II Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano». Acedido 1 de Julho de 2022. https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf
- . «Documento de Medellín. Conclusões da II conferência geral do episcopado Latino-Americano». Acedido 29 de Novembro de 2021. https://pjmp.org/subsidios_arquivos/cnbb/Medellin-1968-2CELAM-PORTUGUES.pdf
- . *Evangelização da cultura hoje: oportunidades e ameaças*. Bogotá: Editora Celam, 2007.
- . «Globalización y nueva evangelización en América Latina e el Caribe». Acedido 27 de Novembro de 2021. <https://dioscaminaconsumpueblo.files.wordpress.com/2013/07/globalizacic3b3n-y-nueva-evangelizacic3b3n-en-al-y-c2.pdf>.
- . «IV Conferência Do Episcopado Latino Americano». Acedido 1 de Julho de 2022. http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf.
- Concílio Ecumênico Vaticano II. «Constituição dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html.
- . «Constituição dogmática sobre a revelação divina Dei Verbum». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html.
- . «Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo Gaudium et Spes». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.
- . «Decreto sobre a atividade missionária da Igreja Ad Gentes». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html.
- Conferência Episcopal Portuguesa. «Ritual de Iniciação Cristã de Adultos». Acedido 13 de Dezembro de 2022. <https://www.liturgia.pt/rituais/RICA.pdf>.
- . «Carta Pastoral Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo». *Pastoral*

catequética 14, n. 42–43 (2018).

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Documento da CNBB 107*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Diretório para a Catequese*. Lisboa: Fundação SNEC, 2020.

Francisco. «Exortação Apostólica Evangelii Gaudium». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

———. «Exortação Apostólica Pós-sinodal Amoris Laetitia». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html.

———. «Carta apostólica sob a forma de motu proprio do sumo pontífice Francisco competências quasdam decenere pela qual se modificam algumas normas do código direito canónico e do código dos cânones das Igrejas orientais». Acedido 26 de Abril de 2022. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/02/15/0109/00219.pdf>.

———. «Encontro com a cúria romana na apresentação de votos natalícios, discursos do Santo Padre Francisco». Acedido 27 de Fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/december/documents/papa-francesco_20161222_curia-romana.html.

———. «Encontro com os cardeais e colaboradores da cúria romana para troca de bons votos de Natal». Acedido 25 de Fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html#_ftn17.

———. «Encontro com os representantes dos meios de comunicação social, discurso do Santo Padre Francisco». Acedido 17 de Março de 2022. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.pdf.

João Paulo II. «Exortação Apostólica Catechesi Tradendae». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html.

———. «Carta apostólica Novo Millennio Ineunte do sumo pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do grande jubileu do ano 2000». Acedido 18 de Outubro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html.

- . «Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam». Acedido 24 de Outubro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html.
- . «Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles Laici de sua santidade o Papa João Paulo II sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo». Acedido 12 de Outubro de 2022. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html.
- João XXIII. «Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del concilio vaticano II». Acedido 14 de Março de 2022. https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.pdf.
- Paulo VI. «Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi». Acedido 13 de Dezembro de 2022. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.
- RELAMI. «Pacto das catacumbas da Igreja serve e pobre». Acedido 16 de Março de 2022. http://www.missiologia.org.br/wp-content/uploads/cms_documentos_pdf_15.pdf.
- Sínodo dos Bispos. «A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo. Relatório final do sínodo dos bispos ao Santo Padre Francisco». Acedido 6 de Outubro de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html.
- . «XIII assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, mensagem ao povo de Deus». Acedido 2 de Fevereiro de 2022. https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20121026_message-synod_po.html.

Publicações periódicas

- Ahumada, Enrique Garcia. «Implicaciones catequéticas de verbum domini». *UCMale - Revista Académica*, n. 43 (2012): 9–26.
- Alvarenga, Marcel Gustavo. «Homilia e realidade: elementos constitutivos da pregação homilética». *Pesquisas em Teologia* 4, n. 7 (2021): 158–71. <https://doi.org/10.46859/pucRio.acad.pqteo.2595-9409.2021v4n7p158>.
- Amado, Joel. «Mudança De Época E Conversão Pastoral: Uma Leitura Das Conclusões De Aparecida». *Atualidade Teológica* 2008, n. 3 (2011): 301–16. <https://doi.org/10.17771/pucRio.ateo.18418>.

- Aquino Júnior, Francisco de. «“Igreja dos Pobres”, Uma nota eclesiológica fundamental». *Atualidade Teológica* 22, n. 59 (2018): 332–62. <https://doi.org/10.17771/pucrio.ateo.32732>.
- Ávila, António. «Amoris laetitia, uma aplicação da Evangelii gaudium à realidade da família». *Pastoral catequética* 13–14, n. 39–40 (2018).
- Barroso, Anderson Silva. «O pacto das catacumbas : da pobreza “ sem rosto ” ao novo rosto dos pobres». *Revista Eletrônica da FAJE* 11, n. 1 (2020): 83–97.
- Beltrán, Ginés. «La dimensión social de la evangelización en la Exhortación Apostólica Evangelii Gaudium». *Scripta Theologica* 46 (2014): 461–81.
- Bertoldi, Marlene, Silvia Regina Da Rosa Togneri, e Maria De Fátima Stippe. «Iniciação à Vida Cristã a partir da casa e da comunidade». *Revista Encontros Teológicos* 91, n. 1 (2022): 31–53. <https://doi.org/10.46525/ret.v91i1.1700>.
- Bingemer, Maria. «Eclesialidade e cidadania. O lugar do laicato no documento da aparecida.» *Revista eclesialística Brasileira* 67, n. 268 (2007): 977–1000. <https://doi.org/10.29386/reb.v67i268.1489>.
- Brighenti, Agenor. «Documento da aparecida o contexto do texto». *Revista eclesialística Brasileira* 67, n. 268 (2007): 773–800. <https://doi.org/10.29386/reb.v67i268.1479>.
- . «Por Uma Evangelização Realmente Nova». *Perspectiva Teológica* 45, n. 125 (2014): 83. <https://doi.org/10.20911/21768757v45n125p83/2013>.
- . «Rumo à V conferência de aparecida: caminhos de preparação e significado do evento». *Perspectiva Teologica* 39 (2007): 103–19.
- Carmo, Solange Maria do. «Um mundo secularizado que desafia a catequese». *Revista Pistis Praxis* 7, n. 1 (2015): 255. <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.07.001.ao04>.
- Cavaca, Osmar. «Estudo da eclesiologia do papa Francisco a partir da Evangelii Gaudium». *Revista de Cultura Teológica* 22, n. 83 (2014): 15–34.
- Codina, Víctor. «Ecclesiology of Vatican II». *Perspectiva Teologica* 45, n. 127 (2013).
- Condori Cutimbo, Raúl. «Reflexiones desde la Evangelii Gaudium». *Phainomenon* 14, n. 1 (2015): 95–103. <https://doi.org/10.33539/phai.v14i1.104>.
- Coutinho, Sergio. «Conversão pastoral e renovação missionária a partir das CEBs». *Encontros Teológicos* 25, n. 3 (2010): 111–22. <https://doi.org/https://doi.org/10.46525/ret.v25i3.258>.
- Curró, Salvatore. «O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese. Começar a partir da família?» *Pastoral catequética* 13–14, n. 39–40 (2018).
- Dias, A.Gomes. «Nova Evangelização». *Humanística e teologia* 12, n. 3 (1991). <https://doi.org/https://doi.org/10.34632/humanisticaeteologia.1991.3673>.
- Diekmann, Leonardo, e Adriano Maslowski. «Medellín. A conversão pastoral da paróquia em

- uma Igreja profética.» *Revista Teopraxis* 37, n. 128 (2020): 71–89. <https://doi.org/https://doi.org/10.52451/teopraxis.v37i128.28>.
- Duque, João. «A família como fermento evangelizador da sociedade». *Pastoral catequética* 13, n. 36 (2016).
- . «Do Sepulcro Vazio Ao Olimpo Revisitado: O Regresso Dos Deuses Depois Da Morte De Deus». *Atualidade Teológica* XXIII, n. 61 (2019). <https://doi.org/10.17771/pucRio.ateo.37762>.
- Feller, Vitor Galdino. «Reforma da Igreja». *Perspectiva Teologica* 46, n. 128 (2014): 1–20. <https://doi.org/10.20911/21768757v46n128p21/2014>.
- Fernando Bedoya, Diego. «Las comunidades paulinas paradigma de la iniciación cristiana en la Iglesia». *Cuestiones Teológicas* 41, n. 96 (2014): 327–46.
- Galli, Carlos. «Francisco y Aparecida hacia el futuro». Acedido 31 de Janeiro de 2022. [http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/Francisco y Aparecida hacia el futuro - Galli.pdf](http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/Francisco_y_Aparecida_hacia_el_futuro_-_Galli.pdf).
- . «La novedad de América Latina en la nueva evangelización Diálogo con el Instrumentum laboris para el Sínodo de 2012 Lucio Gera: in memoriam». *Revista Teologica* 49, n. 108 (2012): 101–72.
- . «La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de Evangelii Gaudium». *Gregorianum* 96, n. 1 (2015): 25–50.
- . «La teología pastoral de Aparecida, una de las raíces latinoamericanas de Evangelii Gaudium». *Gregorianum* 96, n. 1 (2015): 25–50.
- Hubert, Andrés. «Aproximación Teológica al documento de Aparecida.» *Cuadernos de Teología* 1, n. 1 (2009): 34–46. <https://doi.org/10.22199/s07198175.2009.0001.00004>.
- Jiménez Rodríguez, Manuel José. «Iglesia pobre para los pobres». *Revista de Educación Religiosa* 1, n. 1 (2018): 139–62. <https://doi.org/10.38123/rev.v1i1.29>.
- Júnior, Francisco. «Medellín - Centralidade dos pobres na Igreja: clamores e resistências atuais». *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 16, n. 50 (2018): 576–99. <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2018v16n50p576-599>.
- . «“Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral». *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral* 8, n. 3 (2016): 631–57.
- Júnior, João, e Drance Silva. «O clamor dos pobres: uma interpelação à consciência religiosa e à fé cristã». *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 17, n. 54 (2019): 1503. <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2019v17n54p1503>.
- Kasper, Walter. «El Vaticano II: intención, recepción, futuro». *Revista Teología* 52, n. 117 (2015): 95–115.

- Lenz, Matias Martinho. «O concílio do Vaticano II: a presença da Igreja no mundo em espírito de serviço, em especial aos mais pobres». *Revista Pistis Praxis* 4, n. 2 (6 de Outubro de 2012): 421. <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.6107>.
- Lima, José. «Formação cristã na comunidade paroquial». *Encontros Teológicos* 65, n. 2 (2013): 65–78.
- Lourenço, Vitor Hugo. «A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium». *Revista de Cultura Teológica* 25, n. 89 (2017).
- Manzatto, Antonio, e Robert Landgraf. «O Reino de Deus e seus destinatários, em uma Igreja pobre para os pobres». *Revista Encontros Teológicos* 35, n. 3 (2020): 569–92. <https://doi.org/10.46525/ret.v35i3.1616>.
- Melo, António. «Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini». *Interações: Cultura e Comunidade* 6, n. 9 (2011).
- Milán, Fernando. «Lectio divina: An ancient and current way of praying with the sacred scripture». *Scripta Theologica* 51, n. 1 (2019): 161–87. <https://doi.org/10.15581/006.51.1.161-187>.
- Miranda, Mario de França. «O concílio Vaticano II ou a Igreja em contínuo Aggiornamento». *Revista Pistis Praxis* 4, n. 2 (2012): 395–420.
- Miranda, Mário De França. «Instituição E Indivíduo Na Reforma Eclesial De Lutero E De Francisco». *Perspectiva Teológica* 49, n. 1 (2017): 17. <https://doi.org/10.20911/21768757v49n1p17/2017>.
- Pádua, Lúcia. «A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla». *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 17, n. 54 (2019): 1479. <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2019v17n54p1479>.
- Passos, João. «O Laicato a Partir Do Documento De Aparecida». *Perspectiva Teológica* 50, n. 3 (2018): 541. <https://doi.org/10.20911/21768757v50n3p541/2018>.
- . «A Reforma Do Papado: Primado Na Colegialidade». *Perspectiva Teológica* 48, n. 1 (2016): 37. <https://doi.org/10.20911/21768757v48n1p37/2016>.
- Pereira Delgado, Álvaro. «Lectio divina: De la lectura al encuentro». *Isidorianum* 24, n. 47–48 (2015): 73–88. <https://doi.org/10.46543/isid.1524.1006>.
- Peretti, Clélia, e Jeverson Nascimento. «Puebla: Da opção pelos pobres a uma Igreja em saída». *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. 13, n. 24 (11 de Janeiro de 2019): 53–64. <https://doi.org/10.23925/2177-952X.2019v13i24p53-64>.
- Pinho, José Eduardo Borges De. «“A alegria do amor na família é o jubilo da Igreja” O lugar da família na transmissão da fé». *Pastoral catequética* 12, n. 36 (2016).

- Retamales, Santiago Silva. «A “Palavra De Deus” Na V Conferência De Aparecida». *Atualidade Teológica* 2007, n. 3 (2011): 342–71. <https://doi.org/10.17771/pucrio.ateo.18723>.
- Santos, Alex Cristiano Dos, e Solange Maria Do Carmo. «Des-escolarizando a catequese». *Revista Pistis Praxis* 9, n. 2 (2017): 557. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.002.ao01>.
- Sousa, Ney, e Márcio Lima. «Princípios e práticas fundamentais de uma Igreja cristã saudável». *Teocomunicação* 48, n. 2 (2018): 231–40. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2018.2.32080>.
- Souza, Ney De. «Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007). Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe». *Revista de Cultura Teológica*. 16, n. 64 (2008): 127. <https://doi.org/10.19176/rct.v0i64.15533>.
- . «Lercaro e a Igreja dos pobres». *Revista De Cultura Teológica* 29, n. 99 (2021). <https://doi.org/10.23925/rct.i99.54386>.
- Steiner, Leonardo. «Nova Evangelização para a transmissão da fé Ecos do Sínodo dos Bispos». *Encontros Teológicos* 29, n. 1 (2014): 131–50.
- Suza, Ney, e Tiago Cosmo da Silva Dias. «Por uma reforma do Papado: história, apelos e caminhos à luz do Pontificado do Papa Francisco». *Revista de Cultura Teológica* 29, n. 98 (2021). <https://doi.org/DOI-10.23925/rct.i98.52195>.
- Trigo, Pedro. «Una Iglesia pobre para los pobres ¿Adónde nos lleva el sueño del papa Francisco?» *Revista Latinoamericana de Teología* 30, n. 90 (2013): 247–62. <https://doi.org/10.51378/rlt.v30i90.4665>.
- Wolff, Elias. «A renovação da “Igreja em saída” e suas contribuições para o ecumenismo». *Revista de Cultura Teológica* 29, n. 98 (2021). <https://doi.org/10.23925/rct.i98.52536>.
- . «Reforma e Ecumenismo no pontificado do Papa Francisco». *Revista Pistis Praxis* 9, n. 2 (2017): 523. <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.002.ds07>.
- . «Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco». *Horizonte* 12, n. 34 (2014): 534–67. <https://doi.org/10.5752/p.2175-5841.2014v12n34p534>.
- Zavaleta, Eleví Santos. «Lectio Divina desde la accion humana». *Revista Albertus Magnus* 6, n. 2 (2015): 355–69.

Monografias

- Antônio da Cruz Gonçalves, Vasco. «Uma Pastoral Sensível à Iniciação Cristã dos Adultos». Em *Propor a fé numa pluralidade de caminhos*, editado por Luis M. Figueiredo Rodrigues.

- Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- Boff, Leonardo. *Eclesiogénesis. Las comunidades de base reiventan la Iglesia*. Santander: Editorial Sal terrae, 1984.
- . *Teología desde el lugar do pobre*. Santander: Editorial Sal terrae, 1986.
- Borobio, Dionisio. *La Iniciación Cristiana*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1996.
- . *Pastoral dos Sacramentos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- Brighenti, Agenor. *La desafiante propuesta de Aparecida*. Bogotá: San Pablo, 2008.
- . «Pedagogia e método para uma recepção criativa de aparecida». Em *A missão em debate. Provocações à luz de Aparecida*, editado por Agenor Brighenti e Rosario Hermano, 273–87. São Paulo: Paulinas, 2010.
- Castela, Jorge. *Evangelizar em tempos de mudança*. Porto: Edições Salesianas, 2020.
- Coutinho, Jorge. *Os caminhos da razão no horizonte de Deus. Sobre as razões do crer*. Coimbra: Edições Tenacitas, 2010.
- Duque, João. *Homo Credens. Para uma teologia da fé*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.
- Duque, Luis. *El camino pastoral de la iglesia en América Latina e el caribe*. Bogotá: Editorial San Pablo, 2010.
- Fuentes Vicente, Andrés. *O Neocatecumenado. Un Camino de Iniciación Cristiana*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1996.
- Hart, David. *Ilusões dos ateus. A revolução cristã e seus adversários da moda*. Braga: Editorial Frente e verso, 2009.
- Mateo, Marie-Agnès De, e François-Xavier Amherdt. *Abrir-se à fecundidade do espírito*. Prior Velho: Paulinas, 2016.
- Pereira, José. *Conversão pastoral - Reflexões sobre o documento 100 da CNBB em vista da renovação paoquial*. São Paulo: Paulus, 2016.
- Rodrigues, Luis M. Figueiredo. «A Catequese ao serviço da Iniciação Cristã». Em *Secretariado Nacional da Educação Cristã, Fórum da Catequese*, editado por Secretariado Nacional da Educação Cristã, 65–72. Lisboa, 2003.
- . «Iniciação de adultos: processos e tempos». Em *A iniciação cristã em tempos de secularização*, editado por António Abel Canavarro. Porto: Universidade Católica Editora, 2021.
- Sotomayor, Emilio Aberich. *La familia, lugar de educación en la fé?* Madrid: PPC Editorial, 2013.